

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

Suéllen Pessanha Buchaúl

INVESTIGAÇÕES SOBRE O MASOQUISMO NA TEORIA FREUDIANA

Rio de Janeiro

2015

Suélien Pessanha Buchaúl

INVESTIGAÇÕES SOBRE O MASOQUISMO NA TEORIA FREUDIANA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Perelson.

Rio de Janeiro

2015

Buchaúl, Suéllen Pessanha.

Investigações sobre o masoquismo na teoria freudiana / Suéllen Pessanha
Buchaúl. – Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2015.
116 f.; 29,7 cm.

Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2015.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Perelson

Referências Bibliográficas: f. 111-116.

1. Masoquismo. 2. Sexualidade. 3. Pulsão de vida. 4. Pulsão de morte. 5. Psicologia (Teses). I. Perelson, Simone (Orient.) II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título.

Suéllen Pessanha Buchaúl

INVESTIGAÇÕES SOBRE O MASOQUISMO NA TEORIA FREUDIANA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em:

Profa. Dra. Simone Perelson, UFRJ (orientadora)

Prof. Dr. Joel Birman, UFRJ

Profa. Dra. Maria Isabel Fortes, PUC-Rio

Ao meu querido Leonardo.

Agradecimentos

Ao meu querido Leonardo, pela fonte infinita de amor que nos une e nos leva a acreditar em possibilidades... Seu jeito único e sua força indescritível me ensinaram a ver novas cores, me proporcionando a cada dia sorrisos infindáveis. À minha mãe (*in memoriam*) por inspirar a força da persistência pela vida e pelos sonhos. À Profa. Simone Perelson, pela acolhida e orientação desta pesquisa. Ao Prof. Joel Birman, pelo acolhimento permanente, pelas contribuições valiosas e por aceitar fazer parte da banca de defesa. À Profa. Isabel Fortes, pelas contribuições e por participar da banca de defesa. Aos meus amigos e familiares. Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

Suellen.

Vernunft wird Unsinn, Wohltat Plage
Goethe, *Fausto*, parte I, cena4.

Lupus est homo homini non homo
Plauto (254-184 a. C.).

RESUMO

BUCHAÚL, Suéllen Pessanha. *Investigações sobre o masoquismo na teoria freudiana*. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta dissertação tem como propósito apresentar uma leitura sistemática do conceito de masoquismo, colocando em evidência as reformulações e impasses teóricos que o conceito em questão sofreu ao longo da teoria freudiana.

O primeiro capítulo aborda a maneira como se formou o termo masoquismo sob a pena de Krafft-Ebing, indicando a fonte de sua inspiração – a literatura de Sacher-Masoch – e, posteriormente, revelando a forma como essa noção foi subvertida pela psicanálise.

O segundo capítulo trabalha o conceito de masoquismo no contexto da primeira teoria das pulsões, concentrando-se nos textos *Pulsões e seus destinos* e *Bate-se em uma criança*. Constata-se que, neste momento da teorização freudiana, o masoquismo tem sua função relacionada a uma das modalidades de defesa na circunscrição das pulsões no aparelho psíquico.

O terceiro capítulo versa sobre a maneira como masoquismo adquire uma posição de destaque na metapsicologia, tendo como pano de fundo a segunda teoria das pulsões. Neste contexto, o masoquismo passa a ser concebido como originário no psiquismo. Além disso, ele atua como uma função estruturante do eu para lidar com o desamparo primordial.

Palavras-chave: masoquismo, sexualidade, pulsão de vida, pulsão de morte, desamparo.

ABSTRACT

BUCHAÚL, Suéllen Pessanha. *Investigations on masochism in the Freudian theory*. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The purpose of this essay is to present a systematic reading about the concept of masochism, putting into light its reformulations and theoretical impasses for which this subject underwent in the Freudian theory.

The first chapter deals with the manner by which Krafft-Ebing formed the term “masochism”, outpointing its source of inspiration – the reading of Sacher-Masoch – and, later, revealing the way by which this notion was subverted by psychoanalysis.

The second chapter works with the concept of masochism in the context of the first theory of instincts, focusing on the texts “Instincts and their Vicissitudes” and “A child is being beaten”. It is found out that, in this moment of Freudian theorization, masochism has its functions related to one of the defensive modalities of the psychic apparatus.

The third chapter verses over the way by which masochism acquires a prominent position in metapsychology, having as its backdrop the second theory of instincts. In this context, masochism starts to be conceived as a primary element in psychism. In addition, it acts as a structuring role of the self in order to deal with the primordial helplessness.

Key-words: masochism, sexuality, life instinct, death instinct, helplessness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: A ORIGEM DO CONCEITO DE MASOQUISMO	17
1.1. O conceito de masoquismo em <i>Psychopatia Sexualis</i>	17
1.2. Masoquismo: entre o normal e o patológico	20
1.3. Sacher-Masoch e a sua <i>A Vênus das peles</i>	25
1.3.1. A obra <i>A Vênus das peles</i>	28
1.4. O masoquismo e a teoria da sexualidade.....	30
1.4.1. As perversões segundo a leitura freudiana	33
1.4.2. Sadismo e masoquismo	36
1.5. Críticas ao sadomasoquismo: Deleuze e Laplanche.....	38
1.6. Entre a dor (<i>Schmerz</i>) e o desprazer (<i>Unlust</i>).....	39
CAPÍTULO 2: O MASOQUISMO NA PRIMEIRA TEORIA DAS PULSÕES.....	43
2.1. Na parcialidade pulsional	44
2.2. O masoquismo e a pulsão sexual.....	46
2.3. O masoquismo e os destinos pulsionais	47
2.3.1. Objeto/sujeito no masoquismo	49
2.3.2. A reversão amor-ódio.....	53
2.4. Uma fantasia masoquista: “bate-se em uma criança”	55
2.4.1. Introdução.....	55
2.4.2. Sacher-Masoch (criança) é espancado	56
2.4.3. As três fases da fantasia de espancamento	57
2.4.4. Análise freudiana sobre as fantasias de espancamento	59
2.4.5. A fantasia de espancamento nos meninos	63
2.4.6. Algumas conclusões de <i>Bate-se em uma criança</i>	64
2.5. Críticas ao texto <i>Bate-se em uma criança</i>	65
CAPÍTULO 3: A SEGUNDA FACE DO MASOQUISMO	69
3.1. O masoquismo no novo dualismo pulsional.....	70
3.1.1. Da compulsão à repetição à caminho da pulsão de morte.....	72
3.1.2. O masoquismo e a postulação das pulsões destrutivas.....	77

3.2. O lugar do masoquismo na segunda metapsicologia freudiana.....	79
3.3. A economia problemática do masoquismo	83
3.3.1. Masoquismo originário	85
3.3.2. Masoquismo feminino.....	86
3.3.3. Masoquismo moral.....	87
3.4. Supereu e Eu - uma relação de poder e castigo.....	88
3.5. O masoquismo na experiência da reação terapêutica negativa	89
3.6. O masoquismo como um conceito estrutural	93
3.7. O masoquismo como proteção ao desamparo	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa foi motivado a partir das discussões teóricas suscitadas durante as aulas ministradas pelo professor/ psicanalista Joel Birman, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que tive a honra de acompanhar durante os anos de 2010 e 2011. Sua leitura coloca em destaque o masoquismo como um modo subjetivo que o sujeito lança mão para se proteger contra a condição fundamental do desamparo.

Nota-se que os tempos atuais caracterizam-se por uma tendência em que a subjetividade é deslocada do campo vertical para o campo da superfície e do espaço, há um enfraquecimento da zona de demarcação do plano patriarcal (BIRMAN, 2012). Para lidar com este cenário, o sujeito estabelece uma relação de submissão e dependência se desqualificando diante do outro – é o outro que ganha cena no lugar do desejo daquele (VAZ, 2014). Assim, o ‘modo de constituição dos *eus*’ passa a depender da possibilidade do olhar e da atenção do outro (SIBILIA, 2008). Para além do ‘ser percebido’, a constituição subjetiva carece de cuidados, o sujeito comporta-se como uma criança indefesa que carece do cuidado e do amor dos pais.

O que se promove, portanto, é um esforço contínuo para ser olhado e se fazer existir na vida do outro, em busca de uma garantia que preserve sua segurança (ANDRÉ, 1995). Com efeito, a ameaça do desamparo fundamental está permanentemente presente na vida do vivente (FREUD, 1926/2010). Em vista disso, o sujeito lança mão da lógica fálica como possibilidade de se proteger contra esta ameaça, assumindo uma posição masoquista diante do outro (BIRMAN, 1999; 2004; 2006). O masoquismo, assim, ganha um lugar na subjetividade – atuando como uma medida de proteção contra o desamparo (BIRMAN, 1999; 2004; 2006; FORTES, 2007; 2012).

Foi a partir desta leitura teórica que tem por viés a teoria psicanalítica, que propomos investigar o conceito de masoquismo. Traçamos um percurso investigativo sobre o masoquismo no discurso freudiano tendo - o como objeto fundamental desta pesquisa. Assim, lançamos uma cartografia sobre o conceito de masoquismo desde a origem de sua nomenclatura, as periferias pelas quais o conceito foi confabulado no contexto social e cultural, e, principalmente, a reformulação teórica que o conceito ganhou na obra freudiana. O masoquismo deixou de ser um conceito relacionado à transgressão do comportamento sexual para se tornar um fenômeno fundamental para a teoria

psicanalítica. Assim, ele passa a ser concebido como a “*Prima donna* da realidade psíquica” (BIRMAN, 2004, p. 30). Foi a partir destas interfaces que permeiam a categoria do masoquismo na psicanálise, que nossa dissertação tem por objetivo calcar nas bases conceituais que levaram Freud a estabelecer o masoquismo como uma via de estrutura no aparelho psíquico, sendo este o ponto cardeal para o nosso trabalho.

Com efeito, privilegamos a leitura do conceito de masoquismo no discurso freudiano, nos apoiando nos principais textos que articulam o masoquismo com as teorias das pulsões – foi a partir deste plano teórico que o masoquismo sofreu suas modificações na psicanálise. Para complementar alguns aspectos de nossa pesquisa que se funda eminentemente no discurso freudiano, trazemos à luz autores como: Krafft-Ebing, Bernard Michel, Sacher-Masoch, Foucault, Deleuze, Laplanche, Ausson; Birman; Fortes, e outros que trazem contribuições valiosas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Nossa trilha se inicia, no primeiro capítulo, pela gênese do conceito de masoquismo, procuramos apresentar a fundação do termo, e o contexto social em que ele se apresenta. Para isso resgatamos em Krafft-Ebing (1886/1895) a sua terminologia, e lançamos mão da leitura de Foucault (1974-75; 1975; 1976) para contextualizar o momento social em que o conceito surge como um elemento transgressivo da sexualidade.

Ao retomarmos a raiz do conceito de masoquismo não poderíamos abrir mão de trazer em tese a figura de Sacher-Masoch, cujo nome deu origem ao termo (MICHEL, 1989/1992). Sacher-Masoch apresenta em seus romances uma composição onde o corpo, o erotismo, e, principalmente, a relação de sofrimento, violência e submissão se expressam com intensidade. Deste modo, sua presença em nosso trabalho se justifica pela referência histórica do conceito de masoquismo que representa. Também abrimos a janela para algumas vinhetas de sua famosa obra, *A Vênus das peles*, publicada em 1870, esta aparece em algumas partes desta dissertação como ilustrativo, acreditando ser uma contribuição valiosa e original para esta pesquisa.

Ainda no primeiro capítulo, introduzimos a leitura sobre o conceito de masoquismo na teoria da sexualidade no discurso freudiano. Trabalhamos com o artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) para compreender o masoquismo não como um conceito de caráter patológico, mas como uma condição possível da sexualidade humana. O masoquismo é conferido como coexcitação na teoria da libido (FREUD,

1905/1996; Fortes, 2012). Ao lado do sadismo, o masoquismo é considerado um componente de um dos pares de opostos das pulsões parciais (torturar / ser torturado). As duas modalidades se assentam em uma complementariedade – ponto que foi alvo de crítica por parte de Deleuze em sua *Apresentação de Sacher-Masoch* (1967). Damos a importância de trazer à cena esta crítica possibilitando a leitura indispensável sobre a conjunção das duas modalidades fornecidas por Freud (Laplanche, 1987). No discurso freudiano as duas perversões em sua forma ativa e passiva estão presentes no mesmo sujeito – hipótese presente no discurso freudiano desde *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) e, que segue até final da sua obra (FREUD, 1924/2010).

É nesse sentido, que caminhamos para o nosso segundo capítulo, onde apresentamos a condição que leva Freud (1915/1996) a compreender o masoquismo como um movimento de defesa no circuito pulsional. Para isso, fundamentamos especialmente no ensaio metapsicológico *Pulsões e seus destinos* (1915). Neste, Freud (1915/1996) correlaciona o masoquismo em plano reverso ao sadismo, este último localizado no desenvolvimento primário infantil, pois a criança carrega em si uma margem de agressividade que é colocada para fora. O masoquismo só é possível depois que essa carga pulsional retorna para o próprio sujeito, que ao abandonar o objeto externo, ele elege outro que exercerá sobre ele a função de sujeito. Deste modo, o conceito de masoquismo vai se tornando fundamental para se entender o funcionamento do psiquismo (FREUD, 1905/1996).

Precisamos, ainda em uma segunda parte deste capítulo, os pontos cruciais levantados por Freud em seu ensaio *Bate-se em uma criança* (1919). Onde o sentimento de culpa e a necessidade de castigo se colocarão para a psicanálise como plano fundamental para a reformulação posterior do conceito de masoquismo, além da relação conferida à castração mediante a feminilidade nas fantasias de espancamento – todas essas especulações serão de ordem suprema para a nova construção teórica de Freud que se dará um ano depois, em 1920.

Ainda neste espaço, também demos abertura à crítica pertinente de Deleuze e Guattari (1973/2010). Os autores questionam sobre a interpretação freudiana, em relação ao desaparecimento da figura do pai nas fantasias de espancamento. Tal questionamento não se dá à toa. É nesse sentido, que lançamos mão da leitura do Birman (2004; 2009) que confere a uma falha e falta da figura do pai no discurso freudiano. O autor coloca

em questão se o masoquismo não seria o modo subjetivo de preservar o vínculo com essa autoridade que se perdeu. O pai não se faz mais presente e o sujeito tem de criar formas para lidar com a dimensão do traumático ao qual ele é arremessado (BIRMAN, 2004; 2009).

Finalmente, dedicamos o nosso terceiro capítulo à reconfiguração que a obra freudiana ganha a partir da sua segunda teoria pulsional. E que, posteriormente, vai culminar na reformulação do conceito de masoquismo em 1924. Neste cenário, buscamos dialogar com alguns dos principais textos que se tornaram carro-chefe da segunda metapsicologia freudiana: *Além do princípio de prazer* (1920); *O eu e o isso* (1923); *O problema econômico do masoquismo* (1924); *Inibições, sintoma e angústia* (1926); *Mal-estar na civilização* (1930); *Análise com fim e análise sem fim* (1937) – estes textos se tornaram essenciais para se compreender o lugar que o masoquismo passa a ocupar na cena freudiana.

O masoquismo e o sadismo foram elementos cruciais que conduziram Freud a supor a existência de pulsões agressivas e destrutivas no interior do vivente (FREUD, 1933a/2010). Assim, Freud lança sua chave-mestra com o conceito de compulsão à repetição, e concebe que no interior do psiquismo existe uma força que trabalha, insistentemente, a fim de restaurar o sujeito para um estado do inorgânico (FREUD, 1920). A hipótese freudiana parte do pressuposto de que a tendência do organismo é voltar para um estado zero de excitação, arritmico, sem qualquer fonte de estimulação possível à sua sobrevivência (SANTOS, 2002). Assim, Freud (1920/2010) trabalha com a concepção do funcionamento de duas forças pulsionais que surgem no aparelho psíquico: a pulsão de vida, que é formada a partir da composição entre *Eros* e pulsão de agressividade; e a pulsão de morte, que é o desenlace desta combinação, seu trabalho é em prol da destruição total (FREUD, 1920/2010; BIRMAN, 2009). É a partir deste modo de operação pulsional no aparelho psíquico que a psicanálise vai compreender o masoquismo como fenômeno fundamental e primário no interior do psiquismo.

Nesses aspectos, encontramos características substanciais a que Freud se refere quanto aos três possíveis tipos de masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral (FREUD, 1924/1996). E é a partir do aspecto erógeno ou primário do masoquismo, que Freud irá defini-lo como precedente do sadismo. Assim, o masoquismo foi ganhando uma posição

privilegiada na teoria freudiana com o advento da hipótese da pulsão de morte em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1933a/2010; LAPLANCHE, 1985).

Freud analisa que o sujeito procura permanecer numa condição de passividade e sofrimento, mesmo quando encontra possibilidade de superar o seu sintoma. A esta condição Freud chama de reação terapêutica negativa, estabelecendo uma ligação íntima desta com a pulsão de morte (FREUD, 1920/2010; 1933a/2010; 1937/1996). Surge, então, para a psicanálise a hipótese de uma condição masoquista originária e estruturante para o ego (FREUD, 1924/1996; 1933a/2010).

Com efeito, o masoquismo é a união de *Eros* e a pulsão de agressividade, que impulsiona o sujeito à vida em seu primeiro momento de desamparo – desamparo primordial. Ele passa a ser pensado como uma condição fundamental de base do ego para lidar contra a tendência de retornar a um estado anterior das coisas (BIRMAN, 1999; ANDRÉ, 2001; FORTES, 2012). É neste sentido, que ele se tornou para Freud ‘a pedra angular’ da sua segunda teoria pulsional, imprescindível ao funcionamento do aparelho psíquico.

O masoquismo seria, então, a posição de submissão decorrente de uma lógica fálica da constituição psíquica para lidar com a condição do desamparo fundamental (BIRMAN, 1999; 2004; 2006) que acompanha o sujeito por toda a vida (FREUD, 1926/2010; 1930/2010). Com efeito, a feminilidade comparece à obra muito próxima ao sentimento de angústia de castração ao qual remete o sujeito à ameaça ao estado de desamparo, da dor da perda. Neste sentido, o ego sai em busca de situações que possa remetê-lo novamente à condição de risco, de modo que ele possa lançar seus mecanismos de defesa contra o mundo externo para se proteger. Assim, o modo operacional do masoquista é sempre se colocar na categoria de objeto à disposição do outro e envergado à sua própria aniquilação.

CAPÍTULO 1

A ORIGEM DO CONCEITO DE MASOQUISMO

Este capítulo se dedica à gênese do conceito de masoquismo. Até meados do século XIX, este conceito ainda não existia. Os comportamentos que ele viria designar encontravam-se em torno de um mito sob a égide de fantasias sexuais misteriosas. Tratava-se de uma época em que o uso de qualquer discurso sobre o sexo ou sobre a sexualidade não poderia, em hipótese alguma, ser evocado e nem escrito para o público. Só era permitido falar sobre sexo através dos confessionários pastorais (FOUCAULT, 1974-75). De acordo com Foucault (1976), este modelo de produção de subjetividade foi se impondo em um determinado período no mundo ocidental e ganhando força ao longo do século. A partir da metade do século XIX, o discurso sobre o sexo e sobre a sexualidade¹ começou a irromper fortemente por entre os bosques da literatura. Neste cenário surge o jornalista e escritor austríaco Léopol von Sacher-Masoch, um romancista que se destacou por dilacerar fortes emoções através de seus contos eróticos em livros e novelas galicianas (MICHEL, 1989/1992; DELEUZE, 1967).

Foi com base na obra literária de Sacher-Masoch, nas quais se encontravam mistérios de encanto e voluptuosidade com registros íntimos de fantasias sexuais deste mesmo autor, que o psiquiatra Richard Von Krafft-Ebing inaugurou o termo ‘masoquismo’. Assim, a partir do nome de Sacher-Masoch, Krafft-Ebing extraiu a nomenclatura do conceito de masoquismo para compor um de seus mais novos trabalhos de pesquisa intitulado *Psychopatia sexualis* (1886/1895). Desde então, o conceito de masoquismo atravessou toda a Europa carregando o peso de uma perversidade sexual e moral. Da mesma forma que o conceito passou a indicar comportamentos que eram vistos como uma degradação da normalidade, Sacher-Masoch, devido a sua produção literária de caráter erótico, também teve seu nome associado à terminologia caracterizada por um desvio sexual.

1.1. O conceito de masoquismo em *Psychopatia Sexualis*

Novas investigações no domínio da Psychopatia Sexualis (KRAFFT-EBING, 1886/1895) foi uma grande produção científica elaborada pelo famoso psiquiatra, professor da Universidade de Viena, Richard Von Krafft-Ebing. Esta obra teve grande

¹ Veremos sobre isso mais adiante, no tópico 1.2.

repercussão em todo ocidente no final do século XIX (FERRAZ, 2008). Foi nela que, conforme apontado, o termo ‘masoquismo’ surgiu pela primeira vez, circunscrito no terreno científico como aberração no campo da sexualidade.

Este compêndio classificatório psiquiátrico trata de sintomas patológicos incluindo as mais diversas práticas sexuais existentes na época. Práticas estas que fugiam ao objetivo principal do ato sexual dito ‘normal’. Krafft-Ebing (1886/2001) utiliza-se de um recurso exclusivamente biológico, a reprodução, para definir os comportamentos sexuais desviantes. Em seu catálogo, ele elabora, além dos conceitos de masoquismo e de sadismo, uma gama de nomenclaturas baseada em mais de cem casos descritos a partir da análise de material clínico, literário e médico-legal.

A concepção fundamental para a noção de desvio sexual consistia em que todo o prazer natural deveria corresponder à preservação da espécie. Portanto, o comportamento que escapasse a esse propósito seria considerado, dentro do eixo da psiquiatria, como uma patologia sexual (PEREIRA, 2009; FERRAZ, 2008). Deste modo, o conceito de masoquismo foi classificado como transgressão no campo da sexualidade, sendo considerado, ainda, “a contrapartida do sadismo, na medida em que a culminância do prazer decorre de atos temerários de violência sofridos nas mãos do parceiro” (KRAFFT-EBING, 1886/2000, p. 7). Analisado por Krafft-Ebing (1886/2000), o masoquismo também “compõe uma gradação que vai dos atos mais abomináveis e monstruosos aos mais visíveis e absurdos (a busca de castigos corporais, humilhações de todo tipo, flagelação passiva etc.)” (p. 8). Assim, percebemos que o masoquismo não apenas ganha um caráter de perversão sexual, como também a ele é atribuída uma qualidade de degenerescência moral.

Sendo o contraponto do sadismo, o conceito de masoquismo aparece como categoria de uma prática transgressiva da sexualidade ao lado daquele. As definições para estas duas nomenclaturas foram extraídas das obras literárias produzidas pelos autores Marquês de Sade (para o conceito de sadismo) e, conforme dito, Sacher-Masoch (para o conceito de masoquismo). Assim, Krafft-Ebing (1886/2000) lança em seu manual psiquiátrico as descrições referentes aos comportamentos sexuais sádicos e masoquistas encontrados nas obras destes respectivos autores. Com efeito, podemos, através da produção literária de Sade e Masoch, ter a descrição detalhada das práticas sádicas e masoquistas citadas

por Krafft-Ebing (1886/1895), uma vez que toda a narrativa literária desses autores envolve um alinhamento de intensidade, prazer, submissão, dor e crueldade.

Como apontamos, Krafft-Ebing (1886/1895) constrói o modelo de diagnóstico do sadismo e do masoquismo correlacionando estas duas práticas entre si. O sadismo é caracterizado pelo ato de incidir dor e humilhação ao outro, e, inversamente, o masoquismo é definido pelo prazer de se fragilizar e se submeter ao outro (objeto amado). Deste modo, Krafft-Ebing (1886/1895) parte da concepção de que o sádico se dispõe ao prazer em causar dor, sofrimento e humilhação ao outro; e, o masoquista, por sua vez, encontra prazer em receber a crueldade deste primeiro. Assim, o psiquiatra confere ao sadismo o “impulso voluptuoso combinado com representações de crueldade” (KRAFFT-EBING, 1886/2000, p. 7), e ao masoquismo, a sua contrapartida. Veremos, mais para frente, que este será um ponto de certa maneira “confirmado” pela psicanálise, e, no entanto, fortemente criticado por Gilles Deleuze (1967/2009)².

A classificação psiquiátrica ganha forma e cor no século XIX, quando começa a definir as modalidades de desvios de comportamentos sexuais compondo esse arcabouço de nomenclaturas. Segundo Foucault (1976), em seu livro *A história da sexualidade I: a vontade de saber*, o século XIX foi marcado pela implantação de “múltiplas perversões” (p. 38). Um conjunto de patologias foi definido com base na concepção de que práticas sexuais “incompletas”, que não atingiam o coito, seriam forçosamente aberrações. Todas as formas de “prazeres anexos” eram classificadas e concebidas como perturbações sexuais e morais (FOUCAULT, 1976).

Sendo assim, Krafft-Ebing (1886/1895) convoca uma interpretação moral sobre esses comportamentos, associando-os a uma conduta criminosa e conferindo a causa relacionada a uma degenerescência no campo da moralidade. No caso do masoquismo, o sujeito é caracterizado como “(...) obcecado com a ideia de ser submetido incondicionalmente a uma pessoa do sexo oposto, para ser tratado pela sua altivez a sofrer humilhação e tortura” (KRAFFT-EBING, 1886/1895, p. 121-2). Não apenas o conceito de masoquismo, mas todos os outros termos que se encontram catalogados em *Psychopatia sexualis* passam a ser considerados “perversões da vida sexual psíquica” (KRAFFT-EBING, 1886/1895, p. 121). É deste modo que Deleuze (1967/2009) retoma

² Cf. tópico 1.3.3.

a literatura de Sacher-Masoch para desmistificar esse conceito, dado até então como inequivocamente patológico.

A leitura aprofundada de Deleuze (1967/2009) sobre a obra de Sacher-Masoch é interessante por nos possibilitar uma melhor compreensão sobre o modo de funcionamento subjetivo do masoquismo pelo viés da filosofia. Em seu livro *Présentation de Sacher Masoch* (1967), o autor coloca em questão a concepção dos conceitos de sadismo e masoquismo como sendo considerados doenças. A grande prerrogativa enunciada por Deleuze é a de que os literários, Sade e Masoch, são autores originais e criativos, “que sabem incluir em suas obras toda uma concepção de homem, da cultura e da natureza (...) que sabem extrair novas formas e criar novos modos de sentir e de pensar” (DELEUZE, 1967/2009, p. 18). É neste sentido que Deleuze critica a *patologização* que foi atribuída à Sade e à Masoch a partir do século XIX.

1.2. Masoquismo: entre o normal e o patológico

O que se pode conceber como normal e patológico na modernidade? Segundo Foucault (1976), é neste período que começa a surgir uma incitação de ordem política, econômica e técnica para falar sobre o sexo. É época essa em que se torna premente a necessidade de colocar o sexo como um dispositivo de regulação social. Concordamos com a crítica de Foucault (1975) ao dizer que a construção das sociedades modernas teve como marca ‘triumfante’ os corpos moldados pela instituição do mecanismo econômico capitalista.

Para o filósofo, após a incidência do capitalismo, todo o funcionamento social, econômico, político e cultural passou a ser regido por relações de poder. O que se instalou nas sociedades foi o dispositivo que Foucault chamou de *biopoder*, a incidência sobre os corpos individuais. E, conseqüentemente, com o desdobramento da atuação do *biopoder* para a *biopolítica*, a intenção passou a ser pautada em alcançar o coletivo. Iniciou-se então, na modernidade, o projeto de higienização, onde os especialistas começaram a atuar com o dispositivo do discurso de poder dentro das famílias atingindo assim toda a sociedade. Em suma, um discurso produzindo formas e modos de subjetivação (FOUCAULT, 1975).

De acordo com Foucault, toda forma que constituía a interioridade humana passou a ser um processo de produção subjetiva controlado por discursos que regimentam modelos

de comportamentos, corpos, estilos de vida e relações sob o princípio de direito de liberdade. Neste sentido, a dinâmica de poder atravessou a sociedade, e o corpo foi mergulhado no campo político, nas relações de poder, força e submissão (FOUCAULT, 1975). Isto significa dizer que é o corpo que se coloca como tecnologia de poder no século XIX; a dominação e submissão do corpo foram elementos fundamentais para esse processo de relações de poder. Assim, o poder disciplinar incide com ferocidade na sociedade moderna sinalizando as forças de punição, correção e de enquadramento do sujeito. É precisamente neste contexto que nasce o compêndio classificatório das anomalias sexuais escrito por Krafft-Ebing (1886/1895).

Em suma, o que Foucault nos apresenta através de suas reflexões é que o século XIX foi marcado por dispositivos de controle que, em conjunção com a emergência do capitalismo, visavam os corpos como meios de produção. Por meio dessa política de fiscalização e de normatização, os sujeitos passaram a ser englobados em uma esfera única de controle político, econômico e de juízo. A sanção normalizadora funcionaria através de recompensas e penalizações com o objetivo de tentar atingir a normalização (FOUCAULT, 1975).

Deste modo, os modos de produção capitalistas não funcionam unicamente no registro dos valores de troca – valores que são da ordem do capital –, mas funcionam por meio do controle da subjetivação, que influenciam todo modo de existência (GUATARRI & ROLNIK, 1996). A subjetividade está ligada a grandes modelos de existência tratando-se da grande máquina industrial. Essa subjetividade é de natureza fabricada, produzida; passou-se a colocar em pauta os modos subjetivos de existência através dos interesses capitalistas, como ser criança, ser boa mãe, ser bom pai, além daquilo que se refere à esfera da sexualidade (GUATARRI & ROLNIK, 1996). Quanto a esta questão, não se trata de instauração de uma teoria geral da sexualidade, pois o que se coloca em jogo “é a sexualidade sob a forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais” (FOUCAULT, 1976, p. 26-7). Em outras palavras, a norma que se suscita é a de que o normal seja padronizado numa lógica matematizante e classificatória. Trata-se de um discurso onde a conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção.

Como vimos, o século XIX é marcado pela análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos nos limites do biológico (FOUCAULT, 1976). A nosso ver, o livro *Psychopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing, vai trazer justamente esse espírito: qualquer comportamento sexual que transgrida o padrão instaurado como modelo moral pela sociedade do século XIX será considerado desvio, ou seja, uma degenerescência moral e psíquica. Não por acaso Foucault (1976), em seu livro *História da sexualidade I: a vontade de saber*, compõe um capítulo intitulado *Scientia Sexualis*. Segundo o autor, “a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: provocando incorporação das perversões e novas especificações do indivíduo” (FOUCAULT, 1976, p. 43).

Pensando na questão sobre o patológico, Canguilhem (1943/2002) propõe a ideia de que há um valor que delinea o estado patológico numa nova dimensão, a da *normatividade*. Esta condição é entendida como a capacidade do ser de criar novas normas que possibilitem a sua sobrevivência, se adaptando ao seu estado debilitado. Nesse sentido, nos apoiamos em Freud quando ele nos aponta sobre “a capacidade de produção simbólica que constitui o sujeito” (BIRMAN, 2002, p. 62). Para Freud, o patológico “é o próprio ‘normal’ em outra configuração, a configuração do avesso, do fragmento, da evidenciação daquilo que a configuração dita ‘normal’ tem precisamente por função de esconder. A aberração é, portanto, a única via de acesso à verdade do sujeito” – e, por isso, necessário que ela seja escutada, lida e analisada (ELIA, 1995, p. 44).

Quando Freud se propõe a pensar o caráter patológico da perversão, nos casos em que o alvo sexual (o coito) é suplantado ou substituído, ele vai conceber duas características principais para sua determinação: a exclusividade e a fixação (FREUD, 1905/1996)³. É interessante adiantar que essa concepção só será definitivamente formalizada a partir da concepção dos mecanismos ativos e passivos da pulsão sexual. Freud (1905/1996) entende que esses mecanismos estão presentes no aparelho psíquico e são universais a todos os sujeitos; sendo assim, “a experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias” (FREUD, 1905/1996, p. 152). O que irá fazer a diferença em sua concepção, no que resulta em sintoma patológico, é a ação das forças psíquicas no aparelho anímico. Mais precisamente, Freud pontua que existem

³ Cf. neste capítulo, no tópico 1.4.1.

no psiquismo forças que fazem frente à pulsão sexual, como o asco, a vergonha e a moral (FREUD, 1905/1996; GARCIA-ROZA, 2009). Elas funcionam como resistência e “podem circunscrever a pulsão nos limites da normalidade” (FREUD, 1905/1996, p. 153).

Deste modo, o que está em jogo para Freud (1905/1996), no que se refere à noção de patologia, é o que concerne o movimento dessas forças que refreiam aquilo que é da ordem do desejo, impedindo o sujeito de obter a satisfação. Dada essa contenção por forças psíquicas, o sujeito é levado a manifestar sintomas. A pulsão sexual, portanto, passa a ser considerada como a única fonte energética das neuroses; quando recalçada se transforma em sintoma. Sendo assim, o sintoma constitui a atividade sexual dos neuróticos (FREUD, 1905/1996). É este o ponto definido por Freud no campo da normalidade. Ele se pauta, sobretudo, ao que é da ordem da pulsão – nesse momento de sua obra, ao que é da ordem da pulsão sexual (FREUD, 1905/1996; 1915/1996). Postas essas considerações, compreendemos que a psicanálise não entende que o masoquismo seja ou se confunda com uma configuração patológica. Pelo contrário, Freud vai legar ao masoquismo uma condição pulsional inerente ao sujeito. Em outras palavras, o masoquismo aparecerá como uma coexcitação da pulsão sexual, em seu caráter passivo.

A publicação de *Psychopatia Sexualis* provocou muitos descontentamentos, principalmente em Sacher-Masoch, que se indignou com o fato de sua obra e seu nome terem sido reduzidos a uma anomalia sexual. O literário “recusou com indignação (...); não podia admitir que fosse rebaixado ao nível de uma doença mental” (MICHEL, 1989/1992, p. 7). Entretanto, o termo ‘masoquismo’ passou a ter seu emprego consolidado no vocabulário da psiquiatria, enquanto que o romancista foi legado ao esquecimento. Com efeito, Sacher-Masoch tornou-se progressivamente desconhecido do grande público, diferentemente de Sade, cuja relevância literária se viu ascender após a inauguração do termo ‘sadismo’ (DELEUZE, 1967/2009). O único romance masochiano atualmente mais acessível é o célebre *A Vênus das peles*, publicado originalmente em 1870 (MICHEL, 1989/1992).

Não bastasse o conceito de masoquismo ganhar identidade de anomalia sexual, o próprio Sacher-Masoch passou a ser considerado um escritor moralmente perverso (FRANÇA & MACHADO, 2012). A rigor, este julgamento teve como eixo norteador o dispositivo de controle que apontamos mais acima. Sacher-Masoch surgiu no século

XIX como um autor literário que trouxe para a dimensão popular algo da ordem do sujeito que não se permitia desvelar: suas paixões, suas fantasias, seus desejos. É neste sentido que o dispositivo de controle se manifesta, lançando nesta época uma ação repressora sobre a sexualidade, convertendo essas práticas em transgressões de leis, de comportamentos e de moral (FOUCAULT, 1976).

Assim, podemos perceber na literatura de Sacher-Masoch a presença da produção de um discurso revelador do sujeito, em que as profundezas mais íntimas e singulares são descortinadas. Um dos atrativos para seus leitores era saber que o escritor descrevia, de certo modo, situações de sua própria vida privada: este fato enfileira-se como uma das condições que possibilitaram suas obras tornarem-se famosas, desvendando os mistérios das relações proibidas em uma linguagem bem descritiva, banhada de voluptuosidade, acenando uma mistura entre prazer, sensualidade, submissão, domínio e crueldade.

E todos os meus romances, quando não tratam de um assunto histórico, nasceram de minha vida, banharam-se no sangue do meu coração (...) em cada uma de minhas narrativas há um nervo que é meu, há motivos que são extraídos de minha vida. Mesmo quando a fábula é inteiramente inventada (...). Na minha obra a pintura é sempre propriedade do poeta, mas a tela em que nasceu assim como sua impressão pertence à minha pessoa, à minha vida. (...) houve uma época em que a pálida Olga deitava ternamente em meu peito a cabeça cansada da vida e uma outra época em que, realmente, fui o escravo de uma mulher bela e cruel... (SACHER-MASOCH, 1879 *apud* MICHEL, 1989/1992, p. 8).

À sua maneira, Sacher-Masoch trazia para o plano fictício dos seus romances aquilo que ele buscava representar em sua vida: a fantasia de colocar-se como escravo e servo de sua senhora amante. É nesse jogo de relação de poder que o prazer se torna possível para o masoquista, desde que ele possa, paradoxalmente, ordenar e dirigir toda a cena, exigindo ser tratado de forma cruel e violenta (MICHEL, 1989/1992; DELEUZE, 1967/2009; FRANÇA & MACHADO, 2012; FORTES, 2007). A condição para a satisfação é a relação de dominação entre os personagens da cena: “fui seriamente maltratado pelo chicote e encontrei a cura” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 31).

1.3. Sacher-Masoch e a sua *A Vênus das peles*

A partir da leitura da biografia de Sacher-Masoch de autoria de Bernard Michel⁴ (1989/1992), consideramos imprescindível trazer para este trabalho um pouco de sua história e de suas experiências amorosas que inspiraram, por sua vez, a composição de seus romances. Da mesma forma, propomos apresentar a obra *A Vênus das peles*, cuja popularidade foi a que lhe rendeu mais sucesso em sua trajetória e, ao mesmo tempo, que gerou trágicas consequências e sofrimento para a sua vida pessoal.

O escritor e jornalista Léopol von Sacher-Masoch (1836-1895), conhecido também como ‘cavaleiro’⁵ Sacher-Masoch, nasceu na região da Galícia de uma família da aristocracia liberal. Foi autor de inúmeros romances e novelas na segunda metade do século XIX na Áustria, atingindo inegável sucesso (MICHEL, 1989/1992). Nos dias de hoje, como já afirmamos, Sacher-Masoch e suas obras foram engolidos por um quase completo esquecimento. Muitos autores se interessam apenas por citá-lo, devido ao seu nome estar associado à nomenclatura do masoquismo, ou referenciá-lo como o exemplo de uma personalidade pervertida.

Sacher-Masoch teve, ao longo de sua vida, experiências amorosas que o inspiraram e o levaram a deflagrar seus romances com um tempero misturado de sensualidade, amor, paixão, submissão e crueldade. Entre suas novelas romanescas, encontra-se a famosa *Legado de Caim* - um composto de seis contos que retrata, sobretudo, os enlances e os desenlaces do amor. O livro *A Vênus das peles* compõe este ciclo ao lado de *Don Juan de Kolomea*, *Kapitulant*, *Noite de Luar*, *Platão e Marcella ou conto da felicidade* (MICHEL, 1989/1992). Essa produção faz parte de mais de cem obras publicadas pelo autor, lançadas em uma época em que seus contos galicianos ganharam evidência e foram visivelmente cobiçados (MICHEL, 1989/1992).

É importante notar que os romances de Sacher-Masoch, como *Legado de Caim*, não se tratam somente de histórias sensuais e de submissão – ele realça também a questão da relação do homem no mundo e sua luta pela existência. Assim, o autor lança como

⁴ Bernard Michel (1989/1992) foi um historiador, professor da *Université Paris I - Panthéon-Sorbonne*. Elaborou a biografia de Sacher-Masoch, se detendo não apenas nas publicações anteriores sobre o escritor, mas numa base de dados que foi procurar pessoalmente. O pesquisador foi até Poitou, na França, onde vivia a neta de Sacher-Masoch, a Sra. Mechtilde Saturnus. Foi através deste contato que Michel (1989/1992) pôde ter acesso às cartas e às informações mais íntimas da vida de Sacher-Masoch.

⁵ O título de ‘cavaleiro’ foi herdado de seu avô, condecorado como cavaleiro pelo imperador de Léopol em 1818 (MICHEL, 1989/1992).

questão da ‘moral’ a condição humana frente ao mundo moderno (MICHEL, 1989/1992). Ele se questiona, por exemplo, “[se] este mundo em que vivemos não é, como Leibniz procurava demonstrar, o melhor dos mundos possíveis, e sim o pior dos mundos possíveis”⁶ (SACHER-MASOCH, 1873 *apud* MICHEL, 1989/1992, p. 233). Sua visão de mundo, marcada pela forte influência filosófica de Schopenhauer e pela experiência vivida durante a revolução de 1848, apresenta forte pessimismo em relação à vida (Michel, 1989/1992).

É por esta visão ‘pessimista’ de mundo que o autor parece buscar em seus romances respostas para os seus próprios mistérios – mistérios estes que estão presentes na vida humana: a pulsão, os impulsos, os desejos, as relações entre o homem e a mulher. Enfim, a natureza humana e suas múltiplas formas de existência lhe interessam, dando corpo às suas criações artísticas. É nesse sentido que Sacher-Masoch escreve *A Vênus das peles*, um romance erótico que mistura medo, paixão, audácia, jogos de poder, submissão e tudo o que se torna possível de ser explanado em seu universo literário. Sua narrativa é descritivamente potente, sendo capaz de envolver o leitor. Não por acaso, gozou de uma notável repercussão na Europa quando de seu lançamento, tendo sofrido forte censura por parte dos críticos (MICHEL, 1989/1992).

Mas o que levou o cavaleiro a escrever este incrível romance, no qual se encontra o mais inusitado das relações entre homem e mulher que se aceitam, se repelem, se entrelaçam e se golpeiam? Segundo Michel (1989/1992), *A Vênus das peles* é o retrato literário de uma experiência romântica incompleta vivida por Sacher-Masoch. O autor teria tido uma experiência amorosa com a condessa Fany von Pistor que, no entanto, não foi levada adiante. Com efeito, todos os documentos pessoais de Sacher-Masoch indicam que esta jovem viúva de vinte e cinco anos era a sua musa inspiradora de *A Vênus das peles*.

Em uma carta encontrada por Schlichtegroll⁷, Sacher-Masoch confirma esta hipótese com clareza: “Menos clássica, mas por isso mesmo mais sedutora foi a jovem condessa

⁶ Publicado por Sacher-Masoch em *Über den Werth der Kritik* (Sobre o valor da crítica) no ano de 1873, p. 44-51 (MICHEL, 1989/1992, p. 406, n. 65).

⁷ Carl Felix von Schlichtegroll, ao contrário do que nos relata Deleuze (1967/2009), não se tratava de um secretário de Sacher-Masoch, mas do pseudônimo de um nobre alemão chamado Klinkowström, que investigara a vida do escritor. Schlichtegroll escreveu dois livros intitulados *Sacher-Masoch e o masoquismo* (1901) e *Wanda sem máscara e sem peles* (1907). Ao passar duas semanas na casa de Hulda (segunda mulher de Sacher-Masoch), Schlichtegroll teve acesso às cartas, ao diário do escritor e às informações pertinentes sobre a vida e a obra de Sacher-Masoch (MICHEL, 1989/1992).

russa que me serviu de modelo para *A Vênus das peles* e que eu acompanhei na Itália sob o disfarce de criado para não comprometê-la”⁸ (SACHER-MASOCH *apud* MICHEL, 1989/1992, p. 191, grifo nosso). Em outras palavras, foi essa condessa, “a mulher mais sedutora que a fantasia de um poeta poderia inspirar e que o pincel de um Makart poderia pintar” (SACHER-MASOCH *apud* MICHEL, 1989/1992, p. 190), que teria inspirado o escritor na criação de seu livro.

A Vênus das peles foi pintada da cor tal qual o seu autor escolheu: baseada em uma história quase real, este romance é interminavelmente fictício. Toda a produção imaginária e de fantasia que envolve as cenas descritivas, assim como a natureza que caracteriza a vida e o perfil dos personagens, nunca puderam de fato ser concretizados por Masoch em sua vida real. Em outras palavras, o romance com a condessa Fany von de Pistor foi a semente de sua inspiração. Não obstante, a ficção tentou dar um contorno ao romance, levando adiante aquilo que foi condenado a ficar, na vida real, pela metade (MICHEL, 1989/1992; FERRAZ, 2008).

Entretanto, dois anos após a publicação de *A Vênus das peles*, aparece na vida do escritor a oportunidade de viver sua ficção com aquela que se candidata a ser a sua primeira esposa, Aurora Rümelin. Após ler os romances de Masoch, Aurora lançou mão de todos os esforços para se tornar sua mulher, encarnando e assumindo o papel da personagem “Wanda” da citada obra – figura feminina que o autor tanto idealizava. Podemos dizer que o romancista encontrou nela as condições de novamente fazer valer as suas fantasias. No entanto, o ‘romance’ com Aurora também não teve o desfecho esperado. Como nos diz Michel (1989/1992), a ambição desta mulher desencadeou um grande desastre na vida de Sacher-Masoch. A relação entre ambos, apesar de instigante e merecedora de uma análise exclusiva, será deixada em suspenso para um trabalho futuro. A seguir, apresentaremos brevemente o livro *A Vênus das peles* (1870) como forma de tornar o leitor um pouco mais familiarizado com esta obra, uma vez que a mesma será evocada em determinados momentos do nosso percurso.

⁸ Carta datada de 03 de fevereiro de 1872, escrita por Sacher-Masoch, citada por Schlichtegroll em seu livro *Wanda sans masque et sans fourrure*, 1907, trad. 1968, p. 30-31 (MICHEL, 1989/1992, p. 404, n. 22).

1.3.1. A obra *A Vênus das peles*

“Amada, amada seja, que felicidade! E como o próprio brilho desvanece ante a bem-aventurança torturada de adorar a uma mulher, que faz de nós seu brinquedo, o escravo de uma bela tirana, que impiedosamente nos põe a seus pés” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 35).

Vimos que *A Vênus das peles* foi um dos romances com maior repercussão pública em toda a obra de Sacher-Masoch. A história se desenvolve no entorno da relação de dois personagens, Severin e Wanda. Ambos se conhecem e iniciam uma paixão que se tornará desmedida. Porém, para ficarem juntos, os dois personagens levantam uma série de questões relacionadas ao amor eterno, à paixão, ao medo do abandono, ao sacrifício da espera do outro e até que ponto podem se sacrificar para ter o outro ao seu lado e garantir assim o amor eterno e a felicidade.

Lendo este incrível romance de Sacher-Masoch, podemos ver que, para além da crueldade e da necessidade de sofrimento, o que também está em jogo para ambos os amantes é a necessidade de garantia do amor do outro. Nesta obra consegue-se antever, portanto, os elementos principais que compõem o masoquismo tal como será evidenciado e concebido por Freud ao longo de suas teorizações, principalmente as tardias: a questão da posição de feminilidade, o conflito pulsional, o movimento da passividade para a atividade (na segunda teoria das pulsões) e a relação de domínio entre o eu e o supereu.

Apesar da tentação, seria audacioso pensarmos em analisar, pelo viés da psicanálise, todo o romance nesta dissertação, visto que temos como objetivo principal pensar a categoria do masoquismo. Entretanto, considerando a importância delegada às experiências e à produção literária de Sacher-Masoch para o estabelecimento do conceito de masoquismo, propomos trazer ao longo do nosso trabalho alguns trechos de *A Vênus das peles* como forma de ilustração. Em outras palavras, propomos extrair e realçar algumas vinhetas deste romance para contextualizar o modo de funcionamento subjetivo operante do masoquismo, tendo como eixo norteador os conceitos surgidos na teoria freudiana e que serão por nós cotejados. Postas estas considerações preambulares, faremos agora um breve passeio pela obra *A Vênus das peles* para que o leitor se sinta um pouco mais familiarizado quando a mesma for invocada em nosso percurso.

Sacher-Masoch (1870/2008) inicia seu romance como o narrador da história, descrevendo ao leitor um sonho em que a sua *Vênus das peles* aparece e lhe dirige a palavra. A deusa do amor está vestida de peles junto ao pé da lareira sentada no sofá. A dama de mármore, mesmo tremendo de frio, inicia uma discussão sobre os valores do amor entre homens e mulheres. Mais tarde, já acordado e ao chegar à casa de Severin (outra “encarnação” de Sacher-Masoch) (MICHEL, 1989/1992), o narrador se depara com um quadro onde encontra os traços de sua Vênus – a mesma que havia aparecido em seu sonho. O quadro seria uma cópia da conhecida pintura de Ticiano, *Vênus com o espelho*. O narrador e Severin conversam sobre as semelhanças entre a pintura e o sonho: uma mulher nua, vestida com uma peliça, em uma das mãos um chicote, pisando em um homem deitado sob si como um escravo (este seria Severin dez anos mais novo). Ambos ficam a apreciar o quadro.

Logo em seguida, o narrador expressa surpresa ao ver Severin tratando uma bela mulher como uma escrava quando esta vem lhes servir um chá. Severin se utiliza das palavras de Goethe para justificar o seu ato com essa mulher: “ou tu és o martelo ou a bigorna” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 30). Deste modo, Sacher-Masoch inicia seu romance falando de um conflito na relação entre o homem e a mulher, dando-nos a entender que se a mulher não for tratada como escrava, ela dominará a relação e fará do homem seu escravo. A partir daí, a história se desenrola com o relato de Severin a propósito de sua experiência amorosa com Wanda – uma mulher frívola que se tornou dura e cruel.

O conto se inicia com a epígrafe do livro Judite, 16,7 do Antigo Testamento: “E Deus o puniu, e o entregou às mãos de uma mulher” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 23). Quando o personagem fica à espera de encontrar a sua almejada Wanda, acrescenta a seguinte frase: “Então, o que devo perpetrar para que Ele puna também a mim?” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 36). O personagem se coloca em uma posição de submissão para obter a mulher idealizada, deflagrando-se assim a experiência amorosa entre Severin e Wanda. O que nos chama a atenção é que esta última não apresenta, de início, traços de crueldade e de dominação. Pelo contrário, esses elementos são atizados mediante a conduta de Severin, o que nos leva a perceber que é este quem transforma Wanda em sua dominadora.

O diálogo entre os dois personagens se dá em uma atmosfera de sedução, conquistas e, principalmente, medo relacionado ao abandono: “faz comigo o que bem entender, só não me afaste de ti” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 65). São estas as palavras que Severin se utiliza repetidamente para estar aos pés de sua amada e não perdê-la. Com efeito, *A Vênus das peles* retrata uma relação de conquista entre os personagens e a busca de ambos por um amor infundável: Wanda pergunta por quanto tempo terá a garantia do amor eterno com Severin, e este lhe responde que a prova que ele lhe dá como garantia é ser seu escravo, desde que ela não o abandone.

É por esta encenação de medo, de desamparo, de perda, e conseqüentemente de submissões e violência, que a obra em questão se fará presente em nosso trabalho. A partir de agora, buscaremos compreender de que maneira essa forma de relação com o outro, que se dá por intermédio da submissão atrelada ao medo da perda e do abandono do outro, é trabalhada na teoria freudiana através da figura do masoquismo. Para iniciar este percurso, teremos como ponto de partida a teoria da sexualidade.

1.4. O masoquismo e a teoria da sexualidade

A sexualidade está presente na teoria freudiana desde os seus *Estudos sobre a Histeria* (BREUER & FREUD, 1895/1996). Em um primeiro período de sua obra, Freud vai se calcar na hipótese de que a etiologia da neurose está atrelada a um evento traumático real e de ordem sexual. O conteúdo deste evento seria recalcado pela criança e, posteriormente, transformado em sintomas patológicos quando do fracasso deste processo de defesa. Importante notar que, neste momento, ainda não era concebida a ideia de existência de uma sexualidade infantil. O trauma psíquico seria composto por dois momentos. No primeiro deles haveria a ocorrência da cena traumática factual na infância, ao passo que o segundo só teria lugar quando do despertar da sexualidade no sujeito, isto é, em sua puberdade. Neste segundo momento, o sujeito seria tomado pela lembrança daquela cena primeira, cujo despertar seria provocado em função de uma nova cena que ocorreria posteriormente, e que entraria em conexão associativa com o evento ocorrido na infância. Em outras palavras, este segundo episódio evocaria a cena primeira, tornando-a uma lembrança patogênica.

Em duas cartas dirigidas à Fliess no ano de 1897 (*Carta 69* e a *Carta 71*), Freud se questiona sobre a sua teoria da sedução e começa a engendrar, de certa forma, a teoria da fantasia. Sua hipótese de que um evento traumático tenha ocorrido realmente passa a se tornar duvidosa aos seus olhos. A partir daí, Freud estabelece uma relação entre o fator traumático e a fantasia das histéricas (FREUD, 1897/1996). Podemos perceber, deste modo, como a questão da fantasia adquire importância fundamental no campo da sexualidade desde os primórdios da psicanálise. Isto porque “a superação da teoria do trauma implicava duas descobertas: a do papel da fantasia e a da sexualidade infantil, esta última desenvolvida apenas em 1905. Essas duas descobertas podem ser concentradas numa só: a descoberta do Édipo” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 94).

É a partir de seu estudo sobre a teoria da sexualidade e a consequente constatação de uma possível sexualidade infantil que o conceito de pulsão sexual se coloca para Freud sob num aspecto diferenciado em relação à noção de instinto (GARCIA-ROZA, 2009). Portanto, com base naquele conceito e a partir dos seus ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud (1905/1996) subverte as concepções tradicionais sobre os desvios sexuais. Podemos considerar, deste modo, que a utilização do título “As aberrações sexuais”, em um dos seus ensaios, é uma problematização à ideia de ‘perversão’ ou ‘desvio’ da prática sexual conforme enunciada pela psiquiatria do século XIX (GARCIA-ROZA, 2009; ELIA, 1995).

Como já observado, os conceitos inaugurados por Krafft-Ebing foram calcados a partir de uma ótica biológica da reprodução (KRAFFT-EBING, 1886/1895; 1886/2000). Sua concepção é a de que seria “perversa toda conduta que não conduz à reprodução, já que ela colocaria em risco a preservação da espécie” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 97). Freud procurou, em 1905, estudar os ingredientes dessas perversões, tais como o sadismo, o masoquismo e a homossexualidade, não aderindo a essa perspectiva que se alinha a um primado da reprodução.

Portanto, não podemos deixar de reconhecer que Freud trouxe, através da psicanálise, uma nova visão sobre o que seja a perversão, mesmo que seu interesse não tenha sido, inicialmente, trabalhar com as questões clínicas delineadas por essas nomenclaturas (LAPLANCHE, 1987). Isso porque Freud não utiliza casos clínicos específicos de perversões manifestas do sadismo e nem do masoquismo, assim como não demonstra interesse em contradizer ou desconstruir o que foi elaborado por Krafft-Ebing

(1886/1895). Pelo contrário, todo o seu estudo parte da concepção de desvio da *Psychopathia sexualis*, mas vai ganhando outro sentido ao longo de sua obra (LAPLANCHE, 1987). O interesse de Freud se centra, antes, na tarefa de desvendar as questões subjetivas que possam colaborar para a sua pesquisa sobre o plano estrutural do aparelho psíquico. Mais precisamente, seu interesse era, de acordo com Laplanche (1987), descobrir as ‘estruturas subjacentes’ dessas categorias.

O que estaria em jogo para Freud seria a descoberta do que se encontra como pano de fundo no movimento que relaciona prazer, dor, desprazer e sofrimento. Ele sempre insistiu em investigar o que não se manifestava claramente na clínica, ou seja, o que havia de implícito diante de reações manifestas. Os casos clínicos evocados e muito bem estudados por Krafft-Ebing e por Havelock Ellis, dos quais estes renomados autores consideravam quadros desviantes da sexualidade, tratam-se de quadros clínicos que exprimem reações e comportamentos manifestos. Freud vai, pelo contrário e conforme dito, se debruçar na descoberta das “estruturas subjacentes” destes quadros, “no plano da dialética inconsciente (das relações da cena inconsciente) e no plano histórico (na infância)” (LAPLANCHE, 1987, p. 277).

A partir destas considerações, nos parece claro o motivo de Freud não ter citado, em nenhum momento, os autores e nem as obras literárias de Sacher-Masoch e Marquês de Sade. Não era interesse de Freud analisá-los dentro de um perfil de um quadro clínico, como foi para Krafft-Ebing e para Havelock Ellis (LAPLANCHE, 1987). No entanto, isto não nos impede de sustentar a importância de apresentar estes autores, em especial Sacher-Masoch, para a ilustração viva da subjetividade do masoquista, no que condiz com aquilo que Freud vai nomear, em 1924, como masoquismos erógeno, feminino e moral (FRANÇA & MACHADO, 2012).

O que Freud vai trazer a essas descrições de perversão é um olhar a partir do referencial da pulsão sexual, para “o qual o fundamental é o prazer e não a reprodução” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 97). Através de um olhar minucioso e profundo dos elementos que constituem estes conceitos, é que Freud irá, não obstante, subvertê-los. Ora, como podem tais comportamentos ser considerados perversos se fazem parte do processo normal do ato sexual?

É deste modo que, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), Freud vai introduzir o estudo sobre as perversões a partir do desvio em relação ao alvo sexual.

Ele caracteriza, neste momento de seu percurso, o alvo sexual normal como a “união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual” (FREUD, 1905/1996, p. 141). A diminuição da tensão libidinal, acarretada por este processo, é a definição psicanalítica para a palavra *prazer*. Neste sentido, a busca por satisfação se guiará pelas experiências que provoquem diminuição da excitação, isto é, o alívio da descarga de energia (prazer).

1.4.1. As perversões segundo a leitura freudiana

Consideremos agora a maneira como Freud (1905/1996) analisa o processo da relação sexual até o alcance do seu alvo definitivo, o coito. Debruçando-se sobre este processo, onde ocorrem as atividades preliminares que produzem sensações de prazer e aumento da excitação até chegar ao que se chama de alvo sexual, Freud irá reconstruir de maneira decisiva o conceito de desvio e de perversão (GARCIA-ROZA, 2009; ELIA, 1995).

Poder-se-ia chegar à hipótese das “aberrações descritas como perversões” (FREUD, 1905/1996, p. 141) na situação em que a excitação e o prazer ficam concentrados apenas nas atividades sexuais preliminares sem o objetivo de se chegar ao alvo sexual. No entanto, Freud analisa as perversões a partir de duas coordenadas: (1) “transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual”, e/ou (2) “demoras nessas relações intermediárias com o objeto sexual” (FREUD, 1905/1996, p. 142).

Na primeira coordenada, que se refere às transgressões anatômicas, Freud (1905/1996) destaca o ato de *supervalorizar o objeto sexual*, no qual o amor seria a fonte imperativa. Neste processo, a libido tende a se fixar de maneira inconsciente no objeto amado ou admirado e, assim, a supervalorizá-lo. Freud vai correlacionar esta situação ao plano da hipnose, isto é, na relação que se estabelece entre o hipnotizado e o hipnotizador – relação esta que se dá, segundo ele, por meio de componentes masoquistas da pulsão sexual (FREUD, 1905/1996). Percebe-se que Freud concebe, desde o início de sua teoria, a presença de componentes masoquistas no psiquismo e na relação com o outro (isto é, com o objeto amado). Desta forma, entendemos que a fixação inconsciente ao objeto amado, sob o imperativo do amor, é condicionado pela operação dos componentes masoquistas da pulsão sexual.

Isto significa dizer que tais componentes da pulsão desempenham um papel importante, quiçá fundamental, na relação que o sujeito estabelece com o objeto. A ‘supervalorização do objeto sexual’, que se dá por meio desta relação, é entendida como psicologicamente necessária ao sujeito (FREUD, 1905/1996). Apenas através deste entendimento é que Freud se encontra em condições de desconsiderar a prática do fetichismo como desvio sexual, o que tem como consequência a subversão da concepção psiquiátrica instaurada no século XIX, conforme veremos adiante.

Além da supervalorização do objeto sexual, Freud colocará em análise outras práticas sexuais que atuam como transgressões anatômicas por se direcionarem a outras regiões do corpo que não as genitais. Entre essas práticas, podemos evocar o *uso do orifício anal* e de outras partes do corpo, assim como *o uso sexual da mucosa dos lábios e da boca* (o sexo oral) – práticas essas que eram usuais desde a Antiguidade, e que passaram a ser consideradas como perversão sexual a partir do século XIX (FREUD, 1905/1996). Para Freud, a não aceitação destas práticas está correlacionada a um sentimento de asco, que da mesma maneira leva à restrição do alvo sexual – o que, em suma, igualmente impediria o sujeito de concretizar o ato sexual.

Outra forma de transgressão anatômica que Freud analisa é o *fetichismo*. Este consiste na eleição de objetos outros que substituem o objeto sexual (FREUD, 1905/1996). Em outras palavras, o fetichismo é uma prática sexual em que são utilizados objetos substitutos no lugar do ato sexual; neste caso, o sujeito não consegue chegar ao objetivo final, o coito. Este dado foi, aliás, bem definido por Krafft-Ebing (1886/2000). Freud vai relacionar esta dificuldade do fetichista de realizar o ato sexual com a fraqueza de execução no aparelho sexual, parecendo ser até mesmo um pré-requisito em todos os casos.

Podemos, a propósito, pensar na relação dessa fraqueza do aparelho sexual com a questão do falo⁹, no sentido de uma impotência que se refere à condição que falta ao sujeito, conforme designado por Lacan e descrito muito bem por Elia (1995) como “aquilo que se opõe ao objeto-presença” (p. 63). Em uma nota de rodapé acrescentada em 1915, Freud (1905/1996) afirma que “essa fraqueza corresponderia a uma pré-

⁹ Tratamos aqui do ‘falo’ com o significante: “de algo que pode faltar, alusão à falta de pênis da mulher”, sobretudo a questão da feminilidade, relacionado a “uma dimensão simbólica da castração. Assinalando a incompletude radical e estrutural do sujeito em relação ao sexo. (...) O falo é aquilo que se opõe como objeto-presença” (ELIA, 1995, p. 62-63).

condição constitucional” do sujeito (p. 145, n. 1). A substituição do alvo sexual pelo fetiche seria, por outro lado, uma condição acidental, uma solução encontrada para superar tal fraqueza, e que seria originada, segundo Freud, de um “amedrontamento sexual precoce, que desvia do alvo sexual normal e incita a sua substituição” (FREUD, 1905/1996, p. 145, n. 1). Portanto, o fetichista procura nos objetos substitutos o falo, para exatamente minar a sua falta.

Neste caso, Sacher-Masoch (1870/2008) traz muito bem a ilustração de tais objetos substitutos quando descreve sua deusa, *A Vênus das peles*: “cabelos de fogo e com a sua *karazaika* de peliça branca”. Para o fetichista, o objeto sexual pode ser os pés, os cabelos, e outras partes do corpo que não servem a fins sexuais, assim como objetos inanimados, como casacos de peles, lingerie, botas e outros adereços. Deste modo, a relação que se estabelece no fetichismo exige “do objeto sexual uma condição fetichista para que o alvo sexual seja alcançado” (FREUD, 1905/1996, p. 145).

Como citamos anteriormente, se não fosse o fator proporcionado pela supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual, a prática do fetichismo (o uso intenso de objetos para a prática sexual) poderia ser considerada um desvio do ponto de vista psiquiátrico, conforme nos esclarece Freud (1905/1996). O que ele acrescenta, no entanto, é que certo grau de fetichismo faz parte da relação amorosa entre todos os sujeitos. Em outras palavras, subjacente à prática sexual normal encontra-se o componente fetichista, sobretudo nos processos de idealização, admiração e enamoramento do objeto sexual antes de se alcançar o alvo definitivo (FREUD, 1905/1996). A linha tênue para considerar o fetiche um caso patológico é quando este se fixa em um só grau substituindo o alvo sexual normal (o coito), ou quando ele próprio se torna o único objeto sexual. Estas duas coordenadas indicam em que configuração as variações da pulsão são transformadas em aberrações patológicas (FREUD, 1905/1996).

Conforme indicamos, Freud também analisa a *demora dos atos preliminares com relação ao objeto sexual*, que acabam se tornando fixações. Entre estas últimas está o surgimento de novas intenções sexuais que antecedem o coito ou até mesmo que o substituem, como as práticas de tocar e de olhar na relação sexual (FREUD, 1905/1996). A fixação aparece, aliás, como um tema importante para Freud. Ela se instala quando a pulsão não encontra caminhos possíveis que lhe conduzam em direção aos objetos privilegiados do sujeito. Deste modo, a pulsão acaba por fixar-se no objeto

que a ela é mais facilmente disponível (ELIA, 1995). Em suma, as aberrações sexuais serão definidas como práticas fixadas em objetos outros que não levam ao ato sexual “normal”, ou mesmo que simplesmente o substituem. O voyeurismo, por exemplo, só é considerado por Freud como uma prática pervertida quando: (1) se fixa no objeto sexual; (2) se fixa no objeto substituto; ou (3) quando substitui o alvo sexual normal.

Um eixo fundamental que é destacado no estudo das perversões sexuais é a dupla configuração em que o alvo sexual se apresenta: seja na forma ativa ou passiva. Nos *Três ensaios*, o *voyeurismo* (prazer de olhar) e o *exibicionismo* (prazer de ser olhado) compõem um par no qual o primeiro representa a forma ativa e o segundo, a forma passiva. Do mesmo modo, o *sadismo* e o *masoquismo* representam, respectivamente, a posição ativa e passiva. Neste momento da teorização, a vergonha¹⁰, o asco e a moral são consideradas forças psíquicas que se opõem ao prazer ou à sua obtenção. Concentraremos a seguir nosso estudo sobre o sadismo e o masoquismo, que aparecem como pertencentes de um mesmo conjunto não apenas na teoria da sexualidade de Freud, como também, em um plano mais geral, ao longo de todo seu pensamento.

1.4.2. Sadismo e masoquismo

Freud (1905/1996) destaca claramente o sadismo e o masoquismo como algumas das “mais frequentes e significativas de todas as perversões” (p. 149). Ambas, como já vimos anteriormente, são categorias psiquiátricas inauguradas pelo psiquiatra vienense Richard Von Krafft-Ebing. O que este vai considerar como pano de fundo no sadismo e no masoquismo é o prazer relacionado a qualquer forma de humilhação ou sujeição. Vale dizer que esta perspectiva não representa um consenso; alguns autores se distinguem dela, tais como o alemão Schrenck-Notzing (1899). Este psiquiatra vai valorizar, em sua descrição, o prazer na dor e na crueldade, formulando para isso a categoria psiquiátrica de *algolagnia* (FREUD, 1905/1996).

Freud, por sua vez, parece encontrar na denominação sugerida por Krafft-Ebing a melhor forma de compreender o sadismo e o masoquismo na sexualidade humana. Para

¹⁰ A vergonha, assim como o asco, entra nesse contexto como forças psíquicas de resistência a tudo que leva à satisfação pulsional. Para Freud, essas forças atuam no aparelho psíquico de modo crítico, transformando o que é da ordem natural do comportamento do sujeito em um modo anormal que deve ser reprimido. Deste modo, essas forças aparecem como forças psíquicas repressoras no aparelho psíquico (FREUD, 1905/1996).

ele, a sexualidade tem em sua raiz uma mescla entre a agressividade e o ato de ser subjugado pelo outro. Deste modo, “o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante” (FREUD, 1905/1996, p. 149). Se por um lado o sadismo é considerado como a atitude ativa e até mesmo violenta em relação ao objeto sexual, o masoquismo será relacionado às atitudes passivas frente à vida e ao objeto sexual. Enquanto perversão, o masoquismo parece se distanciar do alvo sexual normal, e o sadismo tem sua satisfação condicionada exclusivamente pela sujeição e maus-tratos infligidos ao objeto sexual.

Nos *Três ensaios*, Freud (1905/1996) coloca em dúvida o valor originário do sadismo e do masoquismo, porém, reconhece este último como uma continuação daquele que se volta contra a própria pessoa, assumindo assim o lugar do objeto sexual. Essa concepção foi modificada quase vinte anos mais tarde, quando, em seu importante trabalho *O problema econômico do masoquismo*, passou a conceber um masoquismo primário, denominado erógeno, que antecede a entrada do sadismo na vida psíquica (FREUD, 1924/1996).

Deste masoquismo erógeno se desdobram duas formas, o masoquismo feminino e o masoquismo moral (FREUD, 1924/1996). O masoquismo feminino trata da expressão da natureza feminina, tendo sido muito explorado no artigo *Uma criança é espancada* (1919). Esta forma de masoquismo é correlacionada com o complexo de castração e pela busca da posição feminina (FREUD, 1919/1996). O masoquismo moral, por sua vez, se manifesta como uma norma de comportamento (*behaviour*). Ele é articulado com o supereu e identificado com o sentimento inconsciente de culpa, conceitos que Freud explora em seu artigo *O ego e o id* (1923).

É importante destacar que, já em 1905, são considerados dois fatores fundamentais na fixação da atitude sexual passiva originária: o complexo de castração e a consciência de culpa (FREUD, 1905/1996). Ambos acompanharão o delineamento teórico que o conceito de masoquismo ganha ao longo do pensamento freudiano. Quanto à questão da atividade e da passividade, estas serão compreendidas como características universais da vida sexual. Freud (1905/1996) procura explicar a presença do fator agressivo ligado à pulsão sexual como resíduo de desejos canibalísticos (filogenéticos), especificamente

em sua forma de dominação. Esta hipótese será desenvolvida com maior profundidade no livro *Totem e tabu* (1913/1996).

Para Freud, todo sujeito carrega em si as formas ativa e passiva de determinada “perversão”. Ou seja, a mesma pessoa que se satisfaz em infligir dor no outro é capaz de gozar de uma dor infligida nela própria. Portanto, o sádico é, sempre e ao mesmo tempo, um masoquista. Os dois movimentos estão presentes no mesmo sujeito, mesmo que um ou outro seja mais predominante. Vimos que este aspecto da complementariedade das pulsões sádica e masoquista foi criticado por Deleuze (1967/2009). Laplanche (1987), por sua vez, vai identificar a diferença do ponto de vista que levam Freud e Deleuze para suas respectivas considerações.

1.5. Críticas ao sadomasoquismo: Deleuze e Laplanche

Para o presente trabalho, faremos uma leitura de Deleuze (1967/2009) direcionada para sua contribuição no que se refere em diferenciar essas modalidades de conceito entre o sadismo e o masoquismo. Compreendemos que suas reflexões trazem questões fundamentais para abrirmos uma discussão filosófica sobre a categoria do masoquismo em relação à sua própria concepção tal como formulada pela psicanálise. No entanto, deixaremos essas questões para outro momento. Nosso objetivo imediato é indagar se é lícito ou não conceber-se uma complementariedade entre sadismo e masoquismo.

Deleuze (1967/2009) critica a noção de complementariedade. Em contrapartida, Laplanche responde ao filósofo argumentando sobre a importância dessa noção para a teoria das pulsões na psicanálise¹¹. Para Deleuze (1967/2009), não há possibilidade do masoquismo ser complementar ao sadismo ou vice-versa, visto que ambos são modalidades de vida, cada uma com sua singularidade e com sua especificidade. Em outras palavras, ambos pertencem a “universos estéticos e eróticos completamente distintos e autônomos” (PEREIRA, 2009, p. 383).

Para o filósofo, as perversões não se complementam mediante a cena fantasmática e/ou literária; quer dizer, o masoquista não precisaria do sádico para satisfazer-se, e nem este último necessitaria da presença do primeiro (DELEUZE, 1967/2009). Assim, o autor

¹¹ Esse aspecto é essencial para compreendermos o sadismo e o masoquismo enquanto forças pulsionais na obra freudiana, conforme veremos nos próximos capítulos.

aponta para uma incoerência nesta configuração. Sua crítica recai diretamente no terreno da psicanálise, por esta herdar de Krafft-Ebing a ideia de uma articulação entre as duas perversões. De fato, Freud trabalha, ao longo de sua obra, concomitantemente com as duas modalidades associadas entre si; contudo, ele assim o faz a partir de sua teoria pulsional, como veremos no decorrer deste trabalho. Isto significa dizer que Freud não se calca nos quadros clínicos das perversões quando trabalha com as categorias em questão (LAPLANCHE, 1987).

Para responder às críticas deleuzianas, Laplanche concorda que “o masoquista jamais irá procurar um sádico e vice-versa” (LAPLANCHE, 1987, p. 280). A psicanálise aponta, no que se refere às configurações do sadismo e masoquismo, que ambas as modalidades “são *unicamente os avatares*, não de um comportamento sexual realizado, mas de *uma certa gramática ou de um certo roteiro inconsciente*” (LAPLANCHE, 1987, p. 280, grifos do autor).

Ambos constituem um par de opostos, e a relação da presença simultânea destes no mesmo indivíduo é relacionado com a oposição entre masculino e feminino da bissexualidade, sendo substituída na psicanálise pelo contraste entre ativo e passivo (FREUD, 1905/1996; 1915/1996). Neste momento de sua teorização, Freud procura compreender a dor como uma possibilidade de se ter, paradoxalmente, uma sensação prazerosa em si mesma (FREUD, 1905/1996). Falaremos a seguir sobre essa questão, que aparece como fator manifesto tanto no sadismo como no masoquismo.

1.6. Entre a dor (*Schmerz*) e o desprazer (*Unlust*)

No *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]/1996), Freud vai fundamentar o funcionamento do aparelho psíquico no princípio do prazer, na medida em que o mesmo busca evitar o desprazer e obter prazer. Deste modo, o prazer está intimamente relacionado com a descarga das excitações; neste sentido, o objeto que é fonte de prazer provoca descarga de excitação, diminuindo assim a tensão e instaurando a sensação de prazer. Entretanto, um objeto que é fonte de desprazer provoca um aumento dessa intensidade – ou seja, o que é desprazeroso vai proporcionar ao indivíduo um aumento da excitação (FREUD, 1895[1950]/1996). É nesse imperativo da intensidade que ocorre a dor (BIRMAN, 2012), e é deste modo que dor e desprazer se diferenciam sutilmente

(LAPLANCHE, 1987): o desprazer parece ser o prazer ao avesso, enquanto que a dor está correlacionada com a força da intensidade das excitações.

Ao longo do pensamento freudiano, dor e desprazer são elementos que se tornam indispensáveis dentro do conjunto teórico. A dor pode se referir à dor física, à dor psíquica ou até mesmo à dor moral, enquanto que o desprazer está ligado ao prazer e a uma constante fuga. Vamos procurar estabelecer a diferença entre dor e desprazer no que concerne ao masoquismo, pois se tratam de dois conceitos que, na obra freudiana, não se confundem e que, não obstante, são fundamentais para a nossa investigação (LAPLANCHE, 1987).

Embora a dor apareça desde o *Projeto* e seja vagamente ventilada em *Pulsões e seus destinos* (1915), a sua definição se dará com mais clareza somente em 1920, no ensaio *Além do princípio do prazer*. Esta definição nos interessa sobretudo, uma vez que é a partir dela que podemos compreender com maior clareza a distinção entre dor e desprazer. É importante notar que Freud não se refere à dor como um aumento nem como uma diminuição de tensão, pelo menos em sua origem (LAPLANCHE, 1987).

A dor é, segundo Laplanche (1987), definida por Freud como “uma *efração* do pára-excitações numa extensão limitada” que resulta no desprazer específico da dor (LAPLANCHE, 1987, p. 180-1, grifo nosso). Ou seja, Freud a define como uma ruptura limitada do pára-excitações, uma espécie de brecha. Deste modo, para que haja a dor é necessário que haja um limite, e é preciso que haja rompimento desse limite. Comenta Laplanche (1987):

A efração por si só não basta. Uma vez criada, constitui-se uma espécie de emissor de excitações, que tendem a propagar-se por todo o aparelho, fazendo fracassar a distinção habitual, que é nitidamente estabelecida pelo organismo entre as fontes internas de excitação e as fontes externas (LAPLANCHE, 1987, p. 182).

O que entendemos a partir daí, é que a dor é um hemisfério que gira em torno do desprazer, e para que ela ocorra é preciso uma medida, um limite que seja atravessado por essa efração – que significa por sua vez um arrombamento, uma ruptura. A dor é, portanto, a consequência da ultrapassagem de um limiar possível de pára-excitação no organismo psíquico (se formos falar apenas da dor psíquica). Sendo assim, um desprazer por si só não pode provocar a dor; é preciso uma quantidade de excitação

necessária que ultrapasse esse limiar e assim origine a experiência de dor no organismo (FREUD, 1920/1996; LAPLANCHE, 1987; BIRMAN, 2012; FORTES, 2012). O limiar de que trata Freud parece-nos ser diferente para cada sujeito: refere-se ao limite de excitação que cada sujeito é capaz de suportar.

É nesse sentido que a dor se diferencia do desprazer, pois é preciso certa quantidade de desprazer para que se atinja o limiar para além do qual é desencadeada a dor. No caso do masoquista, a dor é irrelevante mediante a quantidade de excitação: o que está em jogo pela via da intensidade é o prazer entrelaçado com o desprazer, além da posição de passividade que o sujeito ocupa (FREUD, 1905/1996; 1915/1996; 1919/1996; 1920/1996).

Quanto ao desprazer, ele está vinculado à noção de prazer, diferentemente da dor. A dor não parece ter um correspondente, enquanto que o desprazer está sempre em par desprazer-prazer (LAPLANCHE, 1987). Com a enunciação do ‘princípio de prazer’ ou ‘princípio de desprazer’, Freud (1895[1950]/ 1996) explica o movimento de fuga do organismo em relação ao desprazer e a sua busca pelo prazer. Como nos explica Laplanche (1987), em termos hedonistas, esse enunciado proposto por Freud em 1895 não parece ter sentido, pois se o movimento do organismo fosse somente a volta para o prazer, haveria uma descarga total de excitação, e não sobraria energia suficiente para o organismo sobreviver (LAPLANCHE, 1987; BIRMAN, 2009).

Esta questão só ganha lógica se for relacionada com o princípio da constância, que Freud (1920/1996) vai conceber a partir do seu ensaio *Além do princípio do prazer*. O nível de energia relacionado à constância já se encontra no discurso freudiano desde o *Projeto para uma psicologia científica*, porém, sob a forma de tendência (FREUD, 1895[1950]/1996). Somente em 1920 Freud passa a considerar essa tendência um princípio a manter o nível de energia do organismo em nível constante (FREUD, 1920/1996). Trata-se de seu substrato econômico, que “consiste para o organismo vivo em restaurar incessantemente o seu nível” (LAPLANCHE, 1987, p. 178). O princípio da constância busca manter o mínimo de excitação possível, diante da correspondência que o desprazer tem com o aumento de tensão e que o prazer tem com a diminuição da tensão (FREUD, 1920/1996).

Procuramos diferenciar a dor do desprazer, para delimitar o que Freud considera como condição fundamental do masoquismo (FREUD, 1905/1996; 1915/1996). Pois, mais

uma vez, o que está em jogo para ele, na condição masoquista, é a passividade e o desprazer. A dor, como foi dito até aqui, tem apenas um papel secundário em relação ao masoquismo. Em um primeiro momento, é inerente a uma coexcitação na teoria da libido – isto é, dor e prazer comparecem a partir da experiência do masoquismo. Em um segundo momento (a partir de 1920), a dor passa a ser definida como uma efração, ou seja, uma ruptura do para-excitações, relacionando-se mais à questão do trauma.

A relação entre desprazer e masoquismo foi concebida por Freud a partir de suas reflexões acerca das fantasias de espancamento (FREUD, 1919/1996), que veremos com mais detalhes no próximo capítulo. No que se refere à passividade, vimos que Freud (1905/1996) dá valor a este aspecto desde sua primeira referência ao conceito de masoquismo. Esta relação foi primada, aliás, por Krafft-Ebing (1886/1895; 1886/2000) como uma das características principais da configuração sintomática do masoquismo enquanto quadro patológico de perversão sexual. Em suma, a característica da passividade torna-se fundamental para a noção de masoquismo na teoria psicanalítica, como veremos a partir do segundo capítulo (FREUD, 1915/1996).

CAPÍTULO 2

O MASOQUISMO NA PRIMEIRA TEORIA DAS PULSÕES

Este capítulo propõe apresentar o conceito de masoquismo e sua entrada na primeira teoria pulsional. Situado no interior do movimento da pulsão, o masoquismo adquire importância fundamental na teoria psicanalítica. Tal como citamos no capítulo anterior, o conceito em pauta surge no discurso freudiano em 1905 nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* como uma coexcitação da dor na teoria da libido – a excitação sexual está, conforme dito, presente em todas as produções do psiquismo. Em 1915, o masoquismo passa a ser um dos destinos possíveis da pulsão (FREUD, 1915/1996). Sua função é relacionada a uma das modalidades de defesa na circunscrição das pulsões no aparelho psíquico. A partir daí, sua presença começa a se tornar indispensável para a metapsicologia freudiana: o masoquismo passa a representar uma condição pulsional inerente a todo sujeito. É deste modo que, para compreendermos o dispositivo do masoquismo, será necessário passearmos pelas trilhas do conceito de pulsão.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a pulsão surge como um conceito fundamental para a construção da metapsicologia freudiana. Entre os anos de 1905 a 1920, a concepção de pulsão sofrerá importantes modificações¹². O florescimento da pulsão no organismo se dá através da primeira necessidade de nutrição – que atua como fonte de estimulação pulsional. Assim, o organismo se transforma em corpo erógeno, onde a obtenção do prazer se torna o objetivo principal do aparelho psíquico (FREUD, 1905/1996). A partir desta hipótese, Freud (1905/1996) formula a noção de sexualidade perverso-polimorfa, mostrando que através da funcionalidade das pulsões parciais todo o corpo é passível de excitação. Assim, as zonas erógenas deixam de se restringir apenas à boca e às zonas genitais, e passam a se estender às diversas áreas do corpo (FREUD, 1905/1996; GARCIA-ROZA, 2009). Como veremos a seguir, as pulsões

¹² É no ensaio *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910/1996) que Freud vai conceber o primeiro dualismo pulsional, introduzindo o conflito psíquico entre as pulsões do eu (conservação do indivíduo) e as pulsões sexuais (sexualidade). Este conflito é mais detalhado em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/1996), onde Freud articula a pulsão sexual ao princípio de prazer e as pulsões do eu ao princípio de realidade. A partir de seu texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914/1996), o dualismo pulsional será subvertido: o ‘eu’ será tomado como objeto de investimento libidinal das pulsões sexuais. Assim, Freud enuncia o termo ‘libido do eu’ para as pulsões sexuais investidas no eu, e ‘libido objetal’ para as pulsões sexuais investidas nos objetos. Deste modo, o dualismo pulsional se quebra, tornando monista a concepção de pulsões. Somente em 1920, com a introdução da figura da pulsão de morte, é que o dualismo pulsional voltará a se consolidar efetivamente na obra freudiana (FREUD, 1920/1996).

parciais são articuladas com os pares de opostos da pulsão sexual, se tornando independentes das zonas erógenas, por envolver objetos externos (FREUD, 1905/1996; MAGALHÃES, 1994). Sua compreensão é fundamental para um estudo do conceito de masoquismo tal como desenvolvido no contexto da primeira teoria pulsional.

2.1. Na parcialidade pulsional

A noção de ‘pulsões parciais’ aparece na obra freudiana, pela primeira vez, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), tendo aí um papel destacado dentre os formadores de sintomas das psiconeuroses. Freud vai referenciá-las aos pares de opostos que aparecem nas pulsões sexuais dirigindo-se a novos alvos. Portanto, “o prazer de ver e ser olhado (exibicionismo e voyeurismo) e o prazer de torturar e ser torturado (sadismo e masoquismo) em suas formas, ativa e passiva, constituem as pulsões parciais” (FREUD, 1905/1996, p. 158). Em nosso trabalho, iremos nos valer do segundo par de opostos, que condiz à dita pulsão de crueldade.

Freud destaca que essa pulsão específica, em suas formas ativa e passiva, “é indispensável à compreensão da natureza sofrida dos sintomas e domina quase invariavelmente uma parte da conduta social do doente” (FREUD, 1905/1996, p. 158). Para o autor, é na ligação entre a crueldade e a libido que se desenvolve a transformação do amor em ódio – quer dizer, das moções afetuosas em moções hostis. Neste sentido, compreendemos, através da psicanálise, que as pulsões parciais estão sempre presentes no sujeito, em sua forma ativa e passiva. Em outras palavras, os pares de opostos que as designam se encontram sempre em conjunção. De acordo com Freud (1905/1996),

toda perversão ‘ativa’, portanto, é acompanhada por sua contrapartida passiva: quem é exibicionista no inconsciente é também, ao mesmo tempo, voyeur; quem sofre as consequências das moções sádicas recalçadas encontra outro reforço para seu sintoma nas fontes da tendência masoquista (FREUD, 1905/1996, p. 158).

É a partir disso que Freud vai conceber a complementariedade das pulsões em um mesmo indivíduo. Como vimos, este ponto será alvo de críticas de Deleuze (1967/2009)¹³; no entanto, ele toma como referência não as pulsões em si, mas os

¹³ Cf. capítulo 1, tópico 1.4.3.

sintomas dos sujeitos sádicos e masoquistas (LAPLANCHE, 1987). Para este filósofo, lembremos, um sádico nunca vai se render ao gozo do masoquista. Se um “masoquista diz: *bata em mim*, o sádico irá responder: *Não bato!*” (DELEUZE, 1967/2009, p. 41). É desta forma que Deleuze (1967/2009) não concorda com a noção de complementariedade entre o sádico e seu correspondente. No entanto, o que Freud (1905/1996) está nos apresentando é a existência de duas pulsões em um mesmo indivíduo, sendo que uma pode ser preponderante em detrimento da outra. Não obstante, esta última permanece no sujeito, mesmo que adormecida – ou, melhor dizendo, mesmo que inconsciente.

Em *A Vênus das peles*, podemos observar que a personagem Wanda, criada pelo escritor Sacher-Masoch, apresenta os dois impulsos. A agressividade se encontra adormecida, e é despertada somente com a incitação de Severin, seu amante. Diz Wanda: “dormitavam em mim disposições perigosas, mas tu as despertaste” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 144).

Podemos perceber de forma ainda mais explícita a maneira como Sacher-Masoch também dualiza os componentes sádico e masoquista no personagem Severin, causando, de certo modo, forte impacto no leitor logo nas primeiras páginas. O referido personagem se apresenta com características dominadoras e hostis para com sua mulher, criada, escrava. Ora, quem o leitor espera que se apresente como escravo e dominado pela mulher, aparece, inicialmente, tratando sua mulher como escrava. Sacher-Masoch descreve Severin assumindo uma posição de domínio em relação ao objeto, depois de ter passado por uma experiência de dominação e submissão diante de uma mulher. Ao longo da obra, essa experiência é relatada pelo personagem que apresenta descritivamente sua posição anterior, qual seja, a posição masoquista.

As posições, passiva e ativa, se apresentam na obra de Sacher-Masoch em um caráter de conflitualidade. Daí a frase extraída do livro *Fausto*, de Goethe, citada no início e no fim do romance: “ou tu és o martelo ou a bigorna”. De certa forma, testemunhamos a transformação de um componente pulsional em outro: tanto a atitude ativa quanto a atitude passiva estão presentes no ímo do personagem, mesmo quando uma se apresenta dominante em relação à outra.

É por essa possibilidade de transformação entre um componente pulsional e outro, que Freud (1905/1996) dedica à pulsão sua condição de plasticidade mediante a variação de

sua finalidade e de seu objeto. Como veremos a seguir, a pulsão é para a psicanálise sempre ativa devido à sua força constante e incessável, mas pode ter sua finalidade passiva ou ativa. Sua atuação é como um processo excitatório, que se origina em um órgão e se direciona para o que possa lhe satisfazer. Deste modo, Freud (1905/1996) concebe a pulsão como um representante psíquico, cuja função é exigência de trabalho ao psiquismo.

2.2. O masoquismo e a pulsão sexual

Conforme dito, podemos perceber que, assim como o masoquismo, o conceito de pulsão também surge na teoria freudiana em 1905 – nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* –, e vai ganhando uma importância cada vez mais essencial na metapsicologia. Sua formulação mais precisa aparece no ensaio *Pulsões e seus destinos*, de 1915, onde Freud vai definir a pulsão como o representante psíquico das forças somáticas, localizada na fronteira entre o mental e o físico. Adiantamos que o conceito de pulsão não adquire uma formulação definitiva nesse texto, mas vai sofrer modificações significativas nos anos posteriores.

A pulsão é uma fonte de estimulação que surge de dentro do organismo como uma força constante, inacabável. Dela imantam estímulos que sofrem a tentativa de dominação pelo aparelho psíquico, que vai exercer por sua vez a função de livrar-se deles ou de reduzi-los ao nível mais baixo possível. Freud refere a este processo como uma tendência de constância, conforme mostrado no capítulo anterior. Neste momento de sua teorização, Freud baseia-se na ideia de que o funcionamento do aparelho psíquico está sujeito ao princípio de prazer, voltado para a distinção da série prazer-desprazer (FREUD, 1915/1996). Segundo esta concepção, todo o aparelho trabalha em função de livrar-se do desprazer, que estaria relacionado a um aumento de tensão, e de manter um nível de energia psíquica mínima para a sua sobrevivência.

A pulsão exerce ela própria uma função invariavelmente ativa, estando em atividade constante pela força incessante que a move. Sua finalidade, por outro lado, depende do grau de satisfação que o sujeito obtém em relação ao objeto, podendo ser ativa ou passiva. Ou seja, sua finalidade é sempre a satisfação e, ao mesmo tempo, sempre variável (FREUD, 1915/1996; BIRMAN, 2009; GARCIA-ROZA, 1995; ELIA, 1995).

Freud considera que a relação da pulsão com o objeto pode sofrer também uma forma de fixação. Quando isso ocorre, é devido a uma relação estreita entre a pulsão e um determinado objeto. A energia somática é a fonte pulsional; sua pressão está relacionada ao fator motor, isto é, à quantidade de força utilizada para se obter a satisfação (FREUD, 1915/1996).

Em decorrência da força interminável e contínua da pulsão, cabe ao aparelho psíquico definir formas outras de minimizar a excitação provocada pelos estímulos. Se não a fizer, o aparelho psíquico corre o risco de sofrer uma hemorragia pulsional, ou se, pelo contrário, o aparelho descarregar toda a quantidade de excitação, ele também corre o risco de não sobreviver (FREUD, 1915/1996; BIRMAN, 2009). É neste sentido que Freud (1915/1996) situa na raiz do aparelho psíquico a existência constante de um conflito que não pode cessar.

Com efeito, sua observação a partir das neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva) vai indicar que há sempre um conflito entre as exigências da sexualidade e as exigências do eu. As exigências provocadas pela ordem da pulsão sexual entram em combate com as exigências do eu, que procuram por sua vez impedir a realização da satisfação daquelas primeiras. Nesse sentido, Freud (1915/1996) postula que o aparelho psíquico lança mão de algumas formas possíveis de redirecionar esse acúmulo de energia, operando como modalidades de defesa do psiquismo. O masoquismo, componente do par de opostos sadismo/masoquismo, será concebido como um destes destinos.

2.3. O masoquismo e os destinos pulsionais

Considerando esta relação de conflito no interior do aparelho psíquico, Freud define os destinos possíveis da pulsão: reversão ao seu oposto; retorno em direção ao próprio eu (*self*); recalque¹⁴; e sublimação (FREUD, 1915/1996). Na presente dissertação, iremos abordar os dois primeiros destinos citados, pois eles estão intimamente articulados ao nosso tema: a reversão ao seu oposto e o retorno em direção ao próprio eu (*self*).

¹⁴ “O Recalque” também é um ensaio que está entre os textos metapsicológicos, publicado em 1915 (FREUD, 1915a/1996).

Começamos pelo primeiro destino citado por Freud (1915/1996), a reversão ao seu oposto. Este destino trata de dois processos diferentes – a mudança da atividade para a passividade e a reversão de conteúdo. Ambos os movimentos serão importantes em nossa leitura sobre a primeira teoria das pulsões. Na mudança da atividade para a passividade, encontramos os dois pares de opostos sadismo/masochismo e voyeurismo/exibicionismo. Neste processo, o que está em jogo é a substituição da finalidade (objetivo) da pulsão ativa para a finalidade passiva. Substitui-se o ‘olhar’ pelo ‘ser olhado’, o ato de ‘torturar’ pelo ato de ‘ser torturado’. Portanto, a finalidade pulsional toma uma direção transformada da atividade para a passividade. No segundo processo, a reversão de conteúdo, é destacada a transformação de amor em ódio, que veremos mais adiante.

No segundo destino pulsional traçado por Freud, o retorno da pulsão em direção ao próprio eu (*self*), verifica-se, em relação ao masochismo, a mesma concepção dada por Freud em 1905: o masochismo é uma continuação do sadismo que retorna em direção ao próprio eu do sujeito (FREUD, 1905/1996; 1915/1996). No caso do exibicionismo, a pulsão de olhar é voltada para o seu próprio corpo. Neste processo ocorre a mudança do objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada (FREUD, 1915/1996). Freud nos chama atenção para a convergência entre este último destino com a transformação da atividade para a passividade, na qual há, conforme visto, a transformação da meta (finalidade).

É a partir dessas coordenadas que Freud (1915/1996) elabora um estudo aprofundado sobre o par de opostos sadismo-masochismo, situados no contexto da primeira teoria das pulsões. Estes pares de opostos terão um papel importante sobre o movimento pulsional, se dando através de três movimentos: no primeiro, o sujeito exerce violência ou poder sobre o outro como objeto (esta fase caracteriza o sadismo); no segundo, há o abandono do objeto, substituindo-o pelo próprio eu, transformando a pulsão ativa em pulsão passiva; no terceiro, por fim, um objeto é eleito para exercer o papel de sujeito, ou seja, de pulsão ativa (sádica) em função da alteração da finalidade (passagem da atividade para a passividade), enquanto que o sujeito assume o papel de objeto (isto é, o alvo do sadismo do outro). Este último movimento é denominado propriamente de masochismo (FREUD, 1915/1996).

Neste movimento, a satisfação é contemplada pelo eu passivo em função do sadismo (FREUD, 1915/1996). Ou seja, a satisfação masoquista se dá unicamente de forma indireta, sendo uma inflexão do sadismo. A diferença entre o terceiro movimento (o masoquismo) e o imediatamente anterior a ele reside no fato de que, neste, a pulsão sádica transforma-se em autotortura e em autopunição, típico da neurose obsessiva. Nesse caso, não haveria uma atitude passiva que necessitasse eleger um sujeito para exercer a pulsão ativa; quem o faz é a própria pessoa em um movimento puramente reflexivo (FREUD, 1915/1996; GARCIA-ROZA, 1995; BIRMAN, 2009).

2.3.1. Objeto/sujeito no masoquismo

A atitude passiva se refere à finalidade da pulsão, que no terceiro caso faz o movimento de eleger um objeto para assumir o papel ativo (sujeito). É deste modo que o ‘eu’ é considerado passivo em função deste objeto eleito para ser o sujeito/ativo, e este objeto/sujeito é nomeado por Freud como um ‘eu estranho’, para quem o ‘eu passivo’ estará submetido (ASSOUN, 1996).

Michel (1989/1992), em sua análise biográfica de Sacher-Masoch, aponta um elemento que conquista grande destaque no contexto ilustrativo do masoquismo – a existência do contrato. Não fica claro, nem na obra *A Vênus das peles*, nem nas informações apresentadas por Schlichtegrol, se foi Sacher-Masoch quem elaborou o contrato. Tanto no romance quanto no diário do escritor, a leitura indica que o contrato é escrito pela mulher e não pelo homem, mas à solicitação deste. Tal contrato tem a função de determinar quem assume a posição passiva e quem assume a posição ativa na relação. Isto significa dizer que o masoquista escolhe o objeto que se encarregará da posição ativa de sujeito para que ele possa estar na posição passiva, e assim gozar desta posição. Em *A Vênus das peles*, encontramos o seguinte diálogo:

Severin: Ela rascunhou um tratado mediante o qual me comprometo, por palavra de honra e juramento, a ser seu escravo, enquanto ela assim o desejar. (...) - Mas esse contrato para mim só traz deveres! – eu disse, enquanto ela zombava de mim.

Wanda: - Naturalmente – respondeu, com toda a seriedade. (...)

Severin: - Não me permitirás algumas condições? – tentei (...)

Wanda: - Condições? – franziu a testa. – Ah! Já estás com medo, ou já te arrependeste... Tarde demais, tenho teu juramento, tua palavra de honra. (...)

Severin: - Devo assinar o contrato? – perguntei.

Wanda: - Ainda não. – Disse Wanda. - Quero antes acrescentar duas condições (...) (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 79 – 80).

Sabe-se que na obra o autor recria o contrato, de caráter temporário, que não obstante fora *realmente* assinado com Fanny de Pistor, a condessa russa, no dia 8 de dezembro de 1869 – um ano antes de publicar o romance. Com Aurora, sua primeira esposa – a mulher que assume o pseudônimo de Wanda – o contrato é, da mesma forma, elaborado por ela e entregue ao escritor. Para representar o papel da *A Vênus das peles*, Aurora envia à Sacher-Masoch um contrato, mas de caráter permanente. Neste documento, o escritor se compromete a ser seu marido e escravo até o fim de sua vida. Anexo ao contrato, ele assina também uma carta de suicídio, dando à Wanda (Aurora) o direito sob sua vida e morte (MICHEL, 1989/1992).

Em seu diário, escreve o romancista: “Wanda exige o contrato. Eu preciso que ela descubra o rosto. Tirar a máscara. (...) Seria penoso se eu me decepcionasse após o contrato” (MICHEL, 1989/1992, p. 253). Importante contextualizar que Wanda (Aurora) sempre aparecia com máscaras e ainda não tinha revelado seu rosto ao escritor. Este contrato foi assinado em 13 de julho de 1872 – dois anos após a publicação de *A Vênus das peles* –, no período em que ambos se conheceram. O literato firma o contrato, dando sua palavra de honra a se submeter, sem resistência, a todas as condições que lhe forem impostas.

Neste momento, o que levaremos em consideração, tanto no personagem (Severin) quanto na figura de Sacher-Masoch, será a posição ‘masoquista’ de assinar o contrato, e de eleger um objeto que exercerá o papel de sujeito na relação. Sobre a essência do contrato e a importância que este passa a ter na relação masoquista, veremos mais adiante, no próximo capítulo. Tanto Deleuze (1967/2009) quanto Michel (1989/1992) afirmam que este contrato torna-se indispensável para Sacher-Masoch. Em tal contrato, são estabelecidas todas as regras que regimentarão a relação entre a senhora e seu escravo. Neste tópico, iremos nos debruçar nas atitudes de escolha do objeto e de assinar o contrato, que surge como uma condição para a satisfação na posição passiva do eu.

Seguindo esta linha, é possível encontrar um arcabouço de trabalhos que enfatizam que o masoquista é masoquista desde que ele ordene e dirija a cena. Se o sujeito masoquista elege o objeto para o qual cederá o papel ativo para então sacrificar-se, e ainda assina um contrato para isso (lembramos que, no caso de Sacher-Masoch, ele chega a colocar a sua própria vida em risco), perguntamos: seria o masoquismo puramente constituído pela passividade? Ou seria ele conduzido por um movimento de gozo, pelo prazer implicado na escolha do objeto que vai lhe causar o sofrimento? Essa questão se torna problemática na teoria freudiana (MAGALHÃES, 1994), e só vai ganhar profundidade com os estudos sobre a fantasia de espancamento tais como esboçados em *Bate-se em uma criança* (FREUD, 1919/1996). Neste texto, Freud procura trabalhar algo que o surpreendera: a excitação do espancamento sentida pela criança que fantasia.

De todo modo, retomemos: a pulsão é considerada sempre ativa, devido à sua força constante, independentemente da direção tomada pelo seu movimento. Ora, no terceiro momento que citamos acima, o eu se torna passivo: daí a propagação da satisfação pulsional de que o eu é passivo sob uma condição em que se submete a um sujeito ativo. Este sujeito é o objeto eleito pelo eu (doravante passivo); ele exercerá o papel ativo para com este eu. É nesta dinâmica que Freud (1915/1996) designa uma passagem da atividade para a passividade (ASSOUN, 1996). Os dois momentos anteriores, onde (1) o eu implica uma ação ativa a um objeto e depois (2) o eu se desprende do objeto e age sobre si mesmo, é o que dará à Freud, em 1915, a confirmação de que o sadismo é anterior ao masoquismo (FREUD, 1915/1996). Entretanto, o sujeito parece estar aí sempre dirigindo a cena, em estreito acordo com sua exigência pulsional – bem entendido, mesmo quando ele propõe atuar de modo passivo.

É a partir daí que se emprega o termo *Subjekt* (ASSOUN, 1996) para designar o objeto que, tendo sido eleito, assumirá o papel de sujeito em relação ao masoquista, tal como descrito no terceiro momento. Segundo Assoun (1996), esse termo é escolhido por Freud pela simetria com a condição de objeto ao qual é conferida a esta terceira pessoa – isto é, a quem o masoquista irá atribuir o papel ativo. O termo *Subjekt* define um papel, posiciona o lugar de um outro “eu”, o “eu estranho”, um objeto ativo. De maneira brilhante, Assoun (1996) comenta: “é uma espécie de soberania administrada” (p. 267). Neste sentido, o sujeito é convocado a se submeter ao espetáculo no qual ele é posto no lugar de um sujeito soberano, ainda que como “vítima”. O objeto ativo aparece “com todas as suas prerrogativas de soberania –, mas ainda está ali seu ‘modo de emprego’

como objeto, levando-se em conta o ‘ganho pulsional’ que disso retira o sujeito (que se ‘sujeita’ a isso)” (ASSOUN, 1996, p. 266).

Esse “eu estranho”, que assumirá o papel de sujeito, é convocado e mesmo intimado a exercer a atividade, sendo colocado em uma posição de maestria. “Assim, a mulher-algoz é entronizada no papel de sujeito” (ASSOUN, 1996, p. 266). Neste ponto se dá, portanto, a reversão do objeto para este “eu estranho”, pela via da identificação. Freud (1915/1996) realça que a transformação do sadismo em masoquismo acarreta um retorno ao objeto narcisista. Ele explica que “o sujeito narcisista é, através da identificação, substituído por outro eu, estranho” (FREUD, 1915/1996, p. 137). Desta forma, Freud (1915/1996) compreende que os destinos pulsionais, “que consistem no fato de o instinto retornar em direção ao próprio eu do sujeito e sofrer reversão da atividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do eu” (FREUD, 1915/1996, p. 137). Neste sentido, tanto a transformação da atividade para a passividade, quanto a reversão de objeto (objeto – eu), são referências do retorno para uma fixação narcísica do desenvolvimento libidinal, que correspondem às tentativas de defesa disponíveis ao sujeito (FREUD, 1915/1996; ASSOUN, 1996).

Temos condições de confirmar, a partir deste duplo jogo do destino pulsional, a concepção de Freud (1915/1996) no que diz respeito à presença das posições ativa e passiva no mesmo sujeito. O que leva à predominância de uma sobre a outra é o objetivo ao qual se direciona a pulsão (FREUD, 1915/1996). Assim, Freud (1915/1996) afirma que ambas as pulsões, sádico e masoquista, estão interligadas – mesmo na transformação em seu oposto (na mudança da finalidade ativa para passiva) – pois a primeira permanece ao lado da segunda. Trata-se aí de uma característica de ‘ambivalência’ das pulsões, termo introduzido por Eugen Bleuler, e que Freud vai empregar, neste momento de sua obra, no contexto da atividade e da passividade (FREUD, 1915/1996).

Como vimos, Freud (1915/1996) considera o sadismo/masoquismo e o voyeurismo/exibicionismo como pares de opostos das pulsões sexuais que aparecem de maneira ambivalente. Entre essas pulsões, o que vai determinar a atividade ou a passividade como finalidade pulsional é o papel da fonte orgânica, e não o órgão em si. As atividades das pulsões são, inicialmente, autoeróticas. Então, o objeto gerador da fonte de energia não é nem o olho do voyeurista e nem o aparelho muscular do sádico –

mas sim o papel desempenhado pela fonte orgânica. É esta fonte que vai determinar a sua finalidade pulsional. O objeto é, por assim dizer, bem variável.

2.3.2. A reversão amor-ódio

Na transformação do amor em ódio, Freud (1915/1996) também considera a mudança de conteúdo de uma pulsão em seu oposto, dirigidos para o mesmo objeto, como uma forma ambivalente de sentimento. Seu movimento se articula em três opostos: amar/odiar, amar/ser amado, amor-ódio/indiferença. O que interessa ao nosso trabalho é a segunda dessas três antíteses: amar/ser amado.

Esta antítese também corresponde à transformação da atividade em passividade e pode remontar a uma situação subjacente: a de amar-se a si próprio, que se refere a um traço característico do narcisismo. Freud (1915/1996) repara que, conforme a substituição do objeto ou do sujeito por um estranho, o que está em jogo é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado. Esta última, a de “ser amado”, está bem próxima do narcisismo. Desta forma, entendemos que “ser amado” pressupõe uma finalidade de posição passiva a qual, ao mesmo tempo, se aproxima do narcisismo. Em outras palavras, o sujeito exerce uma busca incessante de ser amado pelo outro, pressupondo aí uma atitude passiva e implicando, na mesma medida, na busca/ou retorno de seu narcisismo (FREUD, 1915/1996).

Portanto, o masoquismo, no qual o sujeito exige ter a atenção do outro e busca ser amado pelo outro – “Faz comigo o que bem entender, só não me afaste de ti” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 68) –, pressupõe uma finalidade de posição passiva. Esta posição assumida de entregar-se ao outro, de submeter-se ao outro para ser amado pelo mesmo, não deixa de ser um retorno ao seu narcisismo: podemos refletir que, assim, o sujeito procura assumir um continente na condição de recruta e não de capitão, para que ele não perca o barco.

Ainda em seu ensaio *Pulsões e seus destinos*, Freud (1915/1996) vai estabelecer três polaridades coexistentes na vida psíquica do sujeito. A primeira é a relação sujeito (ego) e objeto (mundo externo); a segunda corresponde à série prazer – desprazer; e a terceira polaridade, por fim, refere-se à dualidade ativo e passivo. Freud (1915/1996) explica que, no primeiro modelo, o eu é investido pelas pulsões autoeróticas, sendo capaz de se

satisfazer sem a presença do mundo externo (uma condição autoerótica para o narcisismo que invariavelmente emite sensação de prazer). Quando o eu entra em contato com o mundo externo, ele recebe estímulos que causarão sensação de estranheza e desagrado.

Sob o legado do princípio do prazer, o eu fará o movimento de introjeção¹⁵ daqueles objetos que lhe foram apresentados e que expressaram fontes de prazer, expelindo aqueles que lhe causaram desprazer. É deste modo que o eu torna-se “o eu do prazer purificado” (FREUD, 1915/1996, p. 141), realizando, assim, a distinção entre os estímulos internos e externos, colocando o prazer acima de todas as coisas. É através das pulsões de autopreservação que o eu, até então autoerótico, vai saborear os objetos do mundo externa e introjetar para si aqueles que lhe servirem de fonte de prazer (FREUD, 1915/1996). A primeira teoria das pulsões, portanto, valoriza o imperativo do princípio de prazer, ao qual o aparelho psíquico, sob a exigência pulsional, busca a satisfação pela via do prazer, e tenta se abster de qualquer fonte de desprazer.

Neste sentido, verificamos que a primeira teoria pulsional é marcada pela sustentação de uma leitura vitalista por Freud, na qual o imperativo da vida seria soberano (BIRMAN, 2009). O que está em jogo neste momento é a manutenção do estado de prazer: o organismo deve se livrar de qualquer fonte de desprazer (FREUD, 1915/1996). Ou seja, a afirmação da vida se identifica com a busca do prazer e a evitação do desprazer. Portanto, “a pulsão sexual seria a forma pela qual a afirmação da vida se realizaria pela sustentação do prazer e a força vital tomaria assim corpo e forma” (BIRMAN, 2009, p. 86).

Essa é a ideia que alimenta a teoria freudiana até os anos de 1920, quando surgirá a hipótese da pulsão de morte, o que culminará no segundo dualismo pulsional. Até chegar a este momento, a metapsicologia sofrerá ainda muitas inflexões em decorrência de observações da clínica. Tais reconfigurações teóricas irão, conseqüentemente, produzir modificações no conceito de masoquismo, principalmente quando da reelaboração da concepção de aparelho psíquico.

Seria ousadia pensarmos em detalhar, neste trabalho, todos os motivos que levaram Freud a fazer o que comumente se chama de ‘a grande virada dos anos 20’. Contudo, tentaremos ressaltar alguns dos principais fatores que ajudaram na frutificação do novo

¹⁵ “‘Introjeção’ foi um termo introduzido por Ferenczi em 1909” (FREUD, 1915/1996, p. 138).

conceito de masoquismo no contexto do segundo dualismo pulsional. Para isso, é fundamental tratarmos do texto *Bate-se em uma criança*, de 1919. Neste, Freud, ainda apoiado na primeira teoria pulsional e tendo como pano de fundo as pulsões sexuais, será sutilmente defrontado com os primeiros vetores que o levarão a constituir posteriormente as noções de masoquismo erógeno, feminino e moral (FREUD 1924/1996).

2.4. Uma fantasia masoquista: “bate-se em uma criança”

2.4.1. Introdução

Trabalharemos neste tópico o texto *Bate-se em uma criança* (1919) que, conforme dito, vai suscitar em Freud as primeiras reflexões que o levarão a reformular o conceito de masoquismo. Trata-se de um estudo mais aprofundado sobre as perversões, sendo ao mesmo tempo complementar às investigações iniciais de Freud realizadas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Bate-se em uma criança antecede o *Além do princípio do prazer* (1920) e, por isso, traz em seu bojo pontos fundamentais que ajudaram Freud a conceber uma nova teoria pulsional. No texto em pauta, ele procura desvendar a polêmica noção do prazer da fantasia infantil “bate-se em uma criança” e, junto a isso, a satisfação de caráter masturbatório que tal fantasia suscita no sujeito. O que está em jogo nesta investigação clínica são as possibilidades e impossibilidades que levariam tal fantasia a uma condição masoquista (FREUD, 1919/1996).

A fantasia de espancamento é reconhecida pela psicanálise como um traço primário de perversão que pode acompanhar o sujeito por toda a sua vida. Interpreta-se que um dos componentes da função sexual – sádico ou masoquista – desenvolveu-se de forma independente, criando uma fixação (FREUD, 1905/1996; 1919/1996). Neste ensaio, Freud procura traçar alguns destinos possíveis da perversão infantil que podem impedi-la de se tornar um desvio sexual para o sujeito. Dentre os destinos possíveis, a perversão pode ser submetida ao recalque, ser substituída pela via da formação reativa e/ou, ainda, ser sublimada (FREUD, 1919/1996).

Quando não há possibilidade de tais destinos serem alcançados, a perversão, devido à fixação na infância, corre o risco de tornar-se uma “aberração sexual” (FREUD,

1905/1995). Como vimos nos estudos sobre a teoria da sexualidade, Freud (1905/1996) confere à perversão seu caráter patológico quando há simultaneamente fixação e exclusividade em relação ao objeto sexual: quer dizer, quando não há possibilidade de variação do objeto e não há a ocorrência do ato sexual propriamente dito (o coito) (FREUD, 1905/1996; 1919/1996).

Ao analisar seis casos de pacientes por ele atendidos (quatro femininos e dois masculinos), cujos relatos se referiam à fantasia de espancamento infantil, Freud (1919/1996) conclui, a princípio, que essas fantasias despertam no início da infância. Ademais, provocam sensações de vergonha e de sentimento de culpa. Neste período, a criança vai resgatar a sensação de prazer obtida em seu universo com as primeiras experiências de satisfação. O que chama atenção é que a fantasia de ser punida, disciplinada ou espancada remete a criança a um alto grau de prazer e satisfação autoerótica. Ao mesmo tempo, as experiências das cenas reais de espancamento produzem um sentimento de excitação e repugnância, estando na ordem do intolerável.

Para compreender a natureza do prazer relacionada à fantasia de espancamento – isto é, se era sádica ou masoquista –, Freud viu a necessidade, primeiramente, de identificar se: (1) quem criava a fantasia era a mesma criança que estava na cena (sendo espancada); (2) se a posição ocupada era de quem era espancada (passiva) ou de quem batia (ativa); e (3) quais eram os personagens que estavam remetidos à cena do espancamento. Com a hipótese de que a fantasia de espancamento é despertada na infância, o trabalho analítico seria, segundo Freud (1919/1996), o de resgatar o conteúdo infantil ocultado pela amnésia do adulto. Isto porque é na infância que os fatores libidinais são despertados e ligados a determinados complexos (FREUD, 1919/1996).

2.4.2. Sacher-Masoch (criança) é espancado

A psicanálise traça a origem dessas fantasias no início da idade infantil, entre os dois e cinco anos de idade. Essas cenas podem sofrer transformações ao longo da vida com as experiências do sujeito, seja na sua relação com o objeto, no significado ou no conteúdo (FREUD, 1919/1996). Em *A Vênus das peles*, o narrador, ao se remeter à infância do personagem Severin, conta uma experiência na qual o mesmo sofreu um castigo em sua

vida infantil e, posteriormente, aliou a sensação do espancamento a uma excitação prazerosa:

Sob a vara da bela e opulenta mulher, que me aparece em seu casaco de peles feito monarca, tomada pela ira, despertam pela primeira vez os meus sentidos para o sexo feminino. E desde então minha tia se me pareceu a mulher mais atraente sob o sol (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 57).

Interessantemente, Michel (1989/1992), com base nas informações adquiridas sobre a vida do escritor, nos relata uma experiência na infância vivida por Sacher-Masoch em que ele teria assistido a uma cena masoquista. Posteriormente, ele teria sido castigado por isso e sentido sua primeira experiência de prazer diante da crueldade de sua tia Zenóbia. Vejamos o relato de Sacher-Masoch:

Tentei em vão explicar minha presença e me justificar; num piscar de olhos ela me estendeu sobre o tapete; em seguida me agarrando pelos cabelos, com a mão esquerda, e colocando um joelho sobre meus ombros, começou a me chicotear vigorosamente. Apertei os dentes com todas as minhas forças; apesar disso, as lágrimas me subiram aos olhos. Mas é preciso reconhecer, mesmo retorcendo-me sob os golpes cruéis da bela mulher, senti uma espécie de gozo. (SACHER-MASOCH *apud* MICHEL, 1989/1992, p.59).

As experiências do escritor ilustram de maneira cristalina que as fantasias, assim como o fetichismo, como citamos no primeiro capítulo, são despertadas na idade da tenra infância. Essas fantasias são investidas de alto teor de prazer e se concluem por um ato prazeroso de satisfação autoerótica. Freud (1919/2010) destaca que, normalmente, essas fantasias não foram causadas por um trauma real: a maior parte de seus pacientes raramente foram castigados pelos pais.

2.4.3. As três fases da fantasia de espancamento

Freud (1919/1996) inicia sua análise a partir dos casos femininos e define três fases da fantasia de espancamento. A primeira se refere a um período primitivo da infância. A criança que cria a fantasia jamais é a que está sendo espancada – sempre é outra criança apanhando em sua fantasia, geralmente um/uma irmão/irmã. Deste modo, conclui-se

que a fantasia não está atrelada a uma condição masoquista. Tampouco pode ser correlacionada ao sadismo, pois a criança que fantasia não é a mesma que bate (FREUD, 1919/1996). Entende-se que o ato de espancamento é exercido por um adulto que mais tarde será reconhecido como o pai (da menina que fantasia). Com efeito, a frase “o meu pai está batendo na criança” é representativa desta primeira fase, e que será substituída posteriormente pela sentença “o meu pai está batendo na criança que eu odeio” (FREUD, 1919/1996).

Na passagem para a segunda fase, a transformação ocorre na criança que é espancada: esta passa a ser a própria criança que cria a fantasia. O executor da ação, por outro lado, permanece inalterado – isto é, continua sendo o pai. O que se destaca neste processo é o alto grau de prazer na fantasia “estou sendo espancada pelo meu pai”. Isto valida a atribuição de um caráter masoquista à fantasia. É a fase considerada por Freud como a mais importante de todas. Haja vista proporcionar um elevado grau de prazer erótico, ela jamais é lembrada, permanecendo inconsciente por nunca ter existido enquanto fato real (FREUD, 1919/1996). Esta fase é a que mais nos interessa especificamente, uma vez que traz a evidência do masoquismo na fantasia de espancamento, estando atrelada à pulsão sexual e sendo inconsciente. A propósito, é a única fantasia que não se desloca para a consciência.

A terceira fase tem uma aproximação com a primeira. A figura do pai volta a ser irreconhecível no ato, sendo substituída por uma figura autoritária ou de um professor. A criança que cria a fantasia desaparece da cena, tornando-se também irreconhecível, e sendo deslocada para o papel de observadora. Por fim, o objeto que sofre a violência de espancamento passa a ser não uma, mas várias crianças do sexo oposto (neste caso, meninos desconhecidos). Em suma, todos os conteúdos desta última fase tornam-se indefinidos pelo sujeito que a cria, de forma que são apagadas todas as evidências de que o sujeito esteja associado à cena. Com isso, o mesmo distancia-se ao máximo do conteúdo inconsciente presente na segunda fase. Para Freud (1919/1996), “a fantasia liga-se agora a uma forte e inequívoca excitação sexual, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbatória” (FREUD, 1919/1996, p. 201).

2.4.4. Análise freudiana sobre as fantasias de espancamento

No quarto capítulo de *Bate-se em uma criança*, Freud (1919/1996) faz um panorama das três fases da fantasia de espancamento, relacionando estas últimas ao complexo de Édipo. As fixações afetivas da menina em relação ao pai é que irmão, invariavelmente, provocar um sentimento de rivalidade em relação à mãe; entretanto, é necessário pontuar que, ao mesmo tempo, a menina está caminhando rumo a uma relação de dependência para com esta mãe. A cena consciente coloca em destaque outras crianças que representam aquelas com quem a criança, que cria a fantasia, teve que dividir o amor dos pais.

Portanto, a fantasia do pai batendo em outra criança – conteúdo da primeira fase – torna-se agradável, seguida da ideia: “o meu pai não ama essa criança, ama apenas a mim”. Assim, Freud compreende que “a fantasia obviamente gratifica o ciúme da criança e depende do lado erótico da sua vida, mas, é, também, poderosamente reforçada pelos interesses egoístas da criança” (FREUD, 1919/1996, p. 202). É justamente por esses “interesses egoístas” que Freud vai questionar a natureza sádica destas fantasias.

Embora a criança tenha atingido a organização genital, “ainda não se pode pensar que esta primeira fase esteja a serviço de uma excitação que envolve os genitais e que encontra saída por meio de um ato masturbatório” (FREUD, 1919/1996, p. 203). Deste modo, Freud (1919/1996) recorda a profecia das três feiticeiras a Banquo (na tragédia *Macbeth*, de Shakespeare): “não claramente sexual, nem sádica em si, mas ainda assim a natureza das quais ambos os impulsos surgirão depois” (FREUD, 1919/1996, p. 203).

Segundo Freud (1919/1996), o recalque pode se dar, no que tange ao amor incestuoso da criança, em decorrência de alguma situação de desagrado ou desprezo que a criança pode ter sido submetida. Com a ação do recalque, o sentimento amoroso é tornado inconsciente e transformado em sentimento de culpa – neste caso, a criança se culpa por não ter o amor idealizado dos pais. Ora, é inevitável que a criança tenha que se defrontar com a incompletude do amor total dos pais, uma vez que tenha que compartilhar esse amor com outra criança. Portanto, a ação do recalque incide nessa etapa, havendo a quebra do amor incestuoso: a criança não tem o pai todo para si, assim como também não pode ficar com o pai. Freud retoma o papel desempenhado pelo mito de Édipo, pois

“ao mesmo tempo em que ocorre esse processo do recalque, surge um sentimento de culpa” (FREUD, 1919/1996, p. 204).

Freud (1919/1996), ainda neste artigo, desconhece a *origem* do sentimento de culpa, que vai ser colocado em pauta de forma mais aprofundada no seu ensaio *O eu e o isso* (1923) como sentimento inconsciente de culpa. Contudo, é necessário salientar que, desde *Totem e tabu* (1913), Freud pôde realçar que a culpa, “por qualquer que seja, está ligada aos desejos incestuosos e justificada pela persistência desses desejos no inconsciente” (FREUD, 1919/1996, p. 204). Esta questão será resgatada, ainda, em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924a/1996).

A expressão direta do sentimento de culpa se dá na segunda fase do espancamento, onde o amor incestuoso desencarna na fantasia masoquista. O que parecia ser de caráter sádico transforma-se e retorna sobre a própria criança (FREUD, 1919/1996). Podemos pensar junto com Freud a relação do sentimento de culpa nesse processo de transformação do sadismo em masoquismo.

A frase: “o meu pai me ama”, converte-se após a regressão em “o meu pai está me batendo”. Nesta transformação, há uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. “*Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*” (FREUD, 1919/1996, p. 205, grifos do autor). É desse substituto regressivo que deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia e encontra escoamento em atos masturbatórios. É aí também que Freud encontra a essência do masoquismo. Devido à intensidade da ação do recalque, a fantasia de ser espancada pelo pai permanece inconsciente.

Podemos perceber, e Freud (1919/1996) pontua muito bem isso, que na fantasia de espancamento das meninas o sentimento de culpa é apaziguador em um combinatório entre o recalque e a regressão. No caso dos meninos, isso ocorre de maneira distinta. A fantasia incestuosa converte-se na fantasia masoquista sem que passe pela operação do recalque na transformação da atividade para a passividade. O sentimento de culpa se satisfaz aí pelo viés da regressão (FREUD, 1919/1996).

Na terceira fase, que se assemelha à primeira, vimos que a criança aparece como espectador e o pai passa a ser substituído por qualquer figura de autoridade, incluindo aí a figura do professor. Desta forma, ela parece ter se tornado sádica novamente. Na frase

“o meu pai está batendo na criança, ele só ama a mim”, a ênfase recai sobre a primeira parte (forma sádica), pois a segunda “ele só ama a mim” é a que sofrera o recalque. Neste caso, a satisfação assumiu o investimento libidinal recalcado e o sentimento de culpa ligou-se a este conteúdo. Assim, segundo Freud, as crianças que estão sendo espancadas são os substitutos da própria criança que cria a fantasia (FREUD, 1919/1996).

Com relação ao sexo das crianças, Freud (1919/1996) atenta para o fato de que as crianças que sofrem o espancamento são sempre meninos, independentemente se a criança que fantasia é menino ou menina. O autor não encontra uma explicação plausível para isso, a não ser nos casos de meninas que, pela ação do recalque em relação ao desejo incestuoso pelo pai, abandonam o papel feminino e assumem o seu ‘complexo de masculinidade’. Desta forma, são representadas em suas fantasias no papel de meninos, ou melhor, de heróis que ganham poder apanhando do pai (FREUD, 1919/1996).

O que Freud (1919/1996) constata, no que se refere à comparação entre o caso de meninos e meninas, é que não há paralelo algum nas duas partes que possa fundamentar a fantasia de espancamento pelo viés do recalque e da regressão. Conforme destacamos, nos meninos apenas um destes dois fatores é realizado (a regressão), enquanto que no caso das meninas, entram em operação dois fatores (o recalque e a regressão).

A partir das análises empreendidas em *Bate-se em uma criança*, Freud passa a se atentar para o fato de que, na infância prematura, a vida sexual não é conduzida por um único componente sexual. O complexo de Édipo presente no desenvolvimento sexual infantil recebe uma carga de investimento libidinal que posteriormente será oprimida pelo sentimento de culpa. Este é um ponto fundamental que levará Freud a conceber, em seu artigo *O Ego e Id*, o sentimento de culpa inconsciente e o supereu enquanto herdeiro do Complexo de Édipo (FREUD, 1923/1996).

É deste modo que a segunda fase – considerada de natureza inconsciente e masoquista, na qual a criança é espancada pelo pai –, é acompanhada de intensa carga libidinal e do sentimento de culpa. Vejamos, então, a íntima relação da pulsão sexual com o masoquismo. A criança que é espancada é a própria criança que está criando a fantasia. Esta última tem em seu alicerce o ‘genital’ como significado primário, o qual, sofrendo

uma transformação através do recalque e da regressão, torna-se um desejo incestuoso de ser amada pelo pai (FREUD, 1919/1996).

Quanto às perversões, Freud (1919/1996) supõe que possam derivar também do complexo de Édipo, que é considerado o núcleo das neuroses determinadas pela sexualidade infantil. Deste modo, as fantasias de espancamento e outras fixações perversas seriam cicatrizes deixadas pelo Complexo de Édipo “acabado”. Segundo Freud (1919/1996), seria como o processo que gera o sentimento de inferioridade diante de uma cicatriz narcísica. Constatamos aqui a importância que o complexo de Édipo adquire nesta primeira tópica para o desenvolvimento da sexualidade infantil.

Mostra-nos Freud que a passividade não é o que essencialmente compõe o masoquismo, ou seja, “não é a sua totalidade (...) a característica do desprazer também pertence a ele” (FREUD, 1919/1996, p. 209). Conforme vimos, a questão da passividade para a conceituação do masoquismo foi um fator muito considerado nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e, posteriormente, em *Pulsões e seus destinos* (1915). O que sobressaiu para Freud naquele momento foi a finalidade ‘passiva’ a que se dirigia a pulsão, dando assim o que ele nomeou como ‘masoquismo’ (FREUD, 1905/1996; 1915/1996).

A partir de *Bate-se em uma criança*, contudo, Freud (1919/1996) passa a considerar também, como valor atuante e contribuinte neste processo, a função do desprazer: mais especificamente, o desprazer ligado à privação do desejo de amor incestuoso pelo pai, que vai ser submetido ao sentimento de culpa que atua em conjunção com o recalque. Daí, portanto, a finalidade da fantasia de castigo; e daí também a transposição de conteúdo – do par amor e ódio. Em suma, o que é colocado em jogo na transformação do sadismo voltado sob o próprio eu (*self*) na posição masoquista é a influência do sentimento de culpa que opera ligado à ação do recalque.

Deste modo, Freud confere ao recalque três modos: (1) tornar inconsciente as consequências da organização genital (que se dá pela via do complexo de Édipo); (2) regredir esta organização ao estágio anal-sádico; e (3) transformar esse estágio em masoquismo, passivo e também narcísico. Em outras palavras, há um movimento pulsional da atividade para a passividade, em que a regressão faz retornar para o próprio

eu. Neste caso, o investimento libidinal do amor incestuoso pelo pai foi recalçado em conluio com o sentimento de culpa¹⁶.

2.4.5. A fantasia de espancamento nos meninos

O que chama a atenção de Freud no masoquismo do sexo masculino é sempre a inserção da atitude feminina nas fantasias masoquistas dos homens. Os artifícios que os homens utilizam para realizar as suas fantasias têm em seu núcleo um papel feminino, no sentido passivo, que é desempenhado por eles. A sua atitude masoquista “coincide com uma atitude feminina”, que aparece nas fantasias como “uma roupagem lúdica da cena masoquista [que] se atém à ficção de um menino, pajem ou aprendiz malcriado, que deve ser punido” (FREUD, 1919/2010, p. 319). E, acrescente-se, a figura de quem tem o poder de castigar é dedicada exclusivamente às mulheres. Freud coloca em questão “se essa atitude feminina está na base do elemento masoquista na fantasia de espancamento infantil” (FREUD, 1919/1996, p. 212). Seja como for, o autor introduzirá, cinco anos depois, a noção de masoquismo feminino com base nestes achados (FREUD, 1924/1996).

Freud (1919/1996) explica pelo viés da fantasia masculina, com ênfase no infantil, que “o ser espancado” significa também “o ser amado”. Ele observa que a fantasia de espancamento do menino é passiva desde o seu início, derivando de uma atitude feminina em relação ao pai – “sou amado pelo meu pai” –, sendo depois deslocado para a figura da mãe. Com isso, fecha-se a correspondência ao complexo de Édipo, do mesmo modo que nos casos femininos.

Conforme podemos perceber, trata-se de uma atitude edipiana invertida: o pai é tomado como objeto de amor, e depois esse objeto é deslocado para a figura da mãe. Isso nos faz pensar na coincidência com que Freud observa nas fantasias masoquistas dos homens citadas acima: uma posição feminina desempenhada por eles à espera de um castigo que, invariavelmente, é realizado pela figura de uma mulher (mãe), cujos traços e atitudes são transplantados do homem (pai): quer dizer, a mulher escolhida é sempre uma mulher que transmite poder.

¹⁶ Freud articula, em Introdução ao narcisismo (1914), o sentimento de culpa como uma instância de consciência crítica. Posteriormente, em 1923, ele irá designar esta mesma instância como “superego”.

2.4.6. Algumas conclusões de *Bate-se em uma criança*

Levando em consideração a análise exaustiva empreendida nos seis casos escolhidos para compor seu trabalho, Freud conclui que tanto no caso da menina quanto no do menino a origem da fantasia de espancamento está calcada no complexo de Édipo – e mais especificamente, na relação incestuosa com o pai. Temos o exemplo do *Homem dos Lobos* (1918) e a relação de que a figura do pai onipotente e autossuficiente é investida libidinalmente e identificada pelo eu (FREUD, 1915/1996; MAGALHÃES, 1994).

Baseando-se na teoria do ‘protesto masculino’ formulada por Alfred Adler e na tese da bissexualidade fundamental, Freud articula a questão do recalque à luta entre os impulsos feminino e masculino. A teoria de Adler consiste em que “todo indivíduo faz esforços para não permanecer na inferior ‘linha feminina’ (de desenvolvimento), e empenha-se no sentido da ‘linha masculina’, da qual a satisfação pode ser derivada” (FREUD, 1919/1996, p. 217). O que Freud propõe é que o desejo de romper com a linha feminina seria a força motivadora do recalque. A função exercida pela moção pulsional masculina recalcaria o impulso feminino. Os sintomas, por sua vez, são substitutos do que foi recalcado, e seriam consequência do impulso feminino.

Ora, a fantasia de espancamento, tanto em meninos quanto em meninas, corresponde a uma atitude feminina: ambos os sexos esforçam-se para se libertar desta posição feminina com a atitude do protesto masculino, recalcando a fantasia. Freud afirma que as forças motivadoras do recalque não devem ser sexualizadas, considerando que a sexualidade infantil recalcada contribui na formação de sintomas, sendo o complexo de Édipo (parte essencial de seu conteúdo) o núcleo das neuroses. Deste modo, o que pode ser chamado de aberrações sexuais infantis também se coloca como consequências desse complexo.

Em suma, o ensaio *Bate-se em uma criança* nos mostra que Freud (1919/1996) parece novamente confirmar sua hipótese de que o masoquismo se origina do sadismo em um processo de retorno sobre o eu (*self*) que se dá através da regressão de um objeto para o ego. Contudo, essa tese sofrerá em 1920 um abalo, ou melhor, uma relativização, com a

introdução da noção de compulsão à repetição, como veremos no próximo capítulo (FREUD, 1920/1996).

2.5. Críticas ao texto *Bate-se em uma criança*

O ensaio *Bate-se em uma criança* sofreu algumas críticas significativas por parte de Gilles Deleuze e Felix Guattari no livro *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (1973). Essas críticas foram atribuídas à questão do imperialismo do Édipo que, segundo os autores, é fundado neste artigo freudiano pela ausência da figura paterna. O que Deleuze e Guattari (1973/2010) procuram realizar é uma forma de desconstrução do modelo edipiano através da elaboração do conceito de ‘máquina desejante’. As críticas têm por objetivo oferecer uma nova leitura sobre o conceito de inconsciente em relação àquele formulado pela psicanálise (BIRMAN, 2000).

Como vimos, o texto *Bate-se em uma criança* traz o operativo do complexo de Édipo como um dos fatores fundamentais para a fantasia infantil de espancamento. Freud (1919/1996) apoia-se no seu legado, propondo uma análise em que a figura do pai só aparece no segundo momento da fantasia. Entre o primeiro e o terceiro momento, a figura paterna não aparece de forma nítida. É somente na segunda fase da fantasia de espancamento que Freud encontra a figura do pai, mesmo assim sendo evocada inconscientemente, e nunca lembrada pela criança. Deste modo, a figura paterna aparece somente através de uma reconstituição analítica. O pai, efetivamente, não está presente (FREUD, 1919/1996). Partindo-se disso, Deleuze e Guattari (1973/2010) questionam: onde está o pai? Em outras palavras, a ausência paterna é o ponto de partida para a crítica destes autores.

Para eles, Freud cita a figura do pai de forma bem relevante tanto nas fantasias de meninos quanto nas fantasias de meninas. Porém, sua aparição se dá somente em um momento estritamente inconsciente, tanto no menino quanto na menina (DELEUZE & GUATTARI, 1973/2010). Neste sentido, Deleuze e Guattari desaprovam, criteriosamente, que, no caso dos meninos, a figura do pai apareça somente no primeiro momento, enquanto que, no caso das meninas, apareça no segundo momento, (DELEUZE & GUATTARI, 1973/2010).

Na terceira fase apresentada no artigo, as crianças que estão sendo punidas são meninos, e quem bate é uma figura de autoridade comparada ao professor. Segundo a interpretação de Freud, o professor é um substituto da figura do pai que, por sua vez, aparecera na segunda fantasia, e os meninos são substitutos da própria criança que criou a fantasia. Para Deleuze e Guattari, Freud estaria reduzindo o caráter de grupo ao plano individual por não ter explorado o contexto social, e, sobretudo, por não ter delimitado a diferença entre o fantasma individual e o fantasma de grupo em uma perspectiva de análise no campo social (DELEUZE & GUATTARI, 1973/2010; BIRMAN, 2000).

É importante compreendermos o ponto de vista destes autores, que se baseiam em uma perspectiva chamada por eles de “psiquiatria materialista” (BIRMAN, 2000, p. 468). A partir deste pressuposto, suas críticas são lançadas às concepções individuais e edípicas do discurso freudiano. Os filósofos apoiam suas críticas tendo como eixo o conceito de *fantasma coletivo*, estabelecido pela psicoterapia institucional e cunhado por Oury (DELEUZE & GUATTARI, 1973/2010; BIRMAN, 2000). Os autores questionam o motivo de Freud ter se pautado apenas na condição edípica, e não ter analisado a dimensão social. Para eles, seria importante situar neste contexto a noção de ‘máquina social desejante’ no lugar da complexificação edípica entre os agentes (pai, mãe e filho) (DELEUZE & GUATTARI, 1973/2010).

São por estas veredas que Deleuze e Guattari dedicam “muitas páginas de seu livro, centradas numa crítica sistemática a Freud” (BIRMAN, 2000, p. 468). A proposta da elaboração do livro *O anti-Édipo* é tentar forjar uma nova leitura do inconsciente através da noção de máquinas desejantes. Por isso, a ideia de ‘corpo sem órgãos’, desenvolvida em outro artigo¹⁷, passa a ocupar um lugar fundamental nesta construção teórica (BIRMAN, 2000). É interessante acrescentar que as críticas deleuzianas se assentam na teoria pulsional proposta por Freud a partir de 1920.

A nosso ver, o texto *Bate-se em uma criança* anuncia, de certo modo, o desaparecimento ou queda da figura paterna na cena freudiana, embora haja um movimento de Freud no sentido de afirmar que o pai ainda está ali, mesmo que

¹⁷ *Comment se faire un corps sans organes?*, publicado no sexto volume de *Mille Plateaux* (DELEUZE & GUATTARI, 1947).

inconscientemente. Neste sentido, a crítica e a percepção que Deleuze e Guattari trazem em seu *O anti-Édipo* são coerentes em relação à nova leitura que a psicanálise começa a ter a partir dos anos 20, momento em que a figura do pai começa a se fazer ausente. Resgatemos o início da obra freudiana para compreender como se dá o naufrágio da figura paterna neste discurso.

Em 1897, Freud lançou a teoria da fantasia, entre outros motivos, com o fim de suplantar a angústia causada pela teoria da sedução que, como se sabe, lhe causou um grande descrédito: “não acredito mais em minha neurótica”. Essa passagem revela uma forma de salvar a figura do pai – quer dizer, não como o perverso acusado pela teoria da sedução, mas como assumindo a função de protetor. Assim, as seduções não passariam de fantasmas, não seriam produzidas pela realidade material e sim pela realidade psíquica (BIRMAN, 2004). A psicanálise, portanto, passa a se debruçar na análise da realidade psíquica, tendo o inconsciente como objeto principal de análise (FREUD, 1900/1996; BIRMAN, 2004).

Neste período, “o discurso freudiano realizou uma verdadeira operação de salvação da figura do pai” (BIRMAN, 2004, p. 22). No entanto, a partir de 1920, a figura paterna não desempenha mais o papel de proteger o sujeito do traumático (BIRMAN, 2004): com a eminência do conceito de pulsão de morte, o sujeito teria de lançar mão de outras estratégias para se proteger do trauma, haja vista a figura subjetiva do pai não lhe oferecer mais nenhuma garantia.

Entretanto, é importante salientar que o discurso freudiano já enunciava – ou anunciava – a morte do pai em 1913, mais especificamente no livro *Totem e tabu*. Neste trabalho, Freud vislumbra que a instituição da cultura é proclamada pela morte do pai monopolizador do gozo e do poder absoluto. Os filhos se reúnem para matá-lo e elege um totem a fim de assegurar a paz e a união, já que a ausência do pai provocou destruição e rivalidade entre os irmãos (FREUD, 1913/1996; BIRMAN, 2004). Nesse sentido, “a figura do pai se desloca de uma posição de proteção da subjetividade para outra, na qual passa na condição de fantasma, a se caracterizar pelos atributos da falta e da falha” (BIRMAN, 2004, p. 27).

Com efeito, a figura do pai que não está mais ali para proteger seu filho aparece no ensaio *Bate-se em uma criança*. Podemos observar, a propósito, que a criança faz apelo à figura paterna que é idealizada: “a cena masoquista é a forma pela qual o sujeito traça

e fixa seu lugar degradado em relação às figuras centrais do pai e dos irmãos” (BIRMAN, 2004, p. 31). Portanto, o discurso freudiano confere à fantasia de espancamento o desejo inconsciente de apelo à figura do pai, que já não se faz mais presente. Neste sentido, Freud insiste na dimensão edipiana, mas não mais declarando que o pai está ali como protetor ao lado da mãe cuidadora, mas consagrando a carência subjetiva da figura simbólica do pai. Pois, não obstante essa queda, a figura do pai exerce “caráter fundamental operante e estruturante para cada um” (DOR, 1989/2011, p. 12).

A função simbólica paterna oferece “ao sujeito uma condição de identidade sexual que não tem” (DOR, 1989/2011, p. 12). É por tal motivo que ela é necessária à constituição do sujeito, uma vez que este “passa a fazer apelo às figuras do *pai ideal* e do *supereu* como defesas em face do desamparo, e desse modo a *tragicidade* da condição desamparada da subjetividade, delineada no percurso final do discurso freudiano” (BIRMAN, 2004, p. 30, grifos do autor).

Neste contexto, o masoquismo assume um lugar de destaque no discurso freudiano a partir da segunda teoria pulsional, uma vez que o sujeito sai em busca de uma figura que possa conferir a ele a posição triunfante de proteção diante do traumático, isto é, do desamparo. Ora, a partir do texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), o masoquismo erógeno assumirá essa função. Freud cogitará a existência de um masoquismo originário, noção que só poderá ser concebida com o advento do conceito de pulsão de morte. É para esta nova concepção sobre a teoria das pulsões que o corpo do nosso trabalho seguirá no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

A SEGUNDA FACE DO MASOQUISMO

Propomos apresentar neste capítulo a maneira como a concepção de masoquismo é trabalhada no discurso freudiano a partir da segunda teoria pulsional. Como vimos, Freud lança nos anos de 1920 um divisor de águas entre a primeira e a segunda metapsicologia. Os elementos que fomentaram essa mudança encontram-se, sobretudo, no campo do novo dualismo pulsional. São eles a compulsão à repetição e o conceito de pulsão de morte. Freud concebe a tese de que duas forças se unem e se desunem em uma composição conflituosa entre a vida e a morte no psiquismo. A nova face do masoquismo é desenvolvida em íntima relação com essa reconfiguração teórica, chegando a ocupar um lugar estrutural no aparelho psíquico.

No capítulo anterior, assistimos o desdobramento do conceito de masoquismo na primeira metapsicologia, seu ponto de partida consistindo em estar integrado a um processo de coexcitação libidinal. Posteriormente, passou a representar um dos componentes de um dos pares de opostos das pulsões parciais. Seu funcionamento foi legado, a partir daí, a serviço de uma medida de defesa contra o excesso das pulsões sexuais no aparelho psíquico. Vimos também que, desde seu início, o masoquismo esteve associado às pulsões de crueldade, tendo como seu par correspondente, o sadismo.

Em *Pulsões e seus destinos* (1915), Freud postula que o masoquismo seria o sadismo que retorna à própria pessoa sob a condição da presença de um terceiro objeto¹⁸. Já em *Bate-se em uma criança* (1919), Freud confere ao masoquismo uma ligação com a pulsão sexual relacionada às fantasias edípicas. Ele coloca em pauta o elemento do desprazer ao lado da satisfação, e articula a consciência de culpa como um dos principais fatores para o recalamento e para a regressão do sadismo em masoquismo.

¹⁸ Como vimos, os três movimentos da pulsão consistiria em que o primeiro seria o sadismo atuando sob o objeto; o segundo corresponderia ao abandono deste objeto e o retorno ao próprio eu, configurando a neurose obsessiva; e o terceiro seria a escolha de um novo objeto para assumir o papel de sujeito. Apenas este último caso foi considerado efetivamente a passagem da atividade para a passividade, sendo a partir daí designado como masoquismo (FREUD, 1915/1996). O segundo momento, a autopunição, acaba sendo considerado também um desejo de fantasia no masoquismo a partir do texto *Bate-se em uma criança*, de 1919.

Todos esses pontos, que surgiram ao longo das reflexões freudianas, o conduziram à elaboração de novas bases metapsicológicas.

Conforme se evidencia na abertura do ensaio *Além do princípio do prazer* (1920) – considerado marco inicial para a virada epistemológica de sua obra –, Freud inicia um questionamento sobre “o significado das sensações de prazer e desprazer” que imperativamente agem sobre o sujeito (FREUD, 1920/2010, p. 162). Intrigado pela questão que relaciona prazer e desprazer, na qual o sujeito se satisfaz pela função do desprazer, Freud se debruça sobre as experiências mais inusitadas em que ambas as sensações estão concomitantemente presentes e que, deste modo, se repetem compulsivamente. Neste contexto, consolida-se nos escritos freudianos o conceito de ‘compulsão à repetição’, que dará à psicanálise as primeiras linhas de condução para o novo dualismo pulsional, o qual compreende o embate entre as pulsões de vida e a pulsão de morte.

3.1. O masoquismo no novo dualismo pulsional

Conforme afirmamos, a grande virada dos anos de 1920 trouxe em seu bojo a problemática questão que dimensiona a articulação entre as sensações de prazer e desprazer. Em toda a sua obra, Freud foi guiado pela noção de princípio do prazer, cujo objetivo se pautava em obter prazer e evitar desprazer à caminho da satisfação. A primeira teoria pulsional, baseada nesta postulação, definia que a pulsão teria por finalidade alcançar a satisfação acima de todas as coisas (FREUD, 1915/1996).

O que estaria em jogo para o sujeito seria criar formas de lidar ou evitar o desprazer e buscar o prazer, apoiado na premente ideia de que o aumento de excitação provocaria um estado de desprazer e desconforto ao psiquismo, enquanto que a diminuição da tensão promoveria um estado de prazer e satisfação (FREUD, 1915/1996). Assim, o organismo necessitaria descarregar uma quantidade suficiente de excitação, permanecendo apenas com o mínimo possível e suportável para a sua sobrevivência.

Segundo esta hipótese, a função do aparelho seria a de diminuir as excitações geradoras de desprazer para que a homeostasia do prazer pudesse ser instituída de forma insistente e constante. É por essa razão, enfim, que Freud denomina tal função de ‘princípio de constância’ (FREUD, 1920/1996).

De certa maneira, Freud retoma a ideia que havia proposto no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, de que a tendência do aparelho seria a de livrar-se de toda a quantidade de excitação (BIRMAN, 2009). Essa noção se referia ao princípio de inércia que, em 1920, passa a ser denominado como princípio de nirvana – nome sugerido por Bárbara Low para discriminar a tendência do aparelho mental a reduzir ao mínimo as somas de excitações (FREUD, 1920/2010; 1924/2010). O princípio de Nirvana estaria a serviço da pulsão de morte, cuja finalidade seria conduzir o organismo vivo à estabilidade do inorgânico (FREUD, 1920/1996).

Segundo Birman (2009), o discurso freudiano passa a sustentar uma visão eminentemente mortalista, embasada nos pressupostos de Bichat, segundo o qual “a vida seria um conjunto de forças que lutariam contra a morte” (BICHAT *apud* BIRMAN, 2009, p. 87). A consequência destas reformulações é a de que o princípio de prazer tem sua hegemonia relativizada com a introdução da categoria de um além do princípio do prazer, consolidado com o princípio de nirvana (FREUD, 1920/1996; BIRMAN, 2009).

O organismo passa a ser entendido como o palco do embate de duas pulsões irreduzíveis: uma expressando a estabilidade, zero de excitação – a pulsão de morte –, e a outra sendo o representante libidinal – a pulsão de vida. Esta última tem a função de amalgamar a pulsão de morte, atuando como um agente de união e ligação. Veremos que, neste processo, a libido se apropria de uma cota de energia na regulação dos processos mentais permitindo o conjunto de vinculações. A tese da pulsão de morte, por sua vez, é forjada na teoria freudiana a partir do conceito de compulsão à repetição. Trata-se de um conceito polêmico pelo desdobramento que teve em outras leituras posteriores¹⁹.

¹⁹ Cf. neste capítulo, no tópico 3.2.

3.1.1. Da compulsão à repetição à caminho da pulsão de morte

A compulsão à repetição foi um dos fenômenos essenciais que conduziram Freud a uma posição de impasse em relação ao princípio de prazer e a uma nova concepção da dimensão pulsional. Freud pôde observar o dispositivo da compulsão à repetição em três tipos de situações significativas: nos jogos infantis, nos sonhos traumáticos e nas neuroses de transferência. Num primeiro momento, a compulsão à repetição aparece na teoria freudiana como um processo de repetição em si mesma vinculada ao desprazer, conferindo ao psiquismo uma tendência a reduzir a zero a quantidade de excitação. Em um segundo momento, ela se mostra como uma configuração de restauração da vida – uma repetição – não do mesmo, mas da diferença (GARCIA-ROSA, 1990; BIRMAN; 2012). Introduziremos, mais adiante, esta noção paradoxal da pulsão de morte.

Nos jogos infantis, poderíamos pensar que a compulsão à repetição oferece a Freud alguns elementos que contradizem sua ideia anterior da ‘passagem da atividade para a passividade’, enunciada em 1915. Isto porque a criança retorna à posição passiva na tentativa de assumir uma posição ativa, processo que é manifestado com satisfação. Entretanto, Freud mantém sua concepção de que o sadismo (ativo) é primordial e anterior ao masoquismo (passivo). Nos sonhos traumáticos e nas neuroses de transferência, por sua vez, a compulsão à repetição apresenta uma insistência em permanecer em uma posição de retorno ao trauma. Este processo, que Freud vai compreender como um retorno a uma condição anterior, coloca o sujeito em um estado que evoca inequivocamente desprazer e sofrimento. (FREUD, 1920/2010).

Vamos primeiramente falar sobre os jogos infantis. Freud observa como essas brincadeiras se configuram em torno da repetição de si mesmas, e como elas resultam na sensação de desprazer aliada a satisfação. Tomando a brincadeira de seu neto como modelo, Freud descreveu o famoso jogo do *Fort Da* – um jogo de carretel em que a criança atira o carretel para longe (*Fort*), de modo que ele desaparece, e depois o puxa pelo barbante, de modo que ele reaparece (*Da*). O autor observa que essa brincadeira, que consiste em uma espécie de desaparecimento e retorno do objeto, é relativamente comum às crianças.

O desaparecimento do objeto provoca na criança uma sensação de desconforto acompanhada de satisfação, enquanto que seu retorno produz um estado de alegria. A questão que Freud coloca é a seguinte: se a sensação primeira causa desconforto, por

que a criança torna a repeti-la? Uma de suas hipóteses correlaciona esta brincadeira com a transposição da passividade para a atividade: quer dizer, quando a criança faz o objeto desaparecer e reaparecer, ela dirige a cena e toma o controle do objeto. Para Freud, este movimento reencenaria uma experiência relacionada à figura da mãe – ou, mais exatamente, à experiência de separação para com ela. Quando a criança é deixada por sua mãe, ela tenta, através da brincadeira, assumir uma posição ativa, procurando se vingar da mãe por tê-la abandonado: “*sim, vá embora, não preciso de você, eu mesmo a mando embora*” (FREUD, 1920/2010, p. 174, grifo nosso). Segundo Freud,

tem-se a impressão de que o menino transformou a vivência em jogo por um outro motivo. Ele *se achava numa situação passiva*, foi atingido pela vivência e, ao repeti-la como jogo, embora fosse desprazerosa, *assumiu um papel ativo*. Tal empenho poderíamos atribuir a um impulso de apoderamento, que passou a não depender de que a recordação em si fosse ou não prazerosa (FREUD, 1920/2010, p. 173-4, grifos nosso).

Ora, se até então o movimento pulsional estaria direcionado no sentido da passagem da atividade para a passividade (FREUD, 1915/1996), esta experiência infantil mostra justamente o inverso. O movimento, em uma das hipóteses freudianas, se daria por uma transformação de uma posição passiva para uma posição ativa, de dominação. Tal possibilidade de assumir uma atitude ativa estaria ligada a uma sensação prazerosa diante de uma situação ameaçadora (ex. o desaparecimento do objeto) – situação esta que foi vivenciada, por sua vez e em um primeiro momento, em estado de passividade (MAGALHÃES, 1994). Neste contexto, dois fatores chamam atenção: (1) a tentativa de domínio à medida que a criança procura transformar sua posição passiva em uma atitude ativa, isto é, de dominação em relação ao objeto; e (2) a repetição que a impulsiona a retornar à sua posição anterior de forma compulsiva, remetendo-a ao estado do mesmo (ao invés do diferente).

Nas neuroses de guerra, em que os pacientes relatam sonhos que retomam eventos traumáticos vivenciados durante o combate, trazem igualmente pontos relevantes para as reflexões de Freud. Esses sonhos são de caráter desconfortável, isto é, provocam inequivocamente desprazer, e se repetem de maneira compulsiva e descontrolada. O sujeito é tomado por um movimento imperativo que o conduz à condição original do trauma, encontrando-se em um posição de passividade e remetendo-o a um estado de

angústia e tensão (FREUD, 1920/2010). Ora, por quê um sujeito repete em sonhos o que o levaria de volta à situação do abalo? Neste caso, a compulsão à repetição se manifesta como uma tentativa de dominar a situação traumática através do retorno à vivência do trauma. Em outras palavras, trata-se de “uma ligação psíquica não articulada com o princípio de prazer” (FORTES, 2012, p. 98).

A existência dos sonhos traumáticos, ao revelar a imposição do sujeito ter que reviver insistentemente a experiência de dor, coloca um impasse na concepção que confere hegemonia ao princípio do prazer (FREUD, 1920/2010). Isto por que essa experiência impõe uma ameaça ao bem-estar do sujeito, promovendo uma sensação aproximada à sensação de morte. Caracteriza-se, além disso, por um pesadelo permanente, sem interrupção, ao qual o sujeito é submetido à fixação do trauma. Ora, esta questão não confirma a tese postulada em 1900, na *Interpretação dos sonhos*, de que os sonhos são realizações de desejos. Pelo contrário, a compulsão à repetição “traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações” (FREUD, 1920/2010, p. 179).

Conforme visto, tanto nas experiências das brincadeiras infantis quanto nos sonhos traumáticos, Freud se depara com algo que impele o sujeito a um estado que está para além do princípio de prazer (FREUD, 1920/1996). Compreende-se que uma força psíquica trabalha constante e permanentemente a fim de reduzir ao máximo o nível de energia psíquica. Neste sentido, a intenção do aparelho seria a de buscar ausência completa de excitabilidade, caminhando em direção à morte – isto é, à estabilidade do inorgânico (BIRMAN, 2009). É a partir disso que Freud passa a compreender o princípio de constância e o princípio de prazer não como dois princípios originários, mas secundários em relação ao movimento do aparelho psíquico (FREUD, 1924/1996; BIRMAN, 2009).

Freud também aponta as chamadas ‘compulsões de destino’ como uma das formas de expressão da compulsão à repetição. Nestes fenômenos, o sujeito vivencia repetidamente eventos que trazem infortúnios, como se fossem frutos de uma fatalidade predestinada em sua vida. Para a psicanálise, muitas dessas situações que apresentam o mesmo desfecho são operacionalizadas pelo próprio sujeito. Este tende a repetir as mesmas reações e atitudes em prejuízo próprio, levando-o sempre aos mesmos resultados. Não obstante isso, o sujeito atribui tais processos ao engenho de um caráter

demoníaco (FREUD, 1920/2010; FORTES, 2012). Todas essas experiências revelam uma tendência que seria mais primitiva e independente do princípio de prazer – o fenômeno da compulsão à repetição. Neste contexto, Freud se depara mais uma vez com a questão da passividade: o sujeito vivencia insistentemente e incoercivelmente situações que lhe causaram frustrações e decepções, experimentando “a repetição do mesmo destino” (FREUD, 1920/2010, p. 182).

Além das brincadeiras infantis, dos sonhos traumáticos e das compulsões de destino, a compulsão à repetição também se mostra presente na atualidade do tratamento analítico. Freud observou que processos de resistência surgiam nos pacientes quando a análise realizava avanços substanciais em direção à cura (FREUD, 1920/2010). E mais: todas as emoções dolorosas e situações não desejadas, vividas na infância, eram reatualizadas na análise. Neste sentido, a compulsão à repetição busca repetir o fracasso e o castigo na figura do analista (MAGALHÃES, 1994).

Trata-se, naturalmente, da ação de instintos que deveriam levar à satisfação, mas não trouxe frutos a lição de que também naquela época eles produziram somente desprazer. A ação é repetida, apesar de tudo; uma compulsão impele a isso (FREUD, 1920/2010, p. 181).

Em outras palavras, na transferência, o paciente revive situações da infância que foram recalçadas e esquecidas por serem insuportáveis ao Eu. Através da compulsão à repetição, essas moções pulsionais são novamente evocadas, proporcionando sensações de mal-estar e desprazer. É assim que a compulsão à repetição rompe com o princípio de prazer, impondo-se à vida psíquica para além da articulação entre o princípio de prazer e o princípio de realidade (FREUD, 1933a/2010). Deste modo, “na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio de prazer” (FREUD, 1920/2010, p. 183).

A compulsão à repetição aparece na transferência como um obstáculo ao trabalho analítico através de resistências inconscientes por parte do Eu. Isto leva Freud (1920/2010) a conceber, em sua segunda metapsicologia, a ideia de que uma parte do Eu – justamente seu “âmago” – é inconsciente e que a outra parte “é coberta pelo ‘pré-consciente’” (p. 178). Portanto, “podemos dizer que a resistência do analisando vem de seu Eu, e logo percebemos que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalçado inconsciente” (FREUD, 1920/2010, p. 178).

Acentuamos que é nesse jogo de interrupção do circuito do princípio de prazer que Freud (1920/2010) conclui a existência, no psiquismo, de “*um impulso, pujante em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior*” (p. 202, grifo do autor). Em outras palavras, a hipótese de Freud (1920/1996) é de que o movimento pulsional está voltado para restabelecer o que antecede a vida, isto é, algo da ordem do inanimado.

Localizamos justamente aí o momento no qual Freud, em seu percurso, abandona a noção vitalista de que o homem pode atingir a perfeição e a cura, e passa a aderir a uma perspectiva que compreende que “*o objetivo de toda a vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que o vivente*” (FREUD, 1920/2010, p. 204, grifos do autor). Percebemos, portanto, que o aspecto da autodestruição – tendência que leva à morte, à inércia – seria natural e primordial no organismo vivo. Por conseguinte, essa tese desconstrói toda a conjectura religiosa e social de que o ser humano deveria existir somente para o bem. É assim que, tomado pela sua mais nova perspectiva teórica, Freud afirma: “*a crença na ‘bondade’ da natureza humana é uma dessas ilusões ruins das quais os homens esperam que facilite e embeleze a vida, quando apenas acarreta danos, na realidade*” (FREUD, 1933a/2010, p. 253).

Com efeito, a obra freudiana assume em sua segunda teoria pulsional uma nova dimensão teórica na qual se supõe um dualismo das pulsões: de um lado *Eros* e, de outro, a agressividade, “*cuja meta é a destruição*” (FREUD, 1933a/2010, p.252). *Eros* trabalha no sentido de harmonizar as estruturas e a agressividade exerce o papel de dissolver essa harmonia a fim de destruir as estruturas que tiveram origem (FREUD, 1930/2010; 1933a/2010; 1937/1996).

Tratamos de trabalhar, primeiramente, com a figura da compulsão à repetição no início deste capítulo, compreendendo que foi através desta hipótese que Freud chegou à formular a noção de que existiria um movimento que antecede o funcionamento do princípio do prazer. A ideia da repetição do mesmo nas brincadeiras infantis, nos sonhos traumáticos e nas neuroses de transferência implica em um retorno a um estado anterior de coisas, de forma que o sujeito é impelido por uma força arrebatadora que o coage a uma condição estagnada diante da vida. Nesse circuito de funcionamento, o que está em jogo é a ação agressiva e autodestrutiva, por um lado, e a posição de passividade que o sujeito assume, por outro. Veremos a seguir como esses fatores levaram Freud à

elaboração da hipótese do segundo dualismo pulsional, considerando os fenômenos do sadismo e, principalmente, do masoquismo.

3.1.2. O masoquismo e a postulação das pulsões destrutivas

Em sua *Conferência 32*, Freud (1933a/2010) apresenta de que forma os fenômenos de sadismo e masoquismo foram cruciais para a formulação da figura da pulsão agressiva e destrutiva em sua segunda teoria pulsional. Para isso, ele parte da definição original das duas modalidades: isto é, o sadismo como obtenção de satisfação sexual infringindo dor e humilhação ao outro, e o masoquismo como satisfação de ser maltratado pelo outro (FREUD, 1905/1996).

Os dois fenômenos se tornaram enigmáticos para a teoria da libido, na medida em que o prazer se correlaciona intimamente com o desprazer. Nesse sentido, a satisfação se debruça sobre o solo do sofrimento e as polaridades de amor e ódio passeiam de mãos dadas em direção a um mesmo objeto.

Como vimos nos capítulos anteriores, Freud (1905/1996), a partir de sua análise sobre a sexualidade, vai compreender que estas tendências estão presentes na vida sexual normal do sujeito. Tanto o sadismo quanto o masoquismo só seriam considerados perversões na medida em que as metas sexuais fossem reduzidas ao segundo plano, sendo substituídas por objetivos próprios que não chegassem ao alvo sexual final (FREUD, 1905/1996).

Em um primeiro momento, sadismo e masoquismo assumem uma esfera de movimento de defesa nas vias pulsionais; posteriormente, a partir de 1920, ganham um lugar privilegiado no ímo do funcionamento psíquico (FREUD 1915/1996; 1920/1996). Deste modo, é por essas duas modalidades que Freud inaugura a tese sobre a existência de uma pulsão de caráter agressivo e destrutivo no aparelho psíquico. Em outras palavras, o fenômeno do sadismo e, principalmente, do masoquismo, foram vetores que conduziram Freud à sua nova concepção pulsional.

Não favorecemos a hipótese de um instinto especial de agressão e destruição devido aos ensinamentos da história e da vida, isto sucede com base em reflexões gerais, a que somos levados pela consideração

dos fenômenos do *sadismo* e do *masoquismo* (FREUD, 1933a/2010, p. 253, grifos nossos).

Em seu artigo *A pulsão e seus destinos* (1915), Freud correlaciona o sadismo próximo da masculinidade e o masoquismo da feminilidade, considerando a posição ativa e passiva, respectivamente, frente ao objeto sexual. Essa ambivalência da bissexualidade presente no mesmo sujeito conduzirá à ideia de que o psiquismo é regido por esses dois movimentos de forma contínua e descontínua – um movimento que tem a tendência permanente e insistente de retornar ao seu ponto de origem, o inorgânico (FREUD, 1920/2010).

Diante desta hipótese, sadismo e masoquismo consistiam em fenômenos problemáticos na teoria da libido, pois contrastavam com o princípio de prazer. Não obstante a isso, revelaram para Freud os elementos substanciais para a edificação de sua nova teoria. Com isso, o masoquismo se converteu na ‘pedra angular’ do segundo dualismo pulsional, conforme testemunha Freud (1933a/2010):

Ambos, sadismo e masoquismo, são fenômenos enigmáticos para a teoria da libido, particularmente o *masoquismo*, e é natural que o que foi a pedra de escândalo de uma teoria seja a *pedra angular* daquela que a sucede (p. 253, grifos nossos).

Sadismo e masoquismo são estabelecidos como exemplos da combinação entre *Eros*²⁰ e a agressividade²¹. Assim, Freud compreende que todos os impulsos consistem na mistura destas duas modalidades pulsionais no psiquismo (FREUD, 1920/2010; 1933a/2010). Com a virada dos anos de 1920, Freud vai conceber, em *O problema econômico do masoquismo* (1924), que é o masoquismo o movimento originário do aparelho psíquico, sendo anterior ao sadismo. Deste modo, o masoquismo passa a apresentar a mistura das duas pulsões, Eros e agressividade: “se abstraímos por um instante os seus componentes eróticos, ele [o masoquismo] testemunha que existe uma tendência que tem por objetivo a própria destruição” (FREUD, 1933a/2010, p. 254). A tese freudiana sustenta que a pulsão de agressividade está permanentemente inclinada a retornar para dentro do próprio organismo, como uma propensão à autodestruição.

²⁰ *Eros* consiste em uma terminologia mitológica que Freud utilizou para designar as pulsões sexuais no sentido mais amplo em sua segunda teoria pulsional (FREUD, 1920/2010; 1933a/2010).

²¹ Agressividade consiste nas pulsões agressivas, instituídas como hipótese na segunda teoria pulsional, cuja meta é a destruição (FREUD, 1920/2010; 1933a/2010).

Nestes termos, veremos no próximo tópico o lugar que o masoquismo passa a ocupar na segunda metapsicologia freudiana.

3.2. O lugar do masoquismo na segunda metapsicologia freudiana

O masoquismo ocupa um lugar destacado na segunda metapsicologia freudiana. Segundo a hipótese econômica desta, o Id, considerado “o grande reservatório de libido” (FREUD, 1923/2010, p. 37, n. 13), tem em seu âmago todos os impulsos do organismo – tanto a pulsão de destruição como a libido. Isso indica, portanto, que nele estão incluídas ambas as pulsões.

É neste contexto que Freud (1933a/2010) lança uma concepção inédita: a ideia de que o masoquismo é anterior ao sadismo. Este último é definido como a pulsão de destruição colocada para fora, isto é, em direção aos objetos do mundo externo, e que adquire neste movimento mesmo um caráter de agressividade. Portanto, a energia primária que surge no interior do organismo vem com o masoquismo. Desta quantidade que se mobiliza para fora, sobra uma parte da pulsão original que permanece voltada para o aparelho (FREUD, 1924/1996; 1924/2010; 1933a/2010).

Neste modo de funcionamento, duas condições são relevantes para Freud quanto à questão do masoquismo e do sadismo: em primeiro lugar, o impulso destrutivo que se origina do Id se liga aos representantes eróticos, a libido. Em segundo lugar, a energia se desloca contra o mundo externo como agressividade, integrada a uma maior ou menor quantidade de energia libidinal. Neste último processo, no que se refere ao sadismo, os impulsos que se movimentam em direção ao mundo externo se deparam com obstáculos que impossibilitam a satisfação da agressividade (FREUD, 1924/1996; 1933a/2010).

Uma vez frustrados, esses impulsos agressivos retornam contra o interior do organismo, intensificando aqueles que haviam permanecido no núcleo do aparelho. Isto leva a fortalecer a tendência autodestrutiva que dormita no sujeito. Nas palavras de Freud (1933a/2010): a “agressividade impedida parece envolver graves danos; realmente é como se tivéssemos que destruir outras coisas, outras pessoas, para não destruímos a nós mesmos, para nos guardar da *tendência à autodestruição*” (p. 255, grifo nosso).

Conforme afirmado acima, para Freud (1920/2010) as pulsões apresentam uma tendência a retornar a um estado anterior do organismo: assim opera o fenômeno da compulsão à repetição, cujo “empenho é restaurar um estado anterior” (FREUD, 1933a/2010, p. 256). Para explicar este fenômeno, Freud se utiliza da embriologia como metáfora, afirmando que o modo operante no reino animal é o da “compulsão à repetição, que exprime a *natureza conservadora* dos instintos” (FREUD, 1933a/2010, p. 256, grifo do autor). É deste modo que a leitura freudiana se debruça na ideia de que a natureza conservadora das pulsões tenta restaurar o estado inorgânico, pois, “se a vida se origina da matéria inanimada, a autodestruição quer restaurar o estado inorgânico, uma expressão de uma pulsão de morte” (FREUD, 1933a/2010, p. 257).

Neste contexto, o princípio de nirvana é figurado como um processo que intenta suspender a vida pulsional com o objetivo de retornar ao estado inorgânico. O princípio de prazer, por outro lado, terá preservado o seu papel de conduzir a pulsão para a busca de prazer e a evitação do estado de desprazer, ao mesmo tempo em que promove um movimento de descarga em constância, na tentativa de manter um mínimo de energia pulsional possível à sobrevivência do vivente. Caso contrário, o aparelho chega ao objetivo do princípio de nirvana, que é o nível zero de excitação – imobilidade total (BIRMAN, 2009). Deste modo, Freud (1924/2010) marca a diferença entre o princípio de nirvana e o princípio de prazer. Esta mudança de paradigma o leva a entender que um grande nível de desprazer pode estar acoplado com o prazer, proporcionando assim uma experiência de satisfação no indivíduo. Nestes termos, Freud, em 1924, reafirma a hipótese cogitada há quase vinte anos em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: a excitação sexual independe do nível maior ou menor de tensão (FREUD, 1905/1996; 1924/2010; HANNS, 1999).

Segundo essa nova concepção freudiana, existe um princípio que está para além do princípio de prazer e que é anterior a ele: o princípio de nirvana. Neste caso, a função do princípio de prazer passa a ser a de evitar a realização daquele princípio que, por sua vez, busca atingir o ponto de inércia do organismo, ou seja, sua morte (HANNS, 1999). A propósito disso, Freud afirma que se trata de uma especulação mitológica. É importante ressaltar que Freud não está afirmando que a morte seja o único objetivo da vida, ao contrário de um Schopenhauer, cuja visão é, de seu lado, eminentemente pessimista. O que Freud coloca e, de certo modo, provoca, é que a restauração em direção ao estado anterior se acentua muito mais no sujeito do que a sua restauração em

direção à vida. Deste modo, a possibilidade da vida não apenas existe, como também luta para ser mantida:

O que dizemos não é exatamente Schopenhauer. Não afirmamos que a morte é o único objetivo da vida; não deixamos de ver, junto à morte, a vida. Reconhecemos dois instintos fundamentais e admitimos para cada um sua própria meta (FREUD, 1933a/2010, p. 258).

Com efeito, conforme visto, as pulsões assumem, a partir de *Além do princípio de prazer*, duas apresentações indecomponíveis: o erótico correspondendo às pulsões de vida, “buscando aglomerar substância viva em unidades cada vez maiores” (FREUD, 1933a/2010, p. 258), e as pulsões de morte, trabalhando na tentativa de contrariar “esse esforço e reconduzir o elemento vivo ao estado inorgânico” (FREUD, 1933a/2010, p. 258).

Nestes termos, a pulsão de vida tem como meta propiciar excitações ao aparelho psíquico a fim de elevar a carga de estímulos no mesmo e, assim, proporcionar ativação em direção à mobilidade. O movimento empreendido pela pulsão de morte é, como vimos, direcionado no sentido de regressar a um estado anterior de minerabilidade – estado esse destituído de qualquer tipo de tensão (FREUD, 1920/2010; 1933a/2010; BIRMAN, 2009).

Na medida em que a finalidade da pulsão de morte é alcançar a condição inorgânica da matéria, ela busca exercer a descarga plena e integral da tensão. Deste modo, ela está à serviço do princípio de nirvana, cuja meta é obter o nível zero de excitação. Em contrapartida, a operação do princípio de prazer vai funcionar como um equilíbrio entre as forças pulsionais. Sua meta é harmonizar as tensões, procurando evitar que a tendência do psiquismo, tal como determinada pelo princípio do nirvana, tenha sucesso: em outras palavras, “não permitindo que haja nem um aumento excessivo, nem uma descarga total” das excitações (FORTES, 2012, p. 107).

O conceito de pulsão de morte é polêmico. A multiplicidade de leituras que buscam abarcá-lo parece confirmar este juízo. É nesse sentido que propomos apresentar de forma introdutória duas destas leituras: a primeira, que se refere à descarga absoluta de excitação – um retorno ao inorgânico –, e a segunda, que procura dimensionar a questão do excesso pulsional. Após esta apresentação, continuaremos a desenvolver uma delas.

A primeira, como enunciamos, considera a pulsão de morte como uma força que impele o organismo ao estado inorgânico, sendo correlata ao momento de inauguração deste conceito na teoria freudiana. Vimos que Freud, em 1920, enuncia o fenômeno de compulsão à repetição a partir de observações realizadas acerca dos jogos infantis, dos sonhos traumáticos e das neuroses de transferência²². A noção da compulsão à repetição, por sua vez, conduziu Freud à ideia de que o organismo obedece a uma tendência de restabelecer o estado inanimado da matéria, revelando aí um “traço conservador do instinto” (FREUD, 1933a/2010, p. 256). Trata-se neste caso de algo que busca cegamente restaurar o estado inanimado, no sentido do retorno do mesmo, através da descarga absoluta.

No entanto, a vida luta contra esta descarga total: tanto *Eros* quanto a pulsão de morte não atuam separadamente. Para Freud, todos os impulsos são resultantes da mistura destas duas espécies de pulsões em proporções variadas. *Eros* introduz no circuito suas metas sexuais, buscando aglomerar a substância viva em unidades cada vez maiores. Por outro lado, há também a decomposição dessa mistura. Quando isto ocorre, desencadeiam-se graves consequências para o organismo. Nestes termos, Freud é categórico: a vida só é possível com a atividade simultânea das duas espécies de pulsões (FREUD, 1920/1996; 1933a/2010).

A segunda leitura acerca da pulsão de morte que propomos apresentar brevemente neste tópico procura positivar o conceito em questão, na medida em que a compreende – a pulsão de morte – como uma condição essencial para a criação e a transformação. Esta concepção, proposta por Hyppolite²³, trabalhada por Doré e depois radicalmente desenvolvida por Lacan, gozou de grande impacto na psicanálise, principalmente de tradição francesa (GARCIA-ROZA, 1986; 1990). Partindo do discurso freudiano, esta leitura dialoga com a filosofia – especialmente com autores como Kierkegaard e Nietzsche – para chegar a uma perspectiva original sobre a pulsão de morte (BIRMAN, 2012). Esta leitura propõe pensar a compulsão à repetição como um movimento que realiza repetições diferenciais, e não a repetição do mesmo (GARCIA-ROZA, 1986; BIRMAN, 2012). O que se coloca em jogo nesta perspectiva, é que a pulsão de morte é capaz de promover, pela via do excesso e da repetição da diferença, novas formas de

²² Cf. neste capítulo o tópico 3.1.1.

²³ O artigo onde se encontra este aspecto é de 1954: Hyppolite, J. “Comentario hablado sobre la *Verneinung* de Freud”, publicado em *Escritos 2* de J. Lacan. Trata-se de um texto sobre o conceito de denegação de Freud (GARCIA-ROSA, 1986; 1990).

criações e ligações (GARCIA-ROZA, 1986; 1990; BIRMAN, 2012; FORTES, 2012). Assim, segundo Fortes (2012), a ideia de excesso pulsional estaria indicando também um mais além do princípio de prazer.

Apesar de esta última perspectiva ser interessante e de importância incontestável para se pensar a clínica, nos centraremos na leitura da pulsão de morte enquanto retorno ao inanimado por dois motivos. O primeiro é que esta foi a leitura mais trabalhada na teoria freudiana – sítio no qual nos detivemos ao longo desta dissertação. Em segundo lugar, o masoquismo, sobretudo o masoquismo originário, se articula com maior intimidade a esta leitura. Com efeito, o masoquismo originário se constitui a partir da fusão da pulsão de morte com a pulsão sexual que, conforme vimos, se dá em proporções variáveis, mas nunca separadas (FREUD, 1924/2010). Devido a essa mistura, o masoquismo erógeno (ou originário) torna-se o componente da libido, tendo, ao mesmo tempo, seu próprio ser como objeto. No tópico a seguir, trabalharemos este conceito com mais apuro.

3.3. A economia problemática do masoquismo

É a partir do texto de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, que Freud concebe definitivamente a existência de um masoquismo primário. O autor vai utilizar os conceitos de fusão e des fusão das pulsões, explorados em *O ego e o id* (1923), para explicar o fenômeno do masoquismo originário, uma “natureza autocontraditória de um instinto que visa o desprazer” (FREUD, 1924/1996, p. 176).

O funcionamento dos processos mentais é organizado, à primeira vista, pelo princípio do prazer, funcionando no sentido de evitar o desprazer e obter o prazer. Incompreensivelmente, o masoquismo foge a essa norma, uma vez que seus objetivos são o sofrimento e o desprazer: ele “passa por cima” do princípio do prazer. Deste modo, o masoquismo, ao contrário do sadismo, está sempre exposto ao perigo por fugir da lógica do prazer. Freud propõe a partir daí investigar a relação do princípio do prazer com as pulsões de vida e de morte a fim de apurar melhor esta problemática (FREUD, 1924/1996).

Como vimos, a relação princípio de prazer-desprazer é descentralizada com a introdução da categoria de um além do princípio de prazer, este último consolidado com

o princípio de nirvana, para discriminar a tendência do aparelho mental a reduzir ao mínimo as somas de excitações. O princípio de nirvana estaria a serviço da pulsão de morte, cuja finalidade é conduzir o organismo vivo à estabilidade do inorgânico (FREUD, 1920/1996). Desta forma, o organismo é movimentado por duas moções pulsionais, uma expressando a estabilidade, zero de excitação (pulsão de morte) e a outra sendo a representante libidinal (pulsão de vida). Esta última tem a função de amalgamar-se com a pulsão de morte, atuando ademais como agente de união e ligação. Ou seja, a libido se apropria de uma cota de energia na regulação dos processos mentais, permitindo o conjunto de vinculações.

Uma parte dessa energia é colocada para fora em direção aos objetos externos, e outra parte fica como resíduo no interior do organismo, estando voltada para o eu (*self*), embora tenha se tornado componente da libido através da fusão. A este resíduo que mantém o Eu como objeto Freud decide chamar de *masoquismo originário*. Esta modalidade de masoquismo é a prova da fusão entre *Eros* e pulsão de morte. É possível que essa energia jogada para fora, sadismo, retorne novamente para dentro do organismo, ocorrendo então um masoquismo secundário acrescentado ao masoquismo primário (FREUD, 1924/1996).

Em seu artigo *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud irá definir três modalidades de masoquismo, isto é, três formas que circunscrevem o movimento pulsional do sujeito. Em outras palavras, elas correspondem à operacionalidade da pulsão no psiquismo e, posteriormente, acompanha o sujeito em seu modo de funcionamento na vida, com os objetos e consigo próprio mediante o mundo externo. Nesse sentido, a psicanálise passa a compreender o masoquismo nestas três formas: o masoquismo originário, o masoquismo feminino e o masoquismo moral.

O masoquismo originário, também chamado de erógeno, aparece como pano de fundo dos outros dois tipos. Ele se apresenta como uma condição imposta à excitação sexual a qual vai conduzir as outras duas formas de masoquismo, o feminino e o moral (FREUD, 1924/1996). O masoquismo feminino trata da expressão da natureza feminina, tendo sido muito explorado no artigo *Bate-se em uma criança* (1919). Freud vai correlacioná-lo com a questão do complexo de castração, vendo nos fantasmas masoquistas uma busca pela posição feminina (FREUD, 1919/1996). O masoquismo moral, por sua vez, é o que se manifesta como uma norma de comportamento (*behaviour*). Ele está

intimamente articulado com o supereu e identificado com o sentimento inconsciente de culpa, conceitos explorados por Freud em *O ego e o id* (1923) e desenvolvidos amplamente em 1924 (FREUD, 1923/1996; 1924/1996). Apresentaremos a seguir, nos próximos tópicos, as três formas de masoquismo inauguradas por Freud em seu importante estudo *O problema econômico do masoquismo*.

3.3.1. Masoquismo originário

Como vimos, a libido – *Eros* –, se junta à pulsão de morte e desvia, através da musculatura, boa parte desta última para fora em direção aos objetos externos, na forma de pulsão de destruição (no sentido de um apoderamento sobre o outro). Uma parte é colocada a serviço da função sexual, sendo esta parcela considerada propriamente o sadismo. A outra parte permanece no organismo, não tendo sido transposta para fora. Com a ajuda da excitação sexual, esta última torna-se ligada libidinalmente, sendo concebida como masoquismo originário ou erógeno.

Em resumo, o masoquismo originário é o resíduo pulsional que permanece no organismo, enquanto que a outra parte é direcionada para o mundo externo. A pulsão que é mantida se liga a *Eros*, constituindo o masoquismo erógeno. A parte que é direcionada para fora se refere ao sadismo. Quando este movimento de destruição em direção ao mundo externo encontra impossibilidade de satisfazer-se, ele retorna intensificando a parte pulsional destrutiva dentro do organismo: o sadismo se converte em masoquismo secundário (FREUD, 1924/1996). Portanto, o sadismo ou a pulsão de destruição é novamente introjetado no organismo, regredindo a uma situação anterior, resultando, assim, no masoquismo secundário. Este junta-se àquele original acrescentando seu arsenal de forças.

A tese do masoquismo primário ou originário, segundo Laplanche (1985), consiste no movimento de agressividade voltado para o sujeito, movimento este que surge somente a partir da pulsão de morte. O que está em jogo é uma mistura de pulsão de morte e pulsão de vida em graus diversificados, na qual se exprime uma relação de agregação e desagregação, fusão e des fusão (FREUD, 1920/2010; 1924/2010; 1933a/2010). De acordo com estas linhas, o masoquismo erógeno seria, poranto, “testemunha e

sobrevivência da fase de formação em que se sucedeu a amálgama, tão importante para a vida, de Eros e pulsão de morte” (FREUD, p. 192).

Nesse sentido, o masoquismo erógeno participa de todas as fases de desenvolvimento da libido: por exemplo, o medo de ser devorado pelo animal totêmico (pai), que corresponde à organização oral primitiva; o desejo de ser castigado pelo pai, que consiste na fase anal sádica; a castração, que identifica o estágio fálico; e o ser possuído ou dar à luz, que correlaciona com a fase da organização genital final.

3.3.2. Masoquismo feminino

O masoquismo feminino corresponde à busca pela posição feminina (de passividade), unida ao complexo de castração. Freud vai se basear em seus estudos publicados no ensaio de 1919, *Bate-se em uma criança*, sobre as “fantasias de pessoas masoquistas que resultam no ato masturbatório ou representam em si mesmas a satisfação sexual” (FREUD, 1924/2010, p. 188). Compreende-se que Freud não está apenas apontando para as fantasias de espancamento infantil, como também está articulando-as com as fantasias de sujeitos masoquistas.

A realização das referidas cenas de masoquismo se dá pela forma de jogo. Elas apresentam, como conteúdo manifesto, a necessidade de ser humilhado, amordaçado, amarrado, dolorosamente chicoteado, maltratado e até mesmo submetido a mutilações (FREUD, 1924/2010). Encontramos essas manifestações ao longo das páginas de *A Vênus das Peles*: “açoita-me, eu imploro (...) açoita-me sem piedade (...) pisoteia-me; (...) maltrata-me de verdade” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 68-9). Segundo a interpretação freudiana, “o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena, desamparada e dependente, mas especialmente como uma criança mal comportada” (FREUD, 1924/2010, p. 189).

Neste sentido, o masoquismo feminino expressa um composto entre as atitudes infantis e a posição feminina. De acordo com Freud (1924/2010), as encenações de castração ou a venda nos olhos, comum durante os rituais, consistem antes em proteger os órgãos genitais e os olhos, de modo a estabelecer a regra de não prejudicar nem danificar tais partes do corpo: cria-se aí um dispositivo de proteção contra a castração. Essas fantasias masoquistas colocam o sujeito numa posição feminina, de submissão e castração. É

baseando-se nestes elementos que Freud concebe a denominação de ‘masoquismo feminino’, comparando esses traços manifestados pelo sujeito masoquista com a posição feminina da mulher de ser castrada ou dar à luz.

Em comparação com as torturas masoquistas, as fantasias do sádico e suas realizações efetuam um caráter bem mais cruel do que o masoquista. Neste sentido, o sadismo está mais próximo da crueldade (FREUD, 1924/2010; DELEUZE, 1967). O sentimento de culpa também encontra expressão no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas, na medida em que o sujeito, supondo ter infringido uma lei, sente-se na necessidade de ser punido, castigado, torturado. Isso seria fruto de uma racionalização superficial, estando ligado, antes e de maneira inconsciente, à questão da masturbação infantil. Não obstante a presença do sentimento de culpa em tais fantasias, o mesmo está presente de uma maneira singular na terceira forma de masoquismo, o masoquismo moral, que veremos a seguir.

3.3.3. Masoquismo moral

O masoquismo moral é a forma de masoquismo mais atrelada ao sofrimento, não importando se este é infligido por uma pessoa amada ou outra qualquer: “o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada” (FREUD, 1924/2010, p. 194). Compreende-se, desta forma, que o masoquista é aquele sujeito que prejudica a si mesmo.

Freud nos oferece como exemplo a ‘reação terapêutica negativa’ (FREUD, 1923/2010), cuja atitude é atribuída ao sentimento inconsciente de culpa. Neste caso, “o sofrimento que acompanha a neurose é justamente o fator que a torna valiosa para a tendência masoquista” (FREUD, 1924/2010, p. 195). A referida tendência do masoquista é “conservar uma certa medida de sofrimento” (FREUD, 1924/2010, p. 195).

Ao supereu é atribuída a função da consciência moral, de modo que a consciência de culpa corresponde a uma tensão entre o eu e o supereu. O eu reage com um sentimento de angústia à percepção de não ter ficado à altura das exigências do supereu, tais como colocadas pelo ideal. Se a função do eu é unir as instâncias a que serve, ele tem no supereu um modelo a seguir. Neste caso, isto é, em relação ao supereu, o eu pode satisfazê-lo mediante a necessidade de castigo e de sofrimento.

Como podemos perceber, há no masoquismo moral dois pontos importantes que são necessários compreendermos. O primeiro está correlacionado à relação entre o supereu e o eu, sendo esta relação articulada pelo sentimento inconsciente de culpa. O segundo ponto refere-se ao fenômeno clínico da reação terapêutica negativa, o qual o sujeito, mediante o sentimento de culpa, tem a tendência a permanecer cristalizado no estado de sofrimento como forma de castigo. Ora, conforme vimos, este posicionamento está intimamente ligado ao masoquismo moral. A seguir desdobraremos esses dois pontos cruciais com o objetivo de adquirir uma melhor compreensão do masoquismo moral.

3.4. Supereu e Eu - uma relação de poder e castigo

A ideia de que há uma íntima relação entre o eu e o supereu conduz à hipótese, desenvolvida em *O ego e o Id* (1923), de que o Eu tem uma relação mais próxima do inconsciente e menos estreita com a consciência. Nesse sentido, em *A dissecação da personalidade psíquica*, Freud (1933/2010) explica que “como é próprio do reconhecimento de uma existência distinta dar à coisa um nome próprio, passarei a designar essa instância do Eu como o ‘Supereu’” (p. 196).

Desta forma, o Eu pode tomar a si mesmo como objeto, tratar a si mesmo como outros objetos, observar-se, criticar-se e julgar-se. É nesse ponto que Freud concebe o eu divisível em várias funções. Quanto ao supereu, ele “goza de certa autonomia, persegue seus próprios objetivos e possui energia independente do eu” (FREUD, 1933/2010, p. 197). Freud observa que essa instância é particularmente severa e cruel. Na clínica da melancolia, por exemplo, isso se mostra claro, de forma que o eu é massacrado pelo supereu.

Através dos estudos sobre a afecção melancólica, a psicanálise oferece a hipótese de que o objeto perdido é estabelecido no Eu pela via da identificação, substituindo assim o investimento objetal (FREUD, 1917/1996). Essa substituição estaria presente na configuração do eu e contribuiria para a formação do caráter. É na origem do eu ideal que se localizaria a primeira e mais significativa identificação do indivíduo. Esta identificação se daria com o pai pela história pessoal do sujeito. Trata-se, então, de uma identificação direta, imediata e mais antiga do que qualquer investimento objetal (FREUD, 1923/2010).

O supereu exerce o mais rigoroso critério moral sobre o eu, que se encontra à sua própria mercê. A tensão gerada por essa relação é expressada como sentimento de culpa. Segundo Freud (1933/2010), o papel desempenhado pelo supereu é inicialmente manifestado por um poder externo, que o sujeito apreende através de sua relação com a autoridade parental.

Deste modo, sob a influência dos pais, que educam e governam a criança concedendo provas de amor e, ao mesmo tempo, ameaça de castigo, o infante sente o temor da perda de amor dos pais. Essa angústia leva a criança a desenvolver aquilo que Freud chamou de angústia moral (FREUD, 1933/2010). Esse processo é internalizado por ela e, assim, o supereu toma o lugar da instância parental. Doravante ele assume o papel de observar, dirigir e ameaçar o Eu, do mesmo modo que os pais agiam com a criança.

É neste sentido que o supereu é concebido como herdeiro do complexo de Édipo, se originando diretamente deste. A base de tal processo é chamada de ‘identificação’, em que o eu se assemelha ao outro. O primeiro eu se comporta como o outro, imitando-o e assimilando-o. Podemos observar, a propósito, como o processo de identificação ocorre no menino, com relação ao complexo de Édipo: ele desenvolve um investimento objetal pela mãe a partir do contato com o seio materno²⁴, e se identifica com o pai até que o percebe como obstáculo à realização de seus desejos sexuais, dando origem ao complexo de Édipo.

Assim, a identificação com o pai ganha um caráter hostil, transformando-se em uma relação permeada pela ambivalência (amor-ódio). Em seguida, o investimento objetal pela mãe é abandonado com a dissolução do complexo de Édipo, substituindo-o por uma identificação com a mãe ou fortalecendo a identificação com o pai (FREUD, 1924a/2010). É a partir desta identificação que a criança vai internalizando e construindo a esfera do ideal do eu.

3.5. O masoquismo na experiência da reação terapêutica negativa

No quinto capítulo do ensaio *O ego e o id*, Freud descreve o supereu como “o monumento que recorda a anterior fraqueza e dependência do Eu, e que mantém seu

²⁴ Esse momento se dá através da noção de ‘apoio’, processo este que citamos no início do segundo capítulo (FREUD, 1905/1996).

predomínio sobre o Eu maduro”. E completa: “assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu supereu” (FREUD, 1923/2010, p. 60). Um dos exemplos mais dramáticos da maneira como o supereu tiraniza o eu se encontra no andamento do próprio processo analítico. Neste caso, os pacientes passam a apresentar certa insatisfação e uma piora significativa no quadro clínico, quando percebem o avanço no tratamento analítico.

Segundo a psicanálise, tais sujeitos reagem aos progressos da terapia por não suportarem os elogios e reconhecimento de sua melhora. Assim, atuam de modo inverso, regredindo à doença. É o que Freud chama de ‘reação terapêutica negativa’. Esses pacientes manifestam algo que se opõe à cura, ou seja, “não prevalece à vontade de cura, mas a necessidade de doença. Uma atitude negativa ante o médico e o apego ao benefício da doença” (FREUD, 1923/2010, p. 62). Essa necessidade de punição aparece como o maior inimigo do trabalho terapêutico. Para Freud (1933a/2010), “ela é satisfeita pelo sofrimento ligado à neurose, e por isso se apega a doença” (p. 259). Isso ocorre também nas neuroses de destino que, conforme citamos no início deste capítulo, se desdobra em situações nas quais o paciente é levado à impossibilidade de realizar determinadas atividades para o progresso de sua vida.

Para trabalhar com a reação terapêutica negativa, Freud parte de uma reflexão sobre a relação estabelecida entre o eu e o inconsciente, uma vez que, no enquadre analítico, o paciente que resiste ao tratamento não possui o mínimo conhecimento dessa resistência. Pois, tanto a resistência quanto os motivos dela se mostram inconscientes ao sujeito. Ao investigar tais motivos, Freud (1933a/2010) se depara com a manifestação de uma “forte necessidade de castigo, que só podemos incluir entre os desejos masoquistas” (p. 259).

Mas de onde surge essa necessidade inconsciente de castigo? A psicanálise nos indica que ela corresponde à parte de nossa consciência moral no inconsciente, estando associada a uma porção de agressividade que foi interiorizada e assumida pelo supereu. O forte sentimento inconsciente de culpa que alguns sujeitos apresentam se revela por via da necessidade de castigo. Assim, a reação terapêutica negativa é o campo de pouso mais comum em que a necessidade de castigo e o sentimento inconsciente de culpa desembarcam. Esses sujeitos, quando informados da solução dos seus sintomas, acabam por manifestar a intensificação destes, ou seja, pioram o quadro ao invés de dar asas à

sua recuperação (FREUD, 1937/1996). Portanto, Freud articula essa resistência a um fator ‘moral’, de modo que o sentimento de culpa, encontrando satisfação na doença, faz o sujeito se abster do desejo de renunciar ao castigo de sofrer.

A culpabilidade age de maneira silenciosa: o sujeito não se sente culpado, apenas doente. Daí o sentimento de culpa ser considerado inconsciente. A suposição de que uma grande parte do sentimento de culpa seja inconsciente estaria relacionada à noção de que a origem da consciência moral é intimamente ligada ao complexo de Édipo, que é eminentemente inconsciente. Não é à toa que Freud entoa sua sentença lapidar e paradoxal “de que o homem normal é não só muito mais imoral do que acredita, mas também muito mais moral do que sabe” (FREUD, 1923/2010, p 65).

Nesse sentido, o supereu está tão próximo do id que mostra sua independência em relação ao Eu consciente. Compreende-se então porque o supereu se manifesta através do sentimento de culpa e porque possui poder tão rigoroso sobre o eu. Na melancolia, por exemplo, o supereu age sobre o eu “como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa” (FREUD, 1923/2010, p. 66). Este movimento se dá da seguinte forma: o componente destrutivo instalou-se no supereu e voltou-se contra o eu. Quando o eu não se defende a tempo de seu tirano, é impelido à morte. Tomemos como exemplo a melancolia, onde o supereu apresenta seu caráter mais severo e destrutivo sobre o eu.

Na neurose obsessiva, por outro lado, os impulsos amorosos se convertem em impulsos agressivos contra o objeto por meio de uma regressão à organização anal-sádica. A pulsão de destruição se vê livre e quer destruir o objeto. A regressão à organização pré-genital é evidenciada desta forma nas fantasias de espancamento, em que a maioria dos casos analisados eram de meninas neurótico-obsessivas (FREUD, 1919/1996). O eu se opõe aos impulsos agressivos com formações reativas, enquanto que o supereu continua percebendo, por trás do amor reativo, o ódio subjacente (FREUD, 1923/2010, p. 67). Assim,

desamparado em ambas as direções, o Eu se defende em vão das instigações do id assassino e dos reproches da consciência punitiva. Consegue apenas inibir as ações mais grosseiras dos dois lados, o resultado sendo primeiro um *infindável autotortimento* e, depois, um *tortimento sistemático do objeto*, quando este é acessível (FREUD, 1923/2010, p. 67, grifos nosso).

O id é considerado amoral; o eu, por sua vez, tenta ser moral; e o supereu consiste em uma hipermoralidade. Neste sentido, Freud (1923/2010) ressalta: “quanto mais um indivíduo controla sua agressividade, tanto mais aumenta a inclinação agressiva do seu ideal ante o seu Eu. É como um deslocamento, uma volta contra o próprio eu” (p. 68). Para compreendermos isso, recordemos que a agressividade direcionada para o mundo externo (sadismo) que não pode se satisfazer recebe uma inflexão: isto é, retorna contra o próprio eu (FREUD, 1924/2010).

Como visto, o ego lança mecanismos de defesas contra o mundo externo para livrar-se do mal-estar, isto é, do que lhe provoca angústia e desprazer. No entanto, há estímulos internos que também provocam sensação de perigo para o aparelho psíquico. Destes estímulos internos o sujeito não pode fugir. É nesse sentido que “os mecanismos defensivos do ego estão condenados a falsificar nossa percepção interna e a nos dar somente uma representação imperfeita e deformada de nosso próprio id” (FREUD, 1937/1996, p. 253). O que Freud nos aponta é que nesse jogo de sobrevivência o ego acaba por não dar conta de defender-se dos próprios estímulos internos, sendo assim “paralisado por suas restrições ou cegado por seus erros” (FREUD, 1937/1996, p. 253).

Por esse viés, entendemos que o fracasso na terapêutica é dado pela função de defesa a qual o ego é compelido a exercer permanentemente diante de eventos externos e, principalmente, diante de eventos que não mais existem em sua vida. Sua tendência é buscar, ao longo da vida, situações que o colocam, novamente, em posição de risco, substituindo e aproximando-o daquele perigo original. É desta forma que o sujeito tende a repetir também essa reação defensiva no tratamento analítico. Os mecanismos de defesa aparecem como resistências em oposição à melhora do paciente.

Assim, a cura surge para o sujeito como um novo perigo ao qual ele não quer se defrontar. Deste modo, “o ego se apega a suas defesas primitivas e não abandona suas resistências” (FREUD, 1937/1996, p. 255). O ego, inconscientemente, resiste a fim de impedir que os conteúdos recalçados sejam revelados em análise, agindo em oposição à restauração do paciente. Intercorre assim a reação terapêutica negativa no processo de análise, a qual o sujeito, conforme dito, manifesta-se insatisfeito com o tratamento, ou se impõe sempre em discordância ao analista ou até mesmo abandona o trabalho de análise inconcluso.

Neste processo, a segunda teoria pulsional nos aponta que há uma força que trabalha contra o restabelecimento do sujeito, “e que está absolutamente decidida a apegar-se à doença e ao sofrimento” (FREUD, 1937/1996, p. 259). Como vimos no início deste tópico, o sentimento de culpa e a necessidade de castigo produzida na relação entre o ego e o superego colabora em grande parte para o sujeito permanecer na posição de doente. Ademais, os fenômenos masoquistas, como já apontamos, revelam que o aparelho psíquico não opera exclusivamente em função do princípio de prazer.

As pulsões agressivas e destrutivas mostradas através do fenômeno do masoquismo indicam que há uma força mortífera que conduz insistentemente o sujeito ao estado de desprazer. Ou seja, a pulsão de morte, por via da compulsão à repetição, remete o sujeito, permanentemente, a eventos traumáticos já vivenciados, fazendo-o reagir contra qualquer nova situação (FREUD, 1920/2010; 1930/2010; 1937/1996). É desta forma que a psicanálise aponta o masoquismo como um fenômeno de base estrutural do ego, algo que impõe ao sujeito o caminho em direção à autodestruição. Este é o próximo ponto que trabalharemos em nosso trabalho.

3.6. O masoquismo como um conceito estrutural

O masoquismo, que em sua definição original era considerado um estado patológico (KRAFFT-EBING, 1886/1895), passa a ser pensado, no momento final do discurso freudiano, como uma estrutura de base do ego que atua no psiquismo (FREUD, 1924/1996). Sua operação vai de encontro com a necessidade do indivíduo de suportar o sofrimento a qualquer preço. Como vimos, um fenômeno muito observado na clínica por Freud foi o da reação terapêutica negativa, que consistia no fato do sujeito preferir recuar ante o avanço de um tratamento analítico, se mantendo no estado de sofrimento. Freud compreende que a reação terapêutica negativa está diretamente ligada à pulsão de morte (FREUD, 1937/1996).

A introdução da pulsão de morte implica a hipótese de uma condição masoquista originária para o Eu. Com a concepção de um masoquismo primário, o Eu torna-se o primeiro objeto atingido pela pulsão de morte (SANTOS, 2002). No entanto, a ligação da pulsão de morte com *Eros* é o que vai garantir ao Eu a luta pela vida contra a tendência permanente e insistente em direção à morte. É nesse sentido que o princípio

de prazer atua conjuntamente com o princípio de realidade. Nestes termos, o princípio de nirvana exprime a tendência da pulsão de morte, o princípio do prazer representa a reivindicação da libido, e a modificação dele, o princípio de realidade, atua sob a influência do mundo externo (FREUD, 1924/1996; 1924/2010). Assim,

nenhum desses três princípios é realmente colocado fora de ação por outro. Via de regra eles sabem tolerar um ao outro, embora ocasionalmente deva levar a conflitos o fato de a meta estabelecida ser, de um lado, a diminuição quantitativa da carga de estímulos, do outro, um caráter qualitativo da mesma, e por fim, um adiamento da descarga e uma aceitação provisória da tensão devida ao desprazer (FREUD, 1924/2010, p. 187).

O masoquismo originário, primário ou erógeno é a forma fundamental que o psiquismo tem para lidar com o desamparo originário do infante. Pela ação da libido, o masoquismo erógeno atua não como pura pulsão de morte, mas como esta última amalgamada com a pulsão de vida. Recordemos a teoria de Xavier Bichat através de Birman (2009): seria este um composto de forças que brigam pela sobrevivência. É nesse sentido que o masoquismo erógeno é concebido como uma articulação entre dor e prazer (FREUD, 1924/2010).

Assim, esta forma de masoquismo passa a ser pensada como uma condição estruturante do ego para lidar com o que de mais catastrófico lhe atinge: a primeira experiência do desamparo. Segundo esta tese, o masoquismo não apenas aponta para aquilo que é da ordem da destrutividade – conforme a pulsão de morte nos leva a conceber –, como indica também a possibilidade de sobrevivência, através da união da pulsão de morte com *Eros*.

O masoquismo secundário, aquele que retorna ao interior após encontrar obstáculos no mundo externo para sua satisfação, aparece como força autodestrutiva. As duas outras formas de masoquismo, o feminino e o moral, são maneiras pelas quais o sujeito destina seus impulsos autodestrutivos. No masoquismo feminino, o sujeito busca pela castração, enquanto que no masoquismo moral, ele está à espera permanente de um castigo (FREUD, 1924/2010; BIRMAN, 1999). Tanto em um quanto no outro, encontramos a

característica da passividade²⁵, que se relaciona a uma posição feminina diante do objeto. Posição esta da qual, não obstante, o sujeito demonstra querer fazer tudo para se livrar (FREUD, 1937/2010).

Em seu texto *Análise terminável e interminável* (1937), Freud retoma a reflexão que tecera em seu artigo *Bate-se em uma criança* concernente ao ‘protesto masculino’. Vimos no capítulo anterior que esta noção, proposta por Adler, estabelece que tanto o homem quanto a mulher querem se livrar da parte de feminilidade que carregam em si. A mulher busca obter o falo por toda sua vida, enquanto que o homem está sempre em luta para manter a sua masculinidade e não ser castrado. Isso mostra que ambos estão à mercê da fantasia de se livrar da castração.

Com efeito, o trabalho analítico encontra dificuldades justamente no ponto onde o sujeito quer a todo custo repudiar sua atitude passiva em virtude da atitude ativa do outro. De acordo com Freud (1937/1996), a recusa da feminilidade, tanto em homens quanto em mulheres, é foco de grande resistência à análise. Lutar contra isso é como fazer uma ‘pregação ao vento’. Assim, nos explica Freud que,

quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável, ou quando estamos procurando convencer um homem de que uma atitude passiva para com homens nem sempre significa castração e que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida. A supercompensação rebelde do homem produz uma das mais fortes resistências transferenciais (FREUD, 1937/1996, p. 269).

Podemos compreender diante de nossa pesquisa que a questão da atitude de passividade, o repúdio à castração, não apenas está expressa nas relações entre os sujeitos como também se coloca presente no registro econômico do psiquismo: de certa forma, é pela luta contra esse movimento passivo/masquista que o sujeito reage constantemente. De fato, o sujeito parece querer recusar essa posição em função do que ela significa para

²⁵ Não estamos nos referindo à questão da passividade como um aspecto da servidão sexual, mas sobre a questão de recusa da feminilidade como forma de desejo de livrar-se da castração. Entretanto, Freud (1937/1996) alude para o fato significativo do desejo da mulher pela busca do pênis e do homem em repudiar uma atitude passiva que muitas vezes é necessário nas relações entre os sujeitos. Acentuamos aqui que a questão da feminilidade, colocada por Freud neste ensaio de 1937, está correlacionada com a posição passiva diante do outro.

ele: a posição passiva diante do outro parece indicar um lugar de fracasso, algo da ordem da inferioridade em relação a esse outro.

A feminilidade sempre esteve muito próxima da noção de masoquismo para a psicanálise. Em 1937, Freud pôde perceber o quanto ela está inserida na constituição do sujeito – tal como o masoquismo, que se tornou, por sua vez e conforme dito, um movimento primário e fundamental do aparelho psíquico. Intimamente ligada à castração, o sujeito luta para não cair neste lugar da feminilidade. Sua posição para o sujeito é tão temerosa quanto o sentimento de angústia ante a ameaça de castração.

Levando estes pontos em consideração, podemos lançar a hipótese de que a feminilidade está muito próxima do sentimento de angústia, que remete por sua vez o sujeito à ameaça de desamparo. Vimos em um tópico mais acima que o ego sai em busca de situações que possam remetê-lo novamente à condição de risco, de modo que ele lance seus mecanismo de defesa contra o mundo externo. Vimos, além disso, que o modo operacional do masoquista é sempre se colocar na categoria de objeto à disposição do outro e envergado à sua própria destruição.

Pois bem, assim como o masoquismo erógeno lida diretamente com o desamparo primordial a fim de instaurar o movimento psíquico em direção à vida, o masoquismo feminino e o masoquismo moral trabalham através da castração e da necessidade de castigo impulsionando o sujeito também em direção à vida, porém, em uma condição mais degradante, de humilhação e de constrangimento (BIRMAN, 1999). Sua operação vai de encontro com a necessidade do indivíduo de suportar o sofrimento a qualquer preço. Essa posição é buscada pelo próprio sujeito, sendo um movimento que aparece por exemplo na reação terapêutica negativa, de acordo com a hipótese de Freud relacionada à condição estruturante do ego. Na função de ter de responder aos três senhores ao mesmo tempo – o id, o superego e o mundo externo –, o ego fica numa posição de vulnerabilidade e dependência.

Tomemos como ilustração a reação terapêutica negativa, que designa essa forma do sujeito preferir recuar diante do avanço de um tratamento analítico, se mantendo no estado de sofrimento. Freud explica que a reação terapêutica negativa está diretamente ligada à pulsão de morte (FREUD, 1937/1996). A introdução deste conceito implica a hipótese de uma condição masoquista originária para o ego. Assim, o masoquismo

passa a ser pensado como uma condição estruturante do ego na medida em que lida com a primeira experiência de desamparo.

Tomando como norte a questão do funcionamento do aparelho psíquico proposta em 1924, destacamos a importância do masoquismo como resultante da união entre *Eros* e agressividade. É nesse momento que a libido lança suas metas sexuais atuando juntamente com a pulsão de morte, processo em que o recém-nascido em estado de desamparo primordial é acalentado à vida. Em outras palavras, o masoquismo originário se lança como um componente da libido, resultado da união das pulsões, em direção ao desamparo originário (FREUD, 1924/2010). Vimos que a união entre *Eros* e pulsão de morte é necessária aos fenômenos vitais do vivente, pois a decomposição desta união pode resultar, pelo contrário, em sua morte (FREUD, 1933a/2010).

É neste sentido que o masoquismo assume uma função importante para a noção de desamparo originário. Tentaremos compreender no próximo tópico a relação do masoquismo com o desamparo estruturante, tal como enunciado por Freud em *Mal-estar na civilização* (FREUD, 1930/2010). Devemos esta tese aos estudos recentes sobre a figura do masoquismo como proteção ao desamparo (BIRMAN, 1999; 2004; 2006; FORTES, 2007; 2012). Neste contexto, assim como o masoquismo originário está relacionado com o desamparo primordial, os masoquismos feminino e moral são figuras de modos de subjetivação referidos ao desamparo estrutural. Trabalharemos a seguir com a retomada do conceito de desamparo por parte de Freud no final da sua obra, bem como a relação do masoquismo frente a esta forma de desamparo.

3.7. O masoquismo como proteção ao desamparo

Faça o que quiser de mim, mas não me deixe! Entre o sofrimento e o abandono, o sujeito lança mão de suportar o sofrimento a qualquer custo. O preço a se pagar para não ter que passar pela angústia do abandono é alto, mas o sujeito parece estar disposto a isso, pois “a fantasia de estarmos relativamente seguros é destruída por certos fatos que nos invadem (...), provocando uma sensação de vulnerabilidade” (RUDGE, 2009, p. 61). O sujeito é ameaçado pelo estado de desamparo ao longo de toda sua existência (FREUD, 1927/2010). Diante disso, ele busca proteger-se contra o abandono lançando-se em direção ao amparo, a uma salvaguarda, ou seja, a algo que possa lhe dar garantia

de sobrevivência. É a partir daí que Freud forja uma nova configuração a respeito da noção de desamparo e define, na mesma medida, o masoquismo como elemento fundamental para lidar com esta condição subjetiva.

Entendemos através da psicanálise que a experiência de desamparo remete à sensação de morte e urgência de vida, podendo ser remetida ao estado primordial do sujeito em relação à vida (FREUD, 1895[1950]/1996). O termo é enunciado por Freud como *Hilflösigkeit*, derivado da palavra *Hilfe* (ajuda). Laplanche e Pontalis propõem a tradução francesa de *état de détresse* (situação de desamparo), por indicar um estado de impotência do recém-nascido de realizar uma determinada ação motora (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001; ANDRÉ, 2001).

Este sentido específico a que se refere o desamparo primordial foi elaborado por Freud em *Projeto para uma psicologia científica* (1895[1950]/1996), ao lançar a metáfora do recém-nascido. Neste momento de sua teorização, Freud avalia o estado de desamparo como o estado frágil do lactente que depende do outro para satisfazer as suas necessidades específicas, principalmente de sede e de fome (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, p. 112). O bebê se encontra em estado de urgência e impotente para aliviar-se do aumento da excitação interna, a qual o aparelho psíquico ainda não se encontra em condições de suplantare por si só. Em decorrência disso, o bebê necessita da ajuda de outra pessoa (a mãe), que assumirá para si essa ação específica necessária à sobrevivência do recém-nascido (FREUD, 1985[1950]/1996).

Podemos perceber que Freud concerne dois elementos importantes que irão ganhar sentido ao longo da sua teoria. O primeiro é a formulação de que o desamparo é uma condição fundamental do sujeito, dando-se desde o nascimento. Não à toa, Freud o considera, desde 1895, como “a fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1985[1950]/1996, p. 370). É através da via de descarga realizada pelo choro do bebê direcionado à mãe, como forma de um pedido de socorro ou de ajuda, que se estabelece a comunicação efetiva de apelo contra o desamparo.

O segundo elemento importante consiste na atenção de uma pessoa experiente, do amor, do cuidado, do acolhimento e do zelo para com o bebê indefeso. Estes cuidados, indispensáveis à sobrevivência do ser, são o plano de superfície da vivência de desamparo e de angústia, quando os mesmos se tornam ausentes na situação de separação ou afastamento da mãe. Decorre desta questão “a grande necessidade de amor

que acompanha o homem por toda a vida” (RUDGE, 2009, p. 58). É nesta primeira relação com o outro que se dá a estruturação do psiquismo: este último começa a se constituir nos primeiros anos de vida a partir dessa relação de total dependência com a mãe (ou de quem cuida) do vivente (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, p. 112). Esta noção conduzirá Freud a conceber, ao longo de sua obra, a importância da relação com o outro frente ao desamparo e a entender este último não apenas como um estado primordial, mas como uma condição que acompanha o sujeito ao longo de toda a sua vida (FREUD, 1930/2010): “é o seu próprio desamparo – fundamental e insuperável – que o homem deve enfrentar” (PEREIRA, 1999, p. 127). O desamparo significa “uma abertura máxima do psiquismo, profunda, sem fundo como um abismo, e a desqualificação do outro, como outro, em sua tentativa de responder ao desespero, de tornar-se objeto disso” (ANDRÉ, 2001, p. 105).

Entre o processo fundamental do nascimento e a figura do outro que surge como alteridade, encontramos a presença da angústia como representante legítima da pulsão de morte na vida psíquica. A angústia é desencadeada automaticamente pelo estado de desamparo, revelando-se como uma força cega, inflexível e repetitiva. Em 1926, ao reformular a teoria da angústia, Freud vai associar o estado de desamparo à sensação de urgência que o organismo humano sofre em seu nascimento²⁶. A angústia deixa de estar intimamente referida à sexualidade²⁷ e passa a estar associada à sensação de medo e ameaça de morte, como efeito do estado de desamparo (FREUD, 1926/1996). Deste modo, “tudo o que desagrade a mãe e poderia constituir uma ameaça de perda de seu amor também passa a ser motivo de angústia” (RUDGE, 2009, p. 58).

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud reconhece que as diferentes etapas de desdobramento libidinal (oral, anal, fálica) têm em comum a experiência de perda. Toda a questão gira em torno de como estas experiências de perda são elaboradas e de como é

²⁶ No desamparo originário, para sustentar tal afirmação, Freud considera que a imagem mnêmica do outro (mãe) cuja ausência é sentida como angústia, é, sem dúvida, intensamente investida pela criança (FREUD, 1926/2014). Entretanto, sob a ausência da imagem materna suscitaria o estado de desamparo psíquico do bebê, que até então não se encontra capaz de lidar com o investimento de seu anseio. Nesse registro, a angústia apresenta-se como uma reação frente ao perigo da perda de um objeto, a ausência da mãe significa um aumento da tensão libidinal, frente a qual a criança está indefesa (FREUD, 1926/2014). Então, o que se coloca em jogo é a não possibilidade de se obter a satisfação, já que a falta do objeto geraria uma tensão no interior do aparelho psíquico, devido a um acúmulo insuportável de estímulos incapazes de serem dominados ou descarregados.

²⁷ Em *Interpretação dos sonhos* (1900/1996) e nos textos *Metapsicológicos* de 1915, Freud considera a angústia como produto da transformação direta da quantidade pulsional em afeto, uma consequência do recalque. A partir de 1926, a angústia passa a ser considerada anterior ao recalque e a causa do mesmo (FREUD, 1926; 1915/1996).

feita a elaboração da experiência do desamparo, constitutivo do aparelho psíquico (FREUD, 1926/1996; LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001). Os objetos parciais (seio, fezes, pênis) contêm uma equivalência simbólica de perda. Essas sensações de perda e/ou separação remontam-se ao nascimento, quer dizer, ao estado original de desamparo.

Porém, não retornam ao estado de desamparo por lembrança, conforme pensa Otto Rank em seu livro *O trauma do nascimento* (1924). Em 1926, Freud define o desamparo como o núcleo de uma situação de perigo (FREUD, 1926/2010; PEREIRA, 1999). Nesse sentido, em toda situação que se refere a uma ameaça de perigo, o sujeito é colocado em situação de ameaça de retorno ao estado de desamparo. Assim, a noção de desamparo, tal como estabelecida em 1895 no *Projeto*, adere a uma nova perspectiva teórica: o desespero da urgência de vida e ameaça de morte, que se encontram diante da impotência do vivente em conseguir sobreviver por suas próprias custas, torna-se uma tendência que acompanha toda a vida do sujeito (FREUD, 1927/1996).

A concepção de desamparo enunciada como um estado objetivo de dependência do recém-nascido ganha “o estatuto de noção fundamental em seu registro teórico” (PEREIRA, 1999, p. 128). Podemos perceber, deste modo, que ao longo da teoria a noção de desamparo vai ganhando um lugar importante na configuração subjetiva do sujeito. Em *O futuro de uma ilusão* (1927), o desamparo é indicado como apelo às figuras religiosas que representam a figura do pai superior. Neste sentido, Freud acredita que a religião é uma possibilidade que o sujeito desamparado tem para recorrer. A religião traça um hemisfério de proteção e cuidado ao sujeito, tomando o lugar daquele outro que o infante apelava quando impotente. Sendo a religião uma forma importante de ilusão, e uma maneira de fugir à condição de desamparado, Freud reflete como a ilusão pode ser necessária para o sujeito lidar com as questões da vida.

Em *Mal-estar na civilização* (1930), a religião já não ocupa o mesmo pódio na teoria psicanalítica. Freud retoma o problema da religião a partir da noção de agressividade, movimento este que acompanha o sujeito em suas relações com o outro e com o mundo. A obra freudiana se calca, neste ponto, em um patamar irreparavelmente pessimista. Se em 1897 Freud declara não acreditar mais em sua neurótica, desiludido que estava com as históricas, em 1930 ele lança um chamado de desilusão com o mundo.

Assim, o livro *Mal-estar na civilização* corresponde a uma das obras mais autênticas da teoria freudiana. O autor procura, aí, reformular a figura do desamparo, compreendendo-o a partir da dimensão do inacabável apelo a um outro que possa proteger o sujeito dos perigos diversos. Segundo ele, “inicialmente o mal é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com a perda do amor; por medo dessa perda é preciso evitá-lo” (FREUD, 1930/2010, p. 94). A fim de desviar-se da perda do amor, o sujeito se submete ao outro, como um modo masoquista de existência. Assumindo uma posição de passividade e de submissão ao outro, este modo de subjetivação permite a aproximação com as categorias de masoquismo moral e feminino (BIRMAN, 1999).

Freud coloca em pauta que o sujeito é desamparado pela falta de garantias e perspectivas diante da vida. A partir disso, ele escreve, em 1939, *O Moisés e o monoteísmo*, que traz a desilusão religiosa na vida do homem (FREUD, 1939/1996; PEREIRA, 1999). Pois, “quando se descobre abandonado pelos deuses que ele próprio criou, o homem tem de enfrentar o seu desamparo mais radical, o do lugar vazio do fiador último da história simbólica pessoal e da humanidade” (PEREIRA, 1999, p. 127). Assim, o desamparo passa a ser configurado, na teoria freudiana, como algo de ordem fundamental e insuperável, no qual o sujeito é condenado a enfrentar ao longo da vida.

Deste modo, o desamparo é o “rochedo incontornável, no dizer de Freud, com o qual às vezes se tropeça” (BESSET, 2002, p. 208). Frente ao desamparo, surge a necessidade de suplicar o amor e o cuidado do outro. O sujeito vive uma incessante angústia em busca do amor e cuidado que muitas vezes não encontra, pois nem sempre o outro está ali para lhe oferecer. Para Jacques André, o desamparo seria uma indicação de que “a vida psíquica permaneceu, que continua a ser vivida *fora de si*, na desesperada abertura sobre o outro, para o outro. Um outro que não responde (ou que responde mal)” (ANDRÉ, 2001, p. 105, grifos do autor). Neste sentido, “o sinal de angústia desvela, por vezes, a situação de desamparo na qual a perda do amor mergulha o sujeito” (BESSET, 2002, p. 204). Assim, o indivíduo se encontra em um estado de total desalento, sem garantia de perspectiva futura, em uma posição de fragilidade e vulnerabilidade na vida (BIRMAN, 1999).

Este sujeito busca estar à mercê do outro, para que este outro esteja sempre ao seu lado, de modo a lhe dar garantia de proteção contra a experiência do desamparo. Esta posição de passividade adquire uma configuração masoquista para assegurar-se contra a

desolação, situação esta em que o sujeito é tomado por um aumento excessivo de excitação ao qual se vê incapaz de controlar (BIRMAN, 1999; FORTES, 2007). Bem entendido que, o que está em questão, não é a perda do objeto, mas a perda de uma posição libidinal, ou seja, a perda do lugar de ser amado (BESSET, 2002). É deste modo que compreendemos que o sujeito lança mão de uma posição masoquista a fim de recuperar este lugar e poder sentir-se novamente amado pelo outro, nem que seja em um contexto de submissão (BIRMAN, 1999; ANDRÉ, 1995; FORTES, 2007).

Retomando o que Freud escreve em seu artigo *Pulsões e seus destinos* (1915), vimos que o masoquista reverte a sua posição, assumindo o lugar de objeto e escolhendo o outro a quem ele possa submeter-se. Este outro, eleito pelo masoquista, irá exercer sobre ele a função de sujeito, substituindo a figura do pai que detinha o poder sobre a criança de castigá-la e educá-la. Trata-se de um lugar do Outro onipotente, autossuficiente (MAGALHÃES, 1994). Esse processo de escolha do objeto que virá a ser o sujeito da relação masoquista se dá por via da identificação, ao qual o masoquista se identifica com quem ele elege para exercer o papel de sujeito (ASSOUN, 1996). O masoquista cede ao outro uma condição de total direito sobre ele, acreditando ter de se sacrificar em função daquele, obedecendo e respondendo completamente às suas vontades e às suas ordens (ANDRÉ, 1995).

Vimos que o masoquismo erógeno é inaugurado mediante o processo de ligação entre Eros e pulsão de morte. É este masoquismo erógeno e primário que vai lidar diretamente com o desamparo primordial do infante (FREUD, 1924). Entretanto, Freud (1930/2010) coloca que o sujeito possui uma condição de desamparo na qual terá que se defrontar ao longo da vida. É neste contexto que Birman (1999) traz uma contribuição preciosa à psicanálise, ao formular que o psiquismo lançará mão de um modo subjetivo para lidar com essa condição de desamparo fundamental: a falicização e a culpabilidade conduzirão o sujeito a se render ao outro como forma de tentar proteger-se da situação de desamparo. O outro é concebido aí como onipotente, tal como se designava a figura do pai que perdeu sua majestade. Deste modo, o sujeito sai em busca de quem possa exercer essa função de proteção, de salvaguarda e de amparo, se inscrevendo no modo configurado de masoquismo diante do outro.

Com efeito, podemos extrair de Sacher-Masoch as palavras que representam esse sentido da submissão contra o desamparo: “faz comigo o que bem entender, só não me

afaste de ti” (p. 65), “de ti quero tudo suportar – só não quero te perder” (SACHER-MASOCH, 1870/2008, p. 77). Através de sua obra, Sacher-Masoch trouxe a ilustração mais coerente do que é o masoquismo, manifestando-se não como um estado patológico tal como foi proposto por Krafft-Ebing, mas como a forma subjetiva pelo qual o personagem se faz presente e consegue viver no mundo.

Vimos que a categoria do masoquismo não se pauta apenas na necessidade de punição, submissão ou passividade, mas na contratação redigida pelo masoquista (DELEUZE, 2009 [1967]). Em sua *Re-présentation de Masoch*, Deleuze (1989) aponta que, não obstante o contrato de submissão do masoquista ser um dispositivo fundamental, a maneira como ele é enraizado no masoquismo é um mistério. O que nos evidencia o contrato do masoquismo em sua relação com a questão do desamparo é, sobretudo, que “o masoquista realiza com o outro um pacto que procura garantir a fixidez e a imobilidade da relação” (FORTES, 2007, p. 39).

Esta contratação irá garantir para o sujeito que o objeto amado não irá abandoná-lo – pelo menos não durante o tempo que vigora no contrato. Com efeito, o contrato que Sacher-Masoch assinou, regido por Fany von Pistor, garantiu a ele que ambos ficariam juntos durante aqueles seis meses que passaram na Itália. É por este contrato que o masoquista almeja e festeja, pois é a forma que ele encontra, afinal, de dominar a sua relação com o outro. Da mesma forma, é o que vai lhe garantir que o outro permanecerá ali, e que não o abandonará durante o tempo determinado do contrato (MICHEL, 1989/1992; SACHER-MASOCH, 1870/2008). Seria, neste sentido, uma tentativa de assumir uma posição de domínio gozando de uma posição de objeto – um modo irônico de agir com a própria lei estabelecida no contrato (BIRMAN, 2014). É nesse sentido que este dispositivo passa a ser um instrumento fundamental para o masoquista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa se iniciou por uma breve e sucinta investigação sobre a origem do masoquismo. O termo foi batizado pelo psiquiatra vienense Richard von Krafft-Ebing extraído do escritor austríaco Léopol von Sacher-Masoch. Desta forma, procuramos explanar um pouco sobre a vida e a obra de acesso de Sacher-Masoch, *A Vênus das peles* publicada em 1870 (MICHEL, 1992; SACHER-MASOCH, 1870). O masoquismo foi intitulado como uma categoria patológica da sexualidade em *Novas investigações no domínio da Psychopatia Sexualis* (KRAFFT-EBING, 1886/1895) ganhando a repercussão de uma degenerescência moral circunscrita pelo Krafft-Ebing. Essa classificação foi fundamentada pelo viés biológico, a reprodução, de modo que qualquer prática sexual que não fosse à função da preservação das espécies seria considerada um desvio da sexualidade.

É nesse sentido, que recorremos a Foucault (1976) no seu discurso crítico sobre a categoria de transgressão ao qual o campo da sexualidade é utilizado pelos dispositivos de controle sociais. O século XIX foi um século marcado pela “implantação de múltiplas perversões” (FOUCAULT, 1976, p. 38). Nesse sentido, também trazemos à luz da concepção de masoquismo a figura ilustrada de Sacher-Masoch, junto com ele sua obra *A Vênus das peles*. Vimos não apenas a importância, assim como a possibilidade de apresentar ilustrações desta obra à medida que fomos caminhando pela teoria psicanalítica, principalmente acerca da primeira tópica freudiana, a submissão, os jogos de poderes, a fantasia, o fetiche e outras características embutidas na sua literatura.

Com Freud, vimos que o caráter patológico da perversão só é concebido por duas características: a exclusividade e a fixação (FREUD, 1905/1996). Freud define essa concepção considerando os mecanismos ativos e passivos da pulsão sexual presentes no aparelho psíquico. Assim, a psicanálise desconstrói a ideia de patologia quando declara que esses mecanismos fazem parte da vida sexual do sujeito. Trata-se da dupla configuração na sexualidade: o olhar (*voyerismo*) e o ser olhado (*escopofilia*), e o torturar (*sadismo*) e o ser torturado (*masoquismo*).

Deste modo, o sadismo e o masoquismo em suas formas, ativa e passiva, tornam-se as “mais frequentes e significativas de todas as perversões” (p. 149) para Freud

(1905/1996). Assim, “o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante” (FREUD, 1905/1996, p. 149); E o masoquismo, estaria relacionado às atitudes passivas frente à vida e ao objeto sexual. Para Freud, o sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, os dois fenômenos estão internamente ligados no mesmo indivíduo. Vimos que este aspecto da complementariedade das pulsões sádicas e masoquistas foi fortemente criticado por Deleuze (1967/2008). Foi importante empreender que a relação da presença simultânea destes fenômenos no mesmo indivíduo está correlacionada com a oposição entre masculino e feminino da bissexualidade, relacionada ao contraste ativo e passivo (FREUD, 1905/1996; 1915/1996).

A dor e desprazer também são elementos que se tornam indispensáveis dentro do nosso conjunto teórico sobre o masoquismo. O que entendemos a partir de nossa leitura, é que a dor é um hemisfério que gira em torno do desprazer. Para que ela ocorra é preciso uma quantidade de excitação necessária que ultrapasse um limiar e assim origina a dor no organismo (FREUD, 1920/1996; LAPLANCHE, 1987; BIRMAN, 2012; FORTES, 2012). Entendemos que esse limiar de que trata Freud parece ser diferente para cada sujeito, refere-se a um ponto limite de excitação que cada sujeito vai suportar em seu organismo. É preciso certa quantidade de desprazer para que atinja o seu limiar e cause a dor. No masoquista, a dor é irrelevante mediante a quantidade de excitação sexual sentida através dela. O que está em jogo pela via da intensidade é o prazer entrelaçado com o desprazer e a posição de passividade que o sujeito ocupa na relação com o objeto sexual. De acordo com Freud, o que estaria em jogo na condição masoquista é a condição de passividade e de desprazer (FREUD, 1919/1996).

O masoquismo surge na primeira teoria pulsional como uma co-excitação da dor na teoria da libido (FREUD, 1905/1996, FORTES, 2007; 2012) e se torna um componente de um dos pares de opostos da pulsão sexual. Em 1915, Freud o situa como um dos destinos possíveis da pulsão (FREUD, 1915/1996), sua funcionalidade está relacionada a uma das modalidades de defesa na circunscrição das pulsões no aparelho psíquico. Deste modo, Freud define os destinos da seguinte forma: reversão ao seu oposto; retorno em direção ao próprio eu (*self*); recalque²⁸; e sublimação (FREUD, 1915/1996).

²⁸ “O Recalque” também é um ensaio que está entre os textos metapsicológicos, publicado em 1915 (FREUD, 1915a/1996).

Na reversão ao seu oposto, há dois processos diferentes: a transformação da atividade para a passividade (muda-se a finalidade pulsional), e, a reversão de conteúdo. O segundo destino pulsional, o retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu (*self*) – muda-se o objeto e mantém a finalidade. Ilustramos, assim, com Sacher-Masoch o ato de eleger um objeto ao qual exercerá o papel de sujeito na relação. A atitude de escolha do objeto surge como uma condição para a eminência da satisfação na posição passiva do eu.

Com efeito, observamos que o eu torna-se passivo, e se satisfaz na medida em que se coloca sob uma condição em que se submete a um sujeito ativo. É nesta dinâmica que Freud (1915/1996) confere a esta condição, a passagem da atividade para a passividade (ASSOUN, 1996). O eu aí parece estar sempre dirigindo a cena, mesmo quando ele propõe atuar de modo passivo, segundo sua exigência pulsional. Assim, tanto a transformação da atividade para passividade quanto à reversão de objeto (objeto – eu) são referências do retorno para uma fixação narcísica do desenvolvimento libidinal, que correspondem talvez às tentativas de defesa do eu (FREUD, 1915/1996; ASSOUN, 1996). Desta forma, ambas as pulsões, sádico e masoquista, estão interligadas, mesmo na transformação em seu oposto, na mudança da finalidade ativa para passiva – pois, aquela anterior permanece ao lado da ulterior.

Procuramos fazer uma análise sobre o artigo *Bate-se em uma criança* (1919/1996), nele Freud se aprofunda no estudo sobre as perversões, complementando as investigações iniciais realizadas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996). Freud procura desvendar a polêmica noção do prazer da fantasia de espancamento e a satisfação sexual produzida por esta mesma fantasia. O que estaria em jogo seriam as possibilidades e impossibilidades que levariam essa fantasia a uma condição masoquista (FREUD, 1919/1996).

Neste sentido, a fantasia de espancamento, indica que um dos componentes da função sexual (sádico ou masoquista) desenvolveu-se de forma independente, criando uma fixação. Freud (1919/1996) analisa casos femininos e masculinos definindo três fases da fantasia. A primeira fase referida a um período primitivo da infância, a criança que cria a fantasia jamais é a que está sendo espancada. A segunda fase, a criança que é espancada, é a própria quem cria a fantasia, há um alto grau de prazer, consignando um caráter masoquista. E a terceira fase se aproxima com a primeira, a criança que cria a

fantasia desaparece da cena, de modo que o objeto que sofre a cena de violência são meninos desconhecidos, nenhum conteúdo é familiar à criança.

As fantasias são correlacionadas ao complexo de Édipo nas fixações afetivas da menina em relação ao pai que irá provocar sentimento de rivalidade em relação à mãe. Assim, o recalque atua mediante o amor incestuoso da criança, através de alguma situação frustrante. A ação do recalque transforma o sentimento amoroso em sentimento de culpa (FREUD, 1919/1996). O complexo de Édipo recebe uma carga de investimento libidinal que será oprimida pelo sentimento de culpa. Isso levará Freud a conceber o sentimento de culpa inconsciente como herdeiro do Complexo de Édipo, posteriormente, em seu ensaio *O ego e o id* (FREUD, 1923/1996). Quanto ao masoquismo, o desprazer aparece como uma de suas características ligada à privação do desejo de amor incestuoso pelo pai, que será submetido ao sentimento de culpa sob a ação do recalque. A respeito disso, o que se coloca em jogo na transformação do sadismo voltado sob o próprio eu (*self*) na posição masoquista é a influência do sentimento de culpa que opera ligado à ação do recalque.

Também nos chama a atenção neste ensaio, à inserção da atitude feminina que aparece nas fantasias masoquistas dos homens. Freud coloca em questão “se essa atitude feminina está na base do elemento masoquista na fantasia de espancamento infantil” (FREUD, 1919/1996, p. 212). Posteriormente, em 1924, Freud introduzirá a noção de masoquismo feminino fundamentado nesta reflexão. Assim, Freud lança mão da teoria formulada por Alfred Adler sobre o ‘protesto masculino’, para articular a questão do recalque na luta entre os impulsos feminino e masculino. A teoria consiste em que todo indivíduo luta “para não permanecer na inferior ‘*linha feminina*’” (FREUD, 1919/1996, p. 217, grifo nosso). O desejo de romper com a feminilidade seria a força motivadora do recalque, segundo Freud (1919/2010). Este é um tema que irá retornar à Freud em seu ensaio *Análise terminável e interminável* (1937/1996), onde essa recusa à condição de feminilidade faz do indivíduo seu ponto de resistência em análise.

No nosso terceiro capítulo, dedicamos à reformulação conceitual e metapsicológica do masoquismo na teoria freudiana. Freud relaciona o prazer e o desprazer numa categoria agregada, onde o sujeito se satisfaz pela função do desprazer. A relação princípio de prazer-desprazer ganha a categoria de um além do princípio de prazer, consolidado com o princípio de nirvana. (FREUD, 1920/1996; BIRMAN, 2009). A hipótese da pulsão de

morte é forjada a partir do conceito de compulsão à repetição observado por Freud nas experiências de brincadeiras infantis, nos sonhos de guerra e nas neuroses de transferências. Consiste num processo de repetição em si mesma vinculado ao desprazer, conferindo ao psiquismo uma tendência a reduzir a zero a quantidade de excitação.

Neste capítulo se destaca a importância dos fenômenos do sadismo e do masoquismo para a postulação da pulsão agressiva e destrutiva em sua segunda teoria pulsional. São por essas duas modalidades que Freud inaugura a tese sobre a existência de uma pulsão de caráter agressivo e destrutivo no aparelho psíquico. O masoquismo passa a ser considerado a ‘pedra angular’ do segundo dualismo pulsional. (Freud 1933a/2010). O sadismo e o masoquismo são estabelecidos como exemplos da combinação entre *Eros* e a agressividade. Ademais, todos os impulsos consistem na mistura destas duas modalidades pulsionais no psiquismo (FREUD, 1920/2010; 1933a/2010). O aparelho psíquico é regido em torno desses dois movimentos de forma contínua e descontínua, a saber, um movimento que tem a tendência permanente e insistente de retornar ao seu ponto de origem, estado do inorgânico (FREUD, 1920/2010).

Com a hipótese econômica da segunda metapsicologia freudiana, o Id, considerado “o grande reservatório de libido” (FREUD, 1923/2010, p.37, n.13), tem em seu âmago a fonte de origem de todos os impulsos (libidinal e agressivo) do organismo, desta forma, Freud reconhece o masoquismo presente originariamente neste interior. Assim, o sadismo é um instinto de destruição que se coloca para fora em direção aos objetos do mundo externo em um caráter de agressividade, e a energia primária que surge no interior do organismo vem com o masoquismo na sua junção com *Eros* (FREUD, 1924/1996; 1924/2010; 1933a/2010). Neste processo, a função do princípio de prazer é não deixar que o psiquismo se realize em função ao ponto de inercia do organismo vivo, ou seja, da morte (HANNIS, 1999). Sendo assim, Freud mantém sua postulação em relação ao princípio de prazer – uma função necessária para mediar ações do princípio de nirvana, pois sem a incidência desta regulação, o aparelho tende a confluir um excesso de excitação ou uma descarga absoluta (FORTES, 2012).

As pulsões passam a constituir uma categoria dualista dividida em dois grupos: o erótico, correspondendo às pulsões de vida “buscando aglomerar substância viva em unidades cada vez maiores” (FREUD, 1933a/2010, p. 258), e, as pulsões de morte, que

trabalham na tentativa de contrariar “esse esforço e reconduzir o elemento vivo ao estado inorgânico” (FREUD, 1933a/2010, p. 258). Desse modo, o prazer e o desprazer não estariam mais correlacionados a diminuição ou ao aumento de tensão (FREUD, 1924/2010).

Em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud concebe definitivamente a existência de um masoquismo primário, a partir dos conceitos de fusão e des fusão das pulsões. Assim, três modalidades de masoquismo são lançadas: o masoquismo originário, o masoquismo feminino e o masoquismo moral. No masoquismo primário ou originário, o que está em jogo é uma mistura de pulsão de morte e pulsão de vida em graus diversificados.

No masoquismo feminino, Freud aponta que as fantasias masoquistas colocam o sujeito numa situação caracteristicamente feminina, submetidos à castração, expressando um composto entre as atitudes infantis e a posição feminina. O sentimento de culpa também surge no conteúdo manifesto dessas fantasias, o sujeito necessita ser punido, castigado.

E o masoquismo moral, sendo a forma mais direta com o sofrimento. Neste, dois pontos são importantes: a relação entre o supereu e o eu articulada pelo sentimento inconsciente de culpa e a necessidade de castigo, encontrada no fenômeno clínico da reação terapêutica negativa – o sujeito mediante ao sentimento de culpa tem a tendência a permanecer no estado de sofrimento como forma de castigo.

Assim, o supereu representa as exigências da moralidade sob o eu, que se expressa através do sentimento de culpa. Esse papel é internalizado de uma fonte externa, através da relação de autoridade parental. Deste modo, o supereu é concebido como herdeiro do complexo de Édipo, se originando pelo viés da identificação. No fracasso terapêutico o Eu trabalha na função de defesa buscando situações que o remete novamente ao perigo. O sujeito tende a repetir essa reação defensiva no tratamento analítico, os mecanismos de defesa aparecem como resistências em oposição à melhora do paciente.

A introdução da pulsão de morte implica para a psicanálise na hipótese de uma condição masoquista originária para o Eu. Com a concepção de um masoquismo primário, o Eu torna-se primeiro objeto atingido pela pulsão de morte (SANTOS, 2002). No entanto, a ligação da pulsão de morte com *Eros* é o que vai garantir ao Eu a luta pela vida contra a tendência permanente e insistente à morte. Assim, o masoquismo originário, primário

ou erógeno é a forma fundamental que o psiquismo tem para lidar com o desamparo originário do infante. Pela ação da libido, o masoquismo erógeno atua não como pura pulsão de morte, mas como pulsão de vida (FREUD, 1924/2010). É desta forma que a leitura freudiana aponta para o masoquismo erógeno como fenômeno fundante do aparelho psíquico para lidar com o desamparo primordial.

Ao trabalhar com o masoquismo feminino e o masoquismo moral, Freud levanta a hipótese da necessidade de castigo aliada ao sentimento de culpa e da posição servil que o sujeito assume diante do outro. O masoquismo, a submissão e a culpa seria o preço alto a pagar para se inscrever na civilização (FREUD, 1930; BIRMAN, 2006; FORTES; 2012; EDLER, 2014).

Assim, o sujeito lança mão de uma posição dentro da lógica fálica, assumindo uma posição de submissão e de servidão diante do outro. O masoquismo feminino e o masoquismo moral seriam a forma privilegiada que o sujeito encontra para lidar com a ameaça de desamparo, concebidos, desta forma, como modos de subjetivação (BIRMAN, 1999). Desta forma, qual seria o contrato possível que o ‘masoquista’ poderia estabelecer, nos dias de hoje, para se resguardar desta ameaça do desamparo, se vivemos numa sociedade líquida (BAUMAN, 2007), onde as relações sociais se estabelecem de forma fragmentada? – Esta é uma questão que atravessou a nossa pesquisa e que deixaremos a pensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, J. Entre angústia e desamparo. *Revista Ágora* vol. IV; n.2, pp. 95-109, jul-dez 2001.
- ANDRÉ, S. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ASSOUN, P-L. *Metapsicologia Freudiana: uma introdução*. Tradução: Dulce Estrada; revisão Marcos Comaru. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- BAUMAN, *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BESSET, V. L. Angústia e desamparo. *Revista Mal-Estar e Subjetividade / Fortaleza /* vol. II, n. 2, pp. 203-215 / set. 2002.
- BREUER; FREUD, S. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. O signo e seus excessos. A clínica em Deleuze. In: Alliez, E. (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed.34, 2000.
- _____. Relançando os dados: a psicopatologia na pós-modernidade, novamente. In: VIOLANTE, M. L. V. *O (im) possível diálogo psicanálise psiquiatria*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2002.
- _____. Fraternidades, seus destinos e impasses. In: JUNIOR, C. A. P. (org.). *Novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Contra - Capa, 2004.
- _____. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- _____. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. A dor na constituição do discurso freudiano (Apresentação). In: FORTES, M. I. *A dor psíquica*. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012 a.
- _____. A lei e a norma. In *1º Colóquio Psicanálise, Cultura e Sociedade RAZÃO e ÉTICA*. Orgs. PPG em Teoria Psicanalítica/IP– UFRJ; CRPM- *Université Paris VII*;

PPG em Psicologia–UFS; PPG em Psicologia–UFPA; Escola de Comunicação–UFRJ, realizado em Rio de Janeiro, 2014.

CANGUILHEM, G. (1943). *O normal e o patológico*. Tradução de Maria Thereza C. Barrocas e Luiz Octávio F. Leite. 5ª edição Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DELEUZE, G. (1967). *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. São Paulo: Jorge Zahar, 2009.

_____. (1989). Re - présentation de Masoch. In. DELEUZE, *Critique et clinique*, 18/05/1989.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1947). Comment se faire un corps sans organes? In: *6. Mille Plateaux*, 28 novembre 1947.

_____. (1973) *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*; Tradução de Luiz B. L. Orlandi – São Paulo: Ed. 34, 2010.

DOR, J. (1989). *O pai e sua função em psicanálise*. 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

EDLER, S. *Luto e melancolia: à sombra do espetáculo*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

ELIA, L. *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

FERRAZ, F. C. Introdução. In: SACHER-MASOCH. L. Von. (1870). *A Vênus das peles*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2008, p. 9-19.

FORTES, M. I. Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana. *Psicol. clin.* [online]. 2007 - vol. 19, n.2, p. 35- 44.

_____. *A dor psíquica*. Editor José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

FOUCAULT, M. (1974-75). *Os anormais: curso no College de France (1974-1975)*. Trad. Eduardo Brandio. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

_____. (1975). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. (1976). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, C. P. & MACHADO, J. S. Afinal, quem foi Sacher-Masoch? *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [online]. 2012, vol. 15, n. 2, pp. 419-434.

FREUD, S. (1897). Carta 69 – 21 de setembro de 1897 – Extratos dos documentos dirigidos à Fliess (1950[1892-1899]). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____. (1897). Carta 71 – 15 de outubro de 1897 – Extratos dos documentos dirigidos à Fliess (1950[1892-1899]). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1900). Interpretações dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1910). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1913). Totem e tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1915a). O recalque. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1917). Luto e melancolia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1918[1914]). História de uma neurose infantil. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1919). Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923). O Ego e o Id. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924a). A dissolução do Complexo de Édipo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1939[1934-38]). Moisés e o monoteísmo três ensaios. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: FREUD, S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos. Obras completas, Vol. X. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1913). Totem e tabu. In: FREUD, S. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Obras completas, Vol. XI. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915). Os instintos e seus destinos. In: FREUD, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Obras completas, Vol. XII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1919). Bate-se numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, além do princípio do prazer e outros textos. Obras completas, Vol. XIV. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos*. Obras completas, Vol. XIV. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1923). O eu e o id. In: FREUD, S. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. Obras completas, Vol. XVI. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, S. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. Obras completas, Vol. XVI. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1924a). A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, S. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. Obras completas, Vol. XVI. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos*. Obras completas, Vol. XVII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1927). O fetichismo. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos*. Obras completas, Vol. XVII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1927a). O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos*. Obras completas, Vol. XVII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Obras completas, Vol. XVIII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1933). A dissecação da personalidade psíquica (Conferência 31) – Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Obras completas, Vol. XVIII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1933a). Angústia e instintos (Conferência 32) – Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Obras completas, Vol. XVIII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. *Introdução à metapsicologia 3 - Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge zahar Ed., 2009.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 4ª ed, 1996.

HANNS, L. A. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.

KRAFFT-EBING, R. Von. (1886). *Psychopathia sexualis. Avec recherche spéciales sur l'inversion sexuelle*. Paris: Georges Carré Éditeur, 1895.

_____. (1886). *Psychopathia sexualis: as histórias de caso*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas I - A angústia*. Trad. Álvaro Cabral, Martins Fontes Ed.: São Paulo, 1987.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1982). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAGALHÃES, P. M. O enigma do masoquismo em Freud. *Dissertação de Mestrado do curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica / Instituto de Psicologia – PPGTP/IP/UFRJ*, 1994.

MICHEL, B. (1989). *Sacher-Masoch (1836-1895)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

PEREIRA, M. E. C. Krafft-Ebing, a *Psychopathia Sexualis* e a criação da noção médica de sadismo. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [online]. 2009, vol.12, n.2, pp. 379-386.

_____. *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta, 1999.

RUDGE, A. M. *Trauma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.

SACHER-MASOCH, L. Von. (1870). *A Vênus das peles*. São Paulo: Hedra, 2008.

SANTOS, L. G. *O conceito de repetição em Freud*, São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VAZ, P. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. Trabalho apresentado ao *Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará*, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.